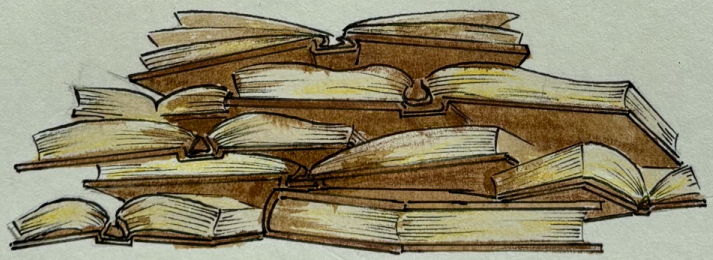
A Saga Magister-Auctor



O paraíso dos livros

Lev Auctor

Maria liber

Versão 2.03

Título: *A Saga Magister Auctor 11. O Paraíso dos livros*
Título Original: De Magister-Auctor Sage 11. *Het paradijs der Boeken*
Co-autores: Lev Auctor e Maria Liber
E-book paginada com Charter 14

Maria Liber, 122.15. Segunda edição revista 122.25

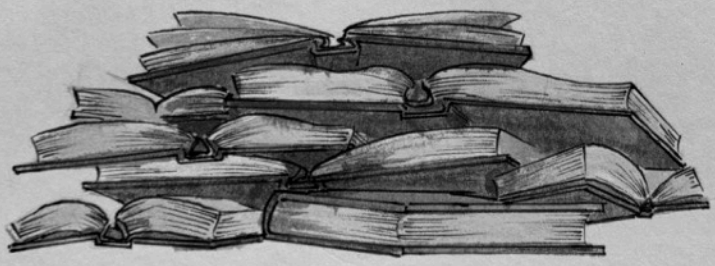
Neste livro, mencionamos às vezes comunidades de aprendizagem que subscrevem a *Carta do Aprendente*. As comunidades de aprendizagem e os grupos de aprendizagem são aqui os *Grupos da Carta* [ver *A Era dos Aprendizes* para o conteúdo da carta].

Para o século XXI A Saga Magister-Auctor é publicada sob licença Creative Communs BY-NC-ND 4.0 por Pascal Paulus com capa de Frank Nuyts.

A partir de 127.27, algumas partes deste livro foram escritas por Lev na primeira pessoa. Fiz uma revisão completa de todos os livros em 122.25, alguns anos após a morte de Lev.
Não alterei nada do que Lev escreveu na primeira publicação em 122.15 por causa do grande respeito e admiração que sempre tive pelo meu sogro.

Maria Liber.

A Saga Magister-Auctor



O paraíso dos livros

Lev Auctor

Maria liber

Para Manuel, Sebastião
e Olívia

Últimos perigos de Bloomkamp (2091-2094)

Fernanda sai da estação de métro para onde levou Joana alguns meses antes de ir para *Bradin*. Ela acaba de voltar de uma curta estadia na Megabelgium. É estranho não ver a irmã na entrada. Ela caminha para casa, perdida em pensamentos. Ao passar pela Casa Biblioteca Paulo Demeester, vê que a luz ainda está acesa. A avó Greta estará ainda lá? Ela hesita por um momento, mas depois continua. Amanhã visitará a família.

Ainda é cedo no dia seguinte quando a sua mãe a chama. Paulo conta que acaba de se tornar avô de uma neta. Fernanda lembra-se que Alberta vive com um engenheiro de minas faz agora dois anos, que segundo o próprio raramente visita uma mina e duvida ter alguma qualificação em engenharia. Se ela estiver certa o parceiro de Alberta vem de algum lugar no Extremo Oriente de Waçúm. Mas ele tem o nome bem ibérico Fernando. Ela lembra-se disso porque, claro, também é seu nome na declinação feminina.

Inês avisa ainda que está marcada uma pequena reunião de família na casa de Alexandre e Manuela. Fernanda promete que irá, principalmente quando sabe que a avó Greta também estará.

Quando Fernanda entra na sala de reuniões onde a família se juntou, Fernando está a explicar que no seu país de origem a filha deles seria Ngô N'Kondo Sang, de Ngô Fernando e de N'Kondo Lejeune Alberta. Portanto, os nomes viriam na ordem inversa.

"No nosso país, é de facto costume mencionar primeiro o nome próprio e depois os apelidos," começa Greta. "Mas há variações.

Lembro-me do meu avô me contar como todos na escola eram chamados pelo apelido e como as listas alfabéticas eram organizadas por apelido. Ele acrescentou que, como professor, sempre chamava as crianças pelo nome próprio e compilava as listas de acordo com esse nome próprio."

Fernanda então pergunta: "Então o teu nome próprio é Fernando? Como conseguiste um nome germânico corrompido?"

Fernando ri. "Sim, nós somos *Frithunands*, os corajosos defensores da paz, não somos? Na verdade, o meu nome de nascimento é Ngô Pham Dung. Pham é o sobrenome da minha mãe. Quando me inscrevi para a EuroBrussels, tive que fornecer um primeiro nome e um apelido. Então seria Dung Ngô ou Dung Pham. Fui aconselhado a usar o apelido do meu pai, não me lembro por quê. Dung significa algo como 'o corajoso'.

Mas logo desisti da EuroBrussels. Parti para Megalissipo e, no caminho, decidi substituir Dung por Fernando. E mantive a ordem de EuroBrussels: Fernando Ngô. *Paz* encontra *coragem* e vem do sul da China. Não sei se sou um defensor tão corajoso da paz, mas espero que seja", conclui Fernando, rindo.

"A paz encontra a coragem?", pergunta Greta.

"Ferdinando seria a conexão das antigas palavras germânicas *Frid* em *Nand*. Isso significaria juntos, corajosos pacificadores", explica Fernanda.

"Mas como foi que o nosso corajoso pacificador foi parar em Megalissipo?", pergunta Inês.

"Isso levará algum tempo para contar", diz Fernando olhando para Alberta.

Alberta então diz: "Conte Fernando, acho que o meu avô, o meu

tio Alexandre e a minha prima Greta vão gostar de te ouvir. E é melhor Fernanda também saber o que me contaste desde que chegaste."

Fernando concorda. "Antes de começarmos, mais uma coisa. Como Paulo e Pedro sabem, Alberta e eu moramos juntos há dois anos. Decidimos juntar-nos logo depois de eu chegar a Megalissipo. Eu tinha apenas 20 anos quando saí de MegaMinh. A EuroBrussels estava a recrutar jovens engenheiros de minas para uma possível prospecção de *Terras Raras* no Norte da Península Ibérica (sudoeste de Erebúm) e eu senti-me como se estivesse numa aventura. Muito do que vou contar agora, aprendi aos poucos. Nos últimos meses, tenho recebido regularmente a confirmação das informações que reuni aos poucos. Não é nada agradável."

"Teorias de conspiração, Fernando?" pergunta Sérgio.

"Se ao menos seriam só teorias," suspira Fernando. "Eu perderia menos sono por causa disso. Não, Sérgio. Que diabo, os *Bloomcampers* estão a deixar fazer os seus governantes fantoches o que eles querem é, infelizmente isso é uma dura realidade."

"Vá-lá," diz Inês, "conta-nos!"

"Ótimo. Como eu disse, eu tinha acabado de completar vinte anos quando me formei em engenharia de minas. O meu pai trabalha como prospector de minas. Desde a primeira metade deste século, sabemos que o norte do então Vietnam possui reservas de Terras Raras. Quando os *Bloomcampers* remodelaram o mundo e criaram as Megapoleis, a nossa área ficou cada vez mais sob o controle dos governos do Reino do Meio e dos territórios

indianos. Nesse processo, grandes partes do Norte foram evacuadas. Duas Megapoleis foram formadas: *MegaMinh* no sul e *MegaNang* no centro. A antiga capital do Vietnam foi quase completamente evacuada e dessa forma, a indústria de mineração em todo o Norte pôde ficar sob o controle de grupos que estavam diretamente sob as ordens da administração de Bloomcamp controlada pelo Reino do Meio. Quando meu pai se aposentou doente em MegaMinh, ele sempre me contava acerca das enormes áreas de mineração espalhadas por toda a região do Golfo de Tonkin. Ele sugeriu que eu fosse dar uma olhada.

Foi-me concedida permissão para usar o *RESULT* (*Transporte Restringido Ultra-rápido* ou ***RES***tricted ***UL***trafast ***T***ransport em Inglês) e lá fui eu a procura da aventura cerca de 2.000 km à norte de MegaMinh. Visitei três minas de céu aberto. O mais impressionante nessas minas é a destruição total do meio ambiente. As minas e os corredores são tão grandes que muitas vezes te sentes como se estivesses a olhar para novas e venenosas paisagens desérticas. Desde o início da segunda metade deste século, o comportamento mais comum tem sido a extração rápida e, em seguida simplesmente abandonar a área. Eu não sabia nada disso quando cheguei à primeira mina, mas gradualmente adquiri conhecimento sobre o assunto. Grande parte da mineração atual utiliza moradores locais. Geralmente, trata-se de comunidades rurais de Ignorantes. Na prática, são prisioneiros. Essas comunidades rurais vivem longe de tudo e vivem sob o jugo de um líder local. Colegas engenheiros de minas explicaram-me que para ter trabalhadores suficientes eles fazem acordos com esses líderes. Em troca de pagamentos em

géneros a mina recebe os trabalhadores. Os engenheiros geralmente sabem como isso é feito, mas voltarei ao assunto. Em primeiro lugar hoje a mineração tem pouco a ver com a produção em massa de bens de consumo. A procura de grandes quantidades de matéria-prima para a fabricação de veículos individuais, por exemplo, desapareceu por completo. Apenas os *Bloomcampers* ainda têm veículos individuais. A mineração em si geralmente não é um negócio lucrativo, os terrenos são. Hoje, trata-se apenas de extrair as matérias-primas necessárias para projetos de construção megalómanos no espaço e para alguns tipos de dispositivos muito sofisticados, principalmente para fins de defesa."

"Para fins de defesa?" pergunta Sérgio. "Achei que não havia grande necessidade disso no momento. As pessoas não ficam presas na Megapoleis?"

"Exatamente," diz Fernando. "E é exatamente esse o ponto. As pessoas precisam de permanecer nas Megapoleis. Em torno de algumas das maiores unidades, especialmente no Reino do Meio e na área que recentemente incluiu a União dos Estados Americanos, há cordões para impedir que muitas pessoas saiam dessas poleis. Em torno de todas os condomínios *Bloomcamp* há hoje grandes anéis de defesa para impedir ataques de comunidades rurais. Na maioria das vezes, os ataques brutais são feitos por Ignorantes agressivas. Os anéis de defesa automáticos simplesmente os matam.

"Projetos espaciais megalómanos", observa Fernanda, pensativa.

"Sim, já ouviram falar de *Elysium*?" responde Fernando.

Fernanda, Inês e Sérgio olham espantados um para o outro

surpreendidos. Então Fernanda diz: "*Elysium*…sim, é disso que se fala em Bradin. Muitos pensam que é uma cidade de fantasia inventado pelos *Bloomcampers*."
"Em Bradin," Fernando sorri. "Só em Bradin? Sabes…"
"Mas estavas a falar de quem trabalha nas minas," interrompe-o Inês.
Fernando faz uma pausa e diz então: "Sabe... eu vi jovens e homens de meia-idade entre os trabalhadores. Quem não tem família dorme em barracos. Eles têm um refeitório e pouco mais. Os engenheiros de minas falam sobre um contrato por prazo determinado. Esse contrato é estranho. Para aqueles com menos de 25 anos, o contrato dura 25 anos ou até que a mina se esgote. O prazo do contrato diminui em um ano para cada ano de idade do trabalhador. O prazo mínimo é de dois anos para aqueles que têm 48 anos no momento do início do contrato. Não há comunidades num raio de 100 km das minas. Os líderes dessas comunidades são eles próprios potentados ditatoriais. Eles governam com força bruta e enviam jovens. Em troca de uma cota de mão de obra, eles recebem armas e munição para manter seu próprio pequeno exército e usá-lo para prender e deter quem vagueia nas comunidades rurais. Qualquer pessoa que vá para as minas não pode deixar a área durante a vigência do contrato, sob pena de trabalho subterrâneo, prisão ou execução. O 'salário' consiste em alimentação e um lugar para dormir. Quem ainda estiver vivo ao final do contrato poderá retornar para uma comunidade rural e terá o direito de tomar posse de 100 metros quadrados de terra. E é isso."
"Entendo por que usaste a palavra prisioneiros," diz Greta.

“Antigamente, dava-se a estes lugares o nome de campos de trabalho. Isso é trabalho escravo.”

“Sim, é. A maior parte da mineração é feita tanto a céu aberto quanto subterrânea. A última é, obviamente, muito mais perigosa. Mas a mineração a céu aberto também causa acidentes fatais especialmente quando pessoas e veículos autónomos trabalham lado a lado. Um jovem de 25 anos tem cerca de uma chance em três de concluir o contrato. A alta taxa de mortalidade significa que os pequenos governantes locais complementam a sua cota com homens mais velhos. Se já têm esposa e filhos, a família é também obrigada a ir. Eles então ficam perto das minas a viver numa barraca ou cabana construída por eles. Mulheres e crianças não podem sair da barraca ou cabana. Geralmente, cultivam algo numa pequena horta. Têm que entregar três quartos de tudo o que plantam ou cultivam. As mulheres permanecem no local pelo mesmo período que seus parceiros; os meninos ‘celebram’ automaticamente um contrato assim que completam 18 anos. As meninas são enviadas de volta ao seu local de origem nessa idade ou antes.”

Sérgio empalideceu cada vez mais ouvindo a história de Fernando. De repente, ele tem uma visão diferente da vida fora da metrópole, diferente da imagem um tanto idílica que se tinha formado por meio de seus contatos com os grupos da *ignarysis* e grupos rurais da Rede Global Zafónis, a *GNet-Z*. “Isso é desumano,” observa. “Os Governos Centrais têm conhecimento dessas práticas?”

O resto da família olha para ele com surpresa.

“Meu caro marido ingénuo, aí estás novamente”, diz Inês. “A

política geral de manipulação da Ignorância vem desses mesmos governos, não? Esqueceste-te das palavras dos nossos filhos? Um Governo Local de um determinado lugar pode não saber tudo acerca da busca por *Terras Raras* e minerais. Mas quando ouvimos como em quase todos os lugares das Megapoleis o controle sobre quem sai é quase inexistente e o controle sobre quem entra é muito rígido, então posso imaginar que isso não é apenas para membros da *GNet-Z*, mas também para não dar aos 'fugitivos' a oportunidade de contar a sua história. Estou convencido de que…"

Desta vez é Fernando quem surpreende Inês.

"Espera aí! O Sérgio está a falar do grupo Zafónis e agora tu dizes *GNet-Z*. Têm conhecimento da existência desses grupos?"

"Alberta, moras há dois anos com esse doce menino, têm uma filha juntos e nunca falaram nada acerca do nosso trabalho meio clandestino na Casa Biblioteca?" comenta Alexandre.

Alberta olha para o avô e para o tio-avô, um de cada vez. "Já faz algum tempo que sei que Fernando sabe dos grupos *GNet-Z*. Mas eu queria ser discreto. Vocês mesmos sempre dizem que não sabemos exatamente quem está espionando quem. Claro que confio plenamente no Fernando, mas muita gente entre e sai na nossa casa e nunca se sabe. Não temos um escudo eletrónico como temos aqui na Biblioteca.

Fernando olha ao redor e então começa a rir.

"Uma segurança eletrónica contra dispositivos de escuta? Aqui! Na biblioteca? Bem bom! Eu já estava a suar, achando que poderia estar a falar demais e colocar em risco a vossa segurança e a minha. Posso contar mais?"

“Conte-nos tudo.”

“Bem. A minha absoluta perplexidade com tudo o que vi e ouvi, e o desconforto que demonstrei ao tomar conhecimento, aparentemente chamaram rapidamente a atenção de dois dos meus colegas. Gradualmente desenvolvemos maior confiança e, certa noite, nós os três estávamos sentados ao ar livre, perto de uma pequena fogueira, longe da residência dos funcionários. De repente, um deles perguntou se eu já tinha ouvido falar dos *GNet-Z*. Daí a minha surpresa, Inês. Ambos eram de Chittagong e aparentemente entraram clandestinamente nesta área de mineração. Faziam parte de um grupo *GNet-Z* de engenheiros tentando mapear onde os *Bloomcampers* mais ativamente mineravam e quais os minérios mais procurados. Com a fragmentação da informação, o fechamento de muitos centros de investigação e a constante contra-informação, isso é difícil hoje em dia. Eles convidaram-me para acompanhá-los durante a sua próxima viagem de prospecção. Agora devem saber que a *GNet-Z* tem equipamento miniatura para realizar video-chamadas nos locais mais remotos. Uma viagem de prospecção é uma atividade normal em áreas de mineração e levanta poucas portanto suspeitas se o mesmo pequeno grupo não fizer esse tipo de viagem com demasiado frequência. Algumas semanas depois, estávamos numa possível nova área para ser minerada e, pela primeira vez, participei de uma video-chamada com engenheiros em outros locais, tanto no norte do continente, em Erebúm como no sul do continente Alkebulan. Um colega da Base Lunar 1 também participou da chamada. Essa primeira chamada foi uma revelação para mim e trouxe uma mudança

definitiva na minha vida. Eu não queria ser cúmplice da exploração de escravos e também queria saber mais sobre o que os *Bloomcampers* realmente planeiam fazer. Esse também era mais ou menos o objetivo de todo o grupo de engenharia. Da base lunar há relatos cada bem perturbadores de que armas nucleares foram usadas aí para atingir minerais profundos. Há hoje um plano totalmente maluco que vai muito além de fazer alguns furos de sondagem. Alguns *Bloomcampers* propõem usar o grande arsenal nuclear ainda existente para perfurar buracos com mais de vinte quilómetros de profundidade em determinados locais do planeta, possibilitando assim a extração de metal diretamente do manto terrestre. Ao mesmo tempo, seriam realizados ataques a comunidades rurais localizadas perto de áreas a serem exploradas em áreas costeiras onde a descontinuidade Moho é de cerca de vinte a trinta km."

"Descontinuidade Moho?" pergunta Alexandre.

"Desculpe. Jargão. Em termos simples, a descontinuidade Moho é a transição entre a crosta terrestre e o manto terrestre. Esta é menos espesso sob os oceanos mas frequentemente inacessível para fins práticos. A perfuração até agora não atingiu uma profundidade superior a 15 km a partir de solo sólido. No interior, essa profundidade é de cerca de 40 a 60 km, nas altas montanhas um pouco mais. É por isso que as áreas costeiras são as mais interessantes para a perfuração. E estas são geralmente áreas de grande superfície. Toda a Península Ibérica é candidata a ser varrida assim como grandes partes das regiões de MegaNang e MegaMinh. Logo após a primeira videoconferência na qual participei, elaboramos um plano para descobrir mais

sobre o que EuroBrussels estava a pensar nessa área do Sul. Eu viajaria para cá como consultor escolhido por especialistas do Reino do Meio para oferecer os meus serviços numa possível aplicação em partes escassamente povoadas da Península Ibérica e Megasul.

Há quase quatro anos recebi as autorizações de viagem necessárias para apanhar a conexão RESULT através do Reino do Meio e do Sacro Reino Ortodoxo da Nação Russa até Megabelgium. Como todos sabem, uma parte importante do Governo Central de quase todo o Continente de Erebúm ainda está localizada em EuroBrussels. Os administradores aqui são muito menos fechados do que os administradores do Reino do Meio. Assim que pensam que estão a lidar com alguém de dentro falam abertamente sobre tudo. Raramente respeitam a regra manter a informação compartimentada. Falam abertamente com um engenheiro de minas sobre técnicas de espionagem. E quando um engenheiro de minas começa a falar sobre prospecção de minerais metálicos supercondutores, ele recebe informações imediatas e quase sem o solicitar sobre o que *Bloomcampers* pretendem com Lagrange 3 do sistema Sol-Terra."

"Estamos a pensar em computadores quânticos ou inteligência eletrónica quântica para comunicação com veículos automatizados de exploração espacial", diz Fernanda. "É por isso que também buscamos novas formas de movimento no espaço. Em Bradin, as pessoas estão bastante entusiasmadas com o propulsor teórico de Alcubierre."

"Posso acalmar o teu entusiasmo por um instante, Fernanda,"

diz Fernando. "*Bloomcamp* não está nem um pouco interessado em melhorar a tecnologia quântica para exploração espacial de Lagrange 3. *Bloomcamp* está apenas interessado no resfriamento e na supercondutividade para moldar o seu projeto *Elysium*. Posso garantir que *Elysium* não é um conto de fadas, mas um projeto muito concreto que os *Bloomcampers* querem ter pronto até o final do século, ou seja de aqui dez anos (!). Grande parte de toda a investigação financiada é só para esse fim. E posso dizer também que o dinheiro que o fundo Brandad investe em pesquisa matemática por exemplo tem a ver com isso, tanto em Bradin quanto em Megapple.

Fernanda parece um pouco desconcertada agora. Ela pensa como a comunidade matemática está empolgada sempre que entra dinheiro para continuar a trabalhar em projetos às vezes considerados bastante futuristas, mesmo na própria comunidade. O trabalho científico deles supostamente serve apenas para um projeto espacial egoísta? Acha muito difícil acreditar nisso. Mas talvez seja cedo demais para expressar as suas dúvidas. Ela decide tentar descobrir mais de outras fontes para ver se corroboram a história de Fernando.

"Como vens parar aqui em Megalissipo?" pergunta Greta.

"Desculpem, divaguei um pouco. Mas isso foi para explicar que, na verdade, consegui quase todas as informações que precisávamos para *GNet-Z* em EuroBrussels. Mesmo assim, eu queria revelar a verdade sobre o motivo oficial. Foi por isso que comecei a organizar os documentos necessários para começar a prospectar no Sudoeste da Península Ibérica. De acordo com o Departamento de Assuntos Ibéricos da Administração do

Grande Erebúm, os mapas geológicos indicam quantidades interessantes de zircônio, háfnio, titânio, nióbio, tântalo, ítrio e escândio. Além disso, há água disponível de uma grande barragem próxima. Assim ninguém suspeitou que tivesse várias perguntas sobre a exploração na minha lista. Como a EuroBrussels via a relação entre a mineração automatizada controlada por inteligência electrónica e o uso de mão de obra barata? Eu sempre recebia a mesma resposta, o que era muito preocupante. *Bloomcamp* não quer ver mais Terras Raras desaparecerem nos instrumentos usados no planeta Terra para minerar essas mesmas Terras Raras. Há um mandato muito claro para procurar mais comunidades rurais de Ignorantes para colocar a trabalhar com contratos vinculativos como é feito no Reino do Meio. Ora, o Sudoeste da Península Ibérica é bem diferente em comparação com a região mineira do Sudeste daquele Reino. Para não deixar ninguém desaparecer das minas, aqui são necessários uma espécie de campo de concentração. Assim que a prospecção confirmar as informações dos mapas geológicos, disseram-me, um grande projeto seria montado. Comunidades rurais a até 100 km de distância seriam todas forçadas a ir para a região mineira. Depois Megalissipo e Megandalusalgarb devem fornecer o resto dos Ignorantes em número suficiente para obter a mão de obra necessária. Um programa de ensino à distância está pronto para a escola a distância nas periferias pobres dessas duas Poleis, pronto para atrair jovens para aquela área com propaganda oficial. Os próprios campos de concentração terão o mesmo design dos campos de trabalho que os regimes totalitários vêm construindo

desde a década de 1930. Eles ainda provam seu valor hoje, agora que quase em todos os lugares as Megapoleis têm governos totalitários e fascistas que *Bloomcamp* por sua vez tem firmemente sob controle. A minha missão final de EuroBrussels foi para viajar a ambas as Poleis após concluir a prospecção e auxiliar as autoridades locais na preparação da propaganda para capturar Ignorantes."

"Mas, pelo que vejo, isso não aconteceu," diz Inês. " Não falarias sobre isso aqui com essa calma, mas também não foste preso pelo Governo Local por não fazer o teu trabalho."

Fernando abana a cabeça. "Um pouco de *bluff* por aqui e ali. Para começar, *bluff* com os relatórios de engenheiros *GNet-Z* falsificando aqui e ali, de modo que toda a área se torna repentinamente menos atrativa para a mineração. Para construir os poços, seria necessário usar explosões nucleares tão potentes e quase toda a população ibérica seria afetada. Prevemos que *Bloomcamp* por enquanto considera o risco grande demais para os intelectuais de Erebúm entender o seu jogo. De seguida elaboramos relatórios que mostrariam que a atividade dos grupos *Zafónis* originários da Península Ibérica garantem que em quase todos os distritos das poleis existam *Grupos da Carta* que analisam criticamente os programas de instrução."

Todos olham para Fernando um pouco inquietos. "Mas isso não é perigoso para os Grupos da Carta?" pensa Amy, avó de Alberta.

"Não muito. É um risco calculado. Tu fazes parte do *GNet-Z* e ainda assim tens duvidas da maneira como *Bloomcamp* uso os intelectuais críticos para os seus próprios projetos. Da mesma

forma, os Governos Centrais muitas vezes duvidam do impacto real das atividades de *GNet-Z*. Desde que Alberta e eu estamos juntos comecei a entender gradualmente o impacto de *Ignarysis*. E isso é uma parte essencial da *GNet-Z* do qual eu nunca tinha ouvido falar antes. Não as Autoridades Locais sobretudo não querem chatices. Por isso, preferem informar o Governo Central que, segundo os especialistas, as condições estão longe do ideal e que tudo precisa ser examinado mais de perto. Isso já acontece há mais de dois anos e parece que continuará assim por um bom tempo."

"Quanto tempo é um bom tempo?", pergunta Greta.

Fernando dá de ombros. "Não sabemos realmente. Não sabemos como os *Bloomcampers* reagirão quando vierem relatos não apenas do continente Erebúm, mas também das partes mais críticas dos continentes Vineland e das áreas do sudeste, de que a mineração nesses locais não é interessante. Mais cedo ou mais tarde irá parecer suspeito. Não podemos proteger os Ignorantes o tempo todo e também falhamos em fazer com que todos os Sabedores percebam que eles próprios estão a ser manipulados."

"Manipulados…," diz Sérgio, "mas nos informamo-nos mesmo assim. Temos as comunidades em democracia directa, com quem trabalhamos. Há os grupos de aprendizagem que assinam a *Carta dos Aprendentes*, nós falamos com *GNet-Z*…"

Não gosto de te contradizer, Sérgio. A população mundial, apesar das epidemias em curso e da pobreza generalizada em grande parte das Megapoleis tem agora 7 bilhões de adultos. Os números da mortalidade infantil aumentam rapidamente mas ainda não podemos falar de um declínio real. Pelo contrário. Com uma

população tão grande, *GNet-Z* é incapaz de contrariar a política geral de Ignorância. Isso é uma ilusão. Da Base Lunar, o grupo de engenharia recebe informações alarmantes sobre o estado do planeta. E os próprios *Bloomcampers* estão preocupados. Não para salvar o planeta, mas para salvar a sua pele. Estou a falar de nada mais do que os 40.000 habitantes mais ricos do planeta. Isso representa pouco menos de cinco centésimos de milésimos da população mundial adulta. Eles têm o poder e o dinheiro para fazer o que quiserem. Também para escolher os intelectuais que trabalham para eles. Já ouviram falar de… *Livres Vagantes*?"

Alexandre e Greta fazem um sinal de reconhecimento.

Alexandre diz: "Sabemos da existência deles há pouco mais de um ano. É uma espécie de reação à *Counter measures*. O *Cou-Clib-Clans* estão a agir de forma cada vez mais drástica. Nós mesmos decidimos selar os originais de tudo o que temos na biblioteca no subsolo."

"Os Cou-Clib-Clans fazem parte da história. Devem também saber que *GNet-Z* procura a conexão entre *Bloomcamp*, Governos Centrais e Locais e esses Clãs. Há coisas que não batem certo. Suponha um Intelectual, um *Sabedor* que para *Bloomcamp* é muito importante, atacado por um Cou-Clib-Clan. Essa pessoa decide tornar-se um *Livro Ambulante* e ir para uma comunidade rural remota. Mas a pessoa nunca chega. Aprendi em EuroBrussels que existem diretrizes para prender *Livres Vagantes* antes de se esconderem. Mas não sabemos realmente o que acontece. Eles são presos? Permanecem em comunidades rurais sem ligação com *GNet-Z*. Morrem pelo caminho?"

Fernanda suspira. "Na verdade, só viemos admirar a tua filha.

Mas deste-nos muito em que pensar. E tu? Sentes-te seguro aqui? Tu estavas em EuroBrussels e agora estás aqui…"
Alberta e Fernando riem. "Bem," diz Alberta. "Nós encontramo-nos por acaso na cave do museu onde ele tinha vindo entregar minerais de sua viagem de prospecção. Disse na altura que estava de passagem e voltaria daqui para MegaMinh. Não demorou muito para que ele se instalasse na minha casa. E eu disse-lhe que gostaria de passar a vida com ele, mas não em MegaMinh."
"E então", ri Fernando, "estou aqui. Por enquanto, não estou em perigo. Continuo em missão oficial para a EuroBrussels. Tenho reuniões regulares com o Governo Local, onde continuamos a discutir os riscos da mineração na Península Ibérica. Não sabemos o que os próximos anos nos reservam. Talvez eu receba o estatuto de suspeito agora por ter ido à vossa Casa Biblioteca. Quem sabe, talvez no futuro sejamos uma família de *Livres Vagantes*. Aí não iremos para MegaMinh, mas para uma das comunidades algures entre os trópicos, no Continente de Alkebulan. E, já agora, quero contribuir para os Grupos da Carta que a Casa Biblioteca organiza para crianças. Alexandre, contratas-me para trabalhar com crianças que criam projetos geográficos?"

Poucos dias depois, Inês e Fernanda perguntam por conhecidos seus que deixaram Megalissipo nos últimos dois anos. Rapidamente descobrem que quase ninguém sabe o seu destino atual. Não há video-chamadas ou correspondência com a maioria deles. Os poucos que reaparecem estão algures com uma comunidade que está em contato com *GNet-Z*. Eles

próprios afirmam não ter tido muitas dificuldades em contactar a respectiva comunidade, mas também não sabem nada sobre outros colegas desaparecidos. Alguns confirmam a informação de Fernando de que existem campos de concentração onde as pessoas são obrigadas a trabalhar. Em Megalissipo, porém, muitos acreditam que estes intelectuais que se retiraram estejam a exagerar. Querem enquadrar a sua própria atuação numa espécie de teoria da conspiração. Muito provavelmente, os colegas sobre os quais ninguém sabe nada estão simplesmente a trabalhar em projetos secretos. Isso não é novidade. Muitas situações deste tipo surgiram nos últimos cinquenta anos desde que as viagens se tornaram menos frequentes e existem regras muito rígidas sobre como o trabalho de investigação deve ser realizado devido ao financiamento.

Fernanda está apenas parcialmente convencida. Até agora, ninguém lhe proibiu nada e ela também está a trabalhar num projeto financiado. Quando conta isso à mãe, esta ri-se e comenta que deve haver menos de dez pessoas em todo o planeta que entendem exatamente o que Fernanda faz.

***

Em *Polder Zandvoorde*, no distrito de Megabelgium Kust, Hans Haas trabalha no seu pequeno atelier. Ele observa a pilha de aparelhos eletrónicos a consertar. Cada vez mais, ele precisa decidir quais aparelhos irá desmontar para obter peças com as quais possa consertar outros. Muitas vezes é uma questão de suposições e de tentativa e erro. Hoje em dia, ele até recebe serviços de conserto de pessoas que moram em outros distritos. Isso sempre envolve bastante desinfecção e a burocracia roça o

impossível. Cada vez mais Ignorantes usam aparelhos sem a menor ideia de como mantê-los. Eles não são capazes ou não querem ler as instruções e quando algo está estragado geralmente não têm dinheiro para pagar o arranjo. Então, só há duas opções: ou simplesmente deitar fora o que está estragado ou trocar produtos pelo arranjo. No geral, a família de Hans raramente precisa usar os poucos *digits* que eles ainda têm de acordo com o chip no braço. Muito raramente Hans ganha alguns *digits* extras quando um Menos Ignorante que ainda tem ou teve trabalho remunerado lhe pede um favor. Mas nove em cada dez pessoas que o visitam costumam lhe oferecer comida em troca das suas habilidades. Hans teve a sorte de frequentar uma comunidade de aprendizagem quando era jovem. Um dos Sabedores trabalhava remotamente com o seu grupo de aprendizagem e enviava caixas electrónicas. Havia apenas três aprendizes fazendo sistematicamente as experiências sugeridas, ler instruções e gradualmente adquirir a habilidade de resolver quebra-cabeças electrónicos. Quando os seus pais passaram a manter a horta apenas para uso próprio devido a sua idade, ele começou o seu comércio de permutas, arranjando todos os tipos de dispositivos. Como a electricidade se tornou inacessível para os Ignorantes mais pobres a sua atividade diminuiu. Para uso próprio conseguiu recuperar vários painéis solares e gerar a sua própria energia. Entretanto tornou-se conhecido como um reparador.

'Procura Hans Haas, ele certamente encontrará uma solução.' Era a informação que circulava na região de Zandvoorde e nos distritos adjacentes. Aqueles que tinham permissão para viajar

entre os distritos vinham vê-lo pessoalmente; aqueles que não tinham, enviavam o que precisava de ser arranjado, após uma video-chamada. E com os Ignorantes mais pobres, Hans abriu um novo negócio. Ele dá-lhes algo em troca dos dispositivos defeituosos que o querem entregar em vez de simplesmente deitá-los fora. Ele teve a ideia quando um de seus clientes *Sabedor* lhe contar que até a década de 2050 a população era obrigada a levar os dispositivos estragados para pontos de coleta, de onde eram levados para unidades de reciclagem. Essas unidades acabaram por funcionar sem intervenção humana o que significa que os dispositivos recebidos nem sempre eram manuseados com muita criatividade. Mas Hans fá-lo. Raramente ele precisa de teoria. Ele é um artesão, não um engenheiro electrónico. Rapidamente percebeu que se tivesse dispositivos defeituosos suficientes também teria os elementos para arranjar outros. Demorava muito tempo. Hoje em dia, ele também precisa de espaço. No seu próprio distrito cada vez mais ignorantes vêm trazer defeitos em troca de comida ou um *digit*. Entretanto o número de clientes a solicitar reparos está gradualmente a diminuir. O filho Piet festejou seu vigésimo aniversário há alguns dias. Ele está muito interessado no que Hans faz. Contratá-lo na oficina reduziria o número de dispositivos a serem reparados mais depressa mas não é certo que eles teriam mais lucro. No momento Piet recebe os *digits* do seu trabalho como técnico de som no playground e campo desportivo local. Não lhe dão muito, mas ele tem aquela pequena certeza que perderia na oficina.

Hans está bem ciente da importância dos Sabedores no distrito.

Ele pode ir até eles para obter literatura técnica numa das duas casas de biblioteca que ainda existem mas pode também participar nas atividades que fornecem mais Saber daquilo que obtém no campo de jogos e desportes. Ele não usa streaming há muito tempo. O pacote gratuito é de qualidade muito questionável e não pode confiar-se nas informações. Todo o resto é muito caro.

Ele está preocupado com a atitude dos Ignorantes que se deixam incitar pelos *Cou-Clib-Clans* que atuam aqui há vários anos. Eles já desmantelaram três casas de biblioteca e ele sabe, por clientes de outros distritos que toda a Megabelgium Kust está a sofrer cada vez mais queimas de livros. Num dos distritos um Clã com mais conhecimento em electrónica conseguiu até apagar magneticamente todas as informações armazenadas centralmente. De repente, ninguém naquele distrito tinha *digits*. Todas as informações pessoais desapareceram e nada restou das bibliotecas digitais. O *digits* e as informações pessoais foram reiniciados pelo Governo Central, mas ninguém se importou com os livros perdidos. Hans pergunta-se como um Clã de aparentes Ignorantes o consegue. Mesmo sendo um artesão electrónico, não-lhe seria possível orquestrar um tal apagão magnético. Pode até adquirir o conhecimento com alguns meses de estudo árduo, mas nunca teria os meios... Não, há mais a interferir que só os Clãs.

Piet entra acaloradamente no atelier. O *Cou-Clib-Clan* local está a destruir a Biblioteca que a família às vezes usa. Os donos já fugiram. Mas o *Clã* ameaça visitar todos os utentes daquela biblioteca. Os membros do *Clã* incitam a população: “Os utentes

da biblioteca fazem o jogo sujo com os Sabedores. Então eles são perigosos. Por quê? Porque sim! Além disso, há artesãos entre esses utentes. Artesãos que recebem regularmente visitantes de outros distritos enquanto recebem também pessoas do nosso distrito no seu atelier. Isso é só pedir por uma pandemia. Os artesãos também têm outras vantagens ao se associarem a esses Sabedores. Ou ninguém percebeu que eles têm sempre meios para comprar coisas com as quais servem os Sabedores? Livremo-nos dos artesãos!"

Hans e sua esposa prepararam-se para tal situação, mas agora que o momento chegou não deixa de ser um golpe duro. A família Haas age rapidamente. A bagagem de emergência está pronta e eles têm permissão para viajar para o distrito periférico de Megabelgium Kust com o metro de superfície desde há algum tempo. Hans economizou *digits* e com isso o direito a uma estadia de três dias na praia. Piet e Hans fecham o estúdio e penduram a clássica placa '*Fechado por motivos familiares*' na porta.

Na manhã seguinte, a família parte para o litoral. Duas horas depois, instalam-se nos dois quartos que reservaram no hotel perto da praia. Hans vai à biblioteca local. Ele pede para falar com a pessoa de contacto com quem tinha estado há mais de dois anos. Naquela mesma noite, os cinco membros da família recebem a visita de um membro de *GNet-Z* que remove os chips implantados em cada um deles. Agora que a decisão foi tomada, não há como voltar atrás. Oficialmente deixaram de existir. Eles caminham até o pequeno porto, onde embarcam num barco de pesca que os leva ao cais de embarque do complexo onde pára o

comboio da conexão RESULT entre Megaludein e Megasul. O pessoal de manutenção do turno diurno recebe-os. Quando o comboio chega à plataforma, o técnico que verifica a composição semiautomática deixa-os embarcar no alojamento para técnicos na locomotiva. Logo depois partem. Após uma breve paragem em Megaparisios, eles continuarão a sua jornada até seu destino final em Megasul.

***

Chinua Zoungrana observa o sol enquanto esse inicia sua descida diária de volta à sua terra natal. Quatro vezes a lua desapareceu e três vezes retornou em todo o seu esplendor no céu noturno desde que partiram. E agora o disco lunar está quase completamente visível mais uma vez. Havia mais de duzentos deles que partiram na jornada em direção ao sol nascente. Foi uma decisão de toda a comunidade da aldeia quando as fontes de água secaram e eles tiveram que encontrar um novo lugar para o grupo. Aqueles Não-Ignorantes que se juntaram à comunidade da aldeia vindos da Costa Oeste de Alkebulan alertaram que seguir por aí caminho só significava problemas. Eles falaram de grandes grupos de pessoas vivendo em grande pobreza e do perigo de serem capturados antes que pudessem encontrar um novo assentamento. Eles viviam na aldeia tempo suficiente para serem ouvidos. No início, aprenderam a trabalhar a terra. Gradualmente também mostraram suas próprias habilidades. Em jovem Chinua teve muito interesse em aprender a usar os dispositivos de medição e os pequenos computadores que os visitantes traziam consigo e que funcionavam com painéis solares. Rapidamente, a

comunidade se tornou um grupo muito unido, todos a revezar-se para aprender e ensinar uns com os outros.
A viagem já dura quase quatro luas cheias. Essa indicação natural é muito útil durante a viagem. Os instrumentos de medição muitas vezes não estão disponíveis, e o grupo precisa de se orientar no tempo e no espaço usando as posições do sol, da lua e das estrelas. A contagem dos dias e das luas ajuda a estimar a distância percorrida. No total, o grupo sabe que já percorreu pouco mais de mil quilómetros.
Na primeira metade da viagem caminharam quase sempre na direção do sol nascente. Correu tudo bem. Depois começaram a desviar para Sul e atravessaram áreas densamente florestadas. Às vezes, havia estradas, às vezes seguiam pegadas de animais e de vez em quando tinham que forçar a passagem. Nesses dias o progresso da marcha era pequena. É claro que encontraram outros grupos no caminho. Às vezes, isso gerava tensões elevadas. Certa vez houve até escaramuças nas quais pessoas ficaram feridas de ambos os lados. Por duas vezes, todo o grupo foi cercado e levado a uma comunidade local. Quando isso acontece, sempre demonstraram que não tinham intenção de se estabelecer onde outros já se haviam estabelecido. Houve também situações inesperadas como quando alguns membros da comunidade da aldeia preferiram ficar em um dos pontos de encontro e alguns moradores locais decidiram se juntar ao grupo em movimento. Num caso a sua família estava envolvida de certa forma. Foi quando eles estavam a trocar histórias com um grupo local certa noite. Quando continuaram viagem dois dias depois o seu filho Kwame perguntou se a sua família

poderia cuidar de outra família. Entretanto perceberam como Kwame e a filha mais velha da família que acolheram se tornaram um casal muito apaixonado.

Desde há poucos dias o sol move-se para a esquerda no céu em vez para a direita. No *Grupo da Carta* Chinua aprendera que isso significava que o equador estava agora 'atrás' deles. Durante os dois últimos encontros com a população local eles receberam indicações de que se continuassem na direção em que estavam caminhando chegariam a um grande lago interior em poucos dias. Foram aconselhados a não inclinar novamente em direção do equador mas sim de se afastarem dele. Deste lado do lago, não encontrariam nenhuma grande comunidade, enquanto do outro lado ainda havia vestígios de uma Megapolis conflituosa.

Quatro dias após o último encontro com a comunidade local, o grupo um tanto reduzido finalmente chegou ao lago. As famílias foram aceitas na comunidade de Bukoba. O que costumava ser uma cidade relativamente grande, com cerca de 150.000 habitantes hoje abrigava só cerca de 50 mil pessoas. O que imediatamente impressionou Chinua foram as comunidades de aprendizagem. Ele logo descobriu foram trazidos por refugiados de MegaKampa hospedados ali depois da Polis cair nas mãos de Ignorantes fanáticos, com quem nem sequer o governo local foi capaz de lidar.

Juntamente com algumas outras famílias, a família Zoungrana junta-se a um Grupo da Carta que rapidamente terá uma grande influência em suas vidas. O Grupo utiliza prédios abandonados próximos ao pequeno aeroporto. Há membros do Grupo a chegar por avião ou dirigível. A *GNet-Z* trabalha com essa

comunidade de aprendizagem. Chinua estabelece uma forte amizade com os membros da comunidade Hunt. Eles trazem sistematicamente notícias sobre o que está a acontecer em diferentes partes do planeta. Comparado com Erebúm e partes de Abya Yala, a agressão que derrubou MegaKampa é *peanuts*. Em Erebúm o *Cou-Clib-Clans* estão a tornar-se cada vez mais agressivos. Em muitos lugares, não queimam apenas livros atacando bibliotecas. Há também testemunhos de assassinatos e, em pelo menos dois grandes distritos parece que os próprios governos locais estão envolvidos nos ataques a Sabedores, utentes de bibliotecas e grupos de apoio.

Seis meses após sua chegada à comunidade de Bukoba, Chinua e Kwame fazem parte de um grupo de reflexão. A Comunidade Hunt informa o grupo local sobre o que se desenvolve em Abya Yala. Especialmente na zona Norte. A agressão entre os grupos é ainda maior do que em Erebúm. No sul de Anahuac, que por muito tempo deu sinais de esperança de que as comunidades estavam a desenvolver-se com base na democracia direta, as coisas agora parecem estar a ir mal em certas áreas, especialmente devido à pressão na busca por minérios e *Terras Raras*. É por isso que alguns Grupos da Carta decidiram criar uma espécie de refúgio em um local onde muitos intelectuais já vivem nas proximidades. *GNet-Z* ajuda nessas regiões todos os Fugitivos, tanto os Sabedores como os Ignorantes que desejam alcançar este refúgio. Sabe-se que *Bloomcamp* não gosta de se deslocar nas regiões entre os trópicos e os membros de *GNet-Z* são hoje capazes de enganar esses espiões, apresentando essas regiões como ainda mais perigosas para qualquer condomíno

Bloomcamp. Como resultado todos números *Bloomcamp* acima de 8 trancam-se nos seus próprios condomínios em áreas que consideram seguras, principalmente no Hemisfério Norte.
O grupo de reflexão chega a um consenso. Em Alkebulan, será igualmente organizado um abrigo para refugiados no lago numa área deserta a cerca de cinco dias de caminhada. A intenção é que, além da possibilidade de chegar à área pelo lago por barco, o local só possa ser alcançado a pé. A comunidade de Bukoba vai manter a localização exata em segredo e também está trabalhar com as comunidades vizinhas nesse sentido. O perigo é bastante pequeno. *Bloomcamp* já está a ser mantido longe da região de outras maneiras e os Ignorantes nas grandes cidades não representam grande ameaça. Depois falam dos *Livres Vagantes*. A criação do refúgio tem a intenção adicional de se tornar uma espécie de ponto de colecta de Conhecimento e Literatura que correm o risco de se perder caso não sejam registrados nas Bases Lunares ou em bancos de dados centrais. Os próprios documentos, é claro, correm um perigo ainda maior. Os habitantes de Abya Yala nomearam seu refúgio *Última Rosa do Desierto* lembrando um verso de um poema de Pablo Neruda. Na área insular por baixo do Reino do Meio, um grande ponto de encontro é formado com o nome *Mutiara yang Indah* (*Pérola Brilhante)*. Há discussões acaloradas em Bukoba em torna do nome. Durante uma reunião de vários Grupos da Carta, os membros falam sobre a necessidade de criar um local de descanso para aqueles que chegam com livros ou seus conteúdos. Além disso, também deve haver a infraestrutura necessária para armazenar livros eletronicamente, manter

cópias impressas ou escritas em boas condições e reimprimir o que não existe mais em formato impresso, além de manter cópias eletrónicas. Aqui, o principal objetivo são as obras digitalizadas com imagens de todos os tipos. Como se trata de criar um local de descanso, alguém sugere o nome *Paraíso dos livros. M*uitos consideram ser de uma descrição simples e clara pelo que adoptam o nome.
Poucos dias depois, um grande grupo de voluntários parte para uma área adequada selecionada pelos batedores para começar a preparar a infraestrutura básica para *Paraíso dos Livros*. A intenção é que até o final de 2091 os *Livres Vagantes* que permanecem na região tropical Este de Alkebulan encontrarão aí o seu destino. A partir do ano seguinte, os *GNet-Z* de Erebúm e Alkebulan escoltam os guardiões do conhecimento e da literatura até o local.

***

Em San Juan, a população local já está acostumada a esse tipo de movimento. De tempos em tempos, chegam migrantes cansados e empoeirados. A maioria chega de carroça. Parecem personagens do velhos filmes de faroeste do centro comunitário.

Já la vão cerca de 20 anos que o *Estrangeiro* tinha feito a mesma viagem. Ele tinha um veículo que ele mesmo construiu. Recorrendo a painéis solares, usou clandestinamente as linhas *RESULT*, contornando os Megapolis. Depois converteu as rodas para poder usá-las em estradas antigas para o interior. O veículo não andava rápido, mas carregava muita coisa. Em San Juan, dois dos quatro motores elétricos falharam definitivamente. O *Estrangeiro* perguntou se podia se mudar para uma casa vazia.

Casas vazias não faltavam. Como em muitas comunidades rurais da região muitos jovens haviam se mudado há duas gerações e nunca mais voltaram. Desde então a comunidade de San Juan ficou com cerca de um terço de sua população original. O *Estrangeiro* falava da vida na Megapolis que ele próprio tinha deixado. Ele conseguiu despertar rapidamente o interesse de alguns jovens pela mecânica e tecnologia e, com o que encontraram na sua próprias casa e em outros casas vazias, conseguiram fazer com que vários aparelhos avariados voltassem a funcionar. O centro comunitário foi adaptado e logo tinham mais uma sala disponível para exibição de filmes. Assim que o *Estrangeiro* reconstruiu a estação de comunicação, ele pôde entrar em contacto com outras pessoas em outros lugares. Essas pessoas forneciam o streaming de informações e filmes. Nos anos seguintes, mais pessoas se estabeleceram em San Juan. Elas trouxeram muito Conhecimento e também os materiais necessários para tornar San Juan um lugar mais agradável. San Juan conseguiu uma conexão permanente com a *GNet-Z*. Um Grupo da Carta foi criado para os interessados. Os jovens que ainda residentes aproveitaram a oportunidade. Agora, estão muito envolvidos na educação de crianças e, em alguns casos, de netos. As casas vazias estão todas de volta ao uso.

Mas outro projeto ganha forma. Via *GNet-Z* as pessoas sabiam da ameaça para os Sabedores nas Poleis com grandes grupos de Cou-Clib-Clans. Muitos deixaram as Poleis e esconderam-se em comunidades rurais. Mas havia uma preocupação crescente com o armazenamento e a preservação do conhecimento fora das

universidades controladas por *Bloomcamp*. Muitas queixas vieram, em particular, do Norte. Aqueles que usaram os corredores RESULT para se deslocar de Megapple para o Leste e de lá para o Sul ficaram retidos numa espécie de gargalo entre o Norte e o Sul. *Bloomcamp* controla de perto todas atividades em Megapanam. Não só ainda havia ali instalações de produção, como também tinha a estratégica conexão por canal entre o Reino do Meio e as bases de lançamento para o transporte de mercadorias para a base lunar e para os pontos Lagrange.

O *Estrangeiro* e sua equipa de cooperantes locais e imigrantes concordam em preparar um refúgio. Eles reutilizam umas enormes instalações agrícolas abandonadas para instalar espaços onde todos os tipos de documentos podem ser armazenados. Eles também montam vários postos de observação, embora o risco para visitantes indesejados seja muito pequena. Entre o Canal de Megapanam e a fronteira sul do Rio Amazonas, os Cou-Clib-Clans são pouco ativos. Felizmente, os arrogantes Ignorantes que lideram os Clãs assumem a posição racista de que os Sabedores vivem principalmente no Hemisfério Norte. Vivia a crença que os Governos Locais das Megapoleis no Hemisfério Sul forneciam facilidades aos Sabedores que desejavam ir para polos de investigação no Hemisfério Norte. No sul de Anahuac, principalmente o MegaChiliCentro, o MegaAires e algumas Megapoleis no Oceano Atlântico abaixo do Amazonas são locais com grupos ativos de Sabedores, a maioria dos quais está em contato com *GNet-Z*.

É verdade que as políticas de interior no Sudeste não são de

Governos locais controlados por *Bloomcamp*. Nessas áreas, grupos de base desenvolveram formas sólidas de democracia direta durante a primeira metade deste século. Como resultado, a proporção de Ignorantes é menor do que no Hemisfério Norte. Governos locais manipulados e clãs-colegas são praticamente impossíveis. Essas comunidades absorvem muitos dos Sabedores em zonas da cordilheira andina.

O local preparado perto de San Juan recebe principalmente aqueles que chegam à costa de barco, vindos do norte e do centro de Vineland e Abya Yala. Também da Megapolis, no lado sudoeste dos Andes, barcos trazem refugiados para o norte do continente. Da costa, eles seguem a pé ou de carroça para o interior, até as proximidades de San Juan. Lá, a população local os recebe e os instala. Um dos primeiros grupos que utilizaram o local veio do MegaChiliCentro e era composto principalmente por *Livres Vagantes* que trouxeram coleções de poesia. Os raros Cou-Clib-Clans do Sul aparentemente receberam informações de que a poesia era uma arma perigosa dos Sabedores e, portanto, precisava ser o mais que possível destruída. Durante uma das primeiras reuniões dos refugiados que chegavam e da comunidade de San Juan, foram trocadas impressões sobre a região de origem e a região de chegada. A palavra '*desierto*' era frequentemente mencionada, pois a área a oeste da Cordilheira dos Andes tem muitos... O lugar que os cooperantes de San Juan preparam parece uma espécie de oásis, uma flor no deserto. Isso fez com que um dos *Livros Vagantes* recite alguns verses de Veinte Poemas de Amor: *'Yo soy la desesperada, la palabra sin eco, la que todo lo perdió y la que todo lo tenía. Último*

amarre, mi última angustia cruje en ti. En mi tierra desierta, eres la última rosa. [Eu sou o desesperado, a palavra sem ecos, aquele que tudo perdeu e aquele que tudo teve. Última amarra, minha última angústia range em ti. Na minha terra deserta, tu és a última rosa.]'

Isso leva o grupo a uma conclusão poética: 'Esta nossa terra é o deserto onde a última rosa ainda floresce. O nome do lugar nasceu: chama-se *Última Rosa del Desierto*.

Quinze anos passaram desde que aquele primeiro grupo se estabeleceu. Hoje, António Márquez chega com sua família e outras duas famílias. Eles fizeram a viagem para o norte a pé, partindo do local onde o barco os atracou há cinco dias. Cansados e empoeirados, chegam e são recebidos com hospitalidade. Depois de um bom banho e uma farta refeição, procuram um lugar onde possam armar sua tenda familiar.

No dia seguinte, António recebe a visita de um dos cooperantes. Uma pequena equipa ofereceu-se para construir uma casa mais permanente com a família. Há tijolos de adobe suficientes em stock e, juntos, conseguem montar portas e janelas. Há também alguém que se voluntaria para ensinar a família os conhecimentos básicos para começar a cuidar da sua horta. Existe uma criação centralizada de aves e cabras. Todos podem participar nesta atividade assim que a família se registar no rol de voluntários para cuidar dos animais. É útil mencionar o que cada um está apto para fazer. Isso pode variar desde a recolha de ovos à ordenha e produção de queijo, até ao abate e processamento de carne. Mesmo entre os carnívoros, nem todos são capazes de abater, e isso é respeitado.

***

Fernanda está novamente na Megabelgium. Junto com seu grupo de matemática, ela está a desenvolver novas ideias relacionadas ao espaço-tempo local. Eles presumem que pode ser mais fácil induzir pequenas deformações ou torções locais do que obter uma bolha-espacial completa que, em princípio, tornaria possível o deslocamento de Alcubierre. Eles estão a tentar de alcançar uma densidade de energia que não exija um campo de massa negativo. Será que torcer em vez de deformar pode ser a solução? Eles apresentam os seus cálculos aos físicos e investigadores em gravidade quântica. Imediatamente, um deles brinca: *Come on, let's TWIST again* enquanto outro exclama: '*Até que em fim, curvar não é deformar!*' Fernanda admite que o salto de pensamento em si parece um pouco louco mas explica que eles continuam em busca do uso tecnicamente possível para uma espécie de micro-bolhas espaciais locais. Engenheiros e físicos dizem-lhe que a nova descrição teórica é menos desanimadora mas que ainda existem grandes obstáculos técnicos. Contudo parece mais interessante buscar uma moção *TWIST* em vez de uma moção *WARP*. O grupo procura novos financiamentos para desenvolver a ideia.

Algumas semanas depois, numa noite, Fernanda recebe um pedido de vídeo de um de seus irmãos, que ainda mora em EuroBrussels. Ele anuncia que ambos receberam uma permissão especial para encontrá-la no distrito da Universidade Bradin. Fernanda fica perplexa.

"Aparentemente és uma *Pessoa de Grande Importância*, irmã," responde o irmão. "Seria conveniente irmos ter contigo

amanhã? Poderíamos almoçar e passar parte da tarde juntos."
Intrigada, Fernanda concorda. No dia seguinte, ela espera-os na plataforma RESULT. É a primeira vez que os vê desde que desapareceram na EuroBrussels anos atrás. Abraçam-se e caminham de mãos dadas até o refeitório central da Faculdade de Matemática.
"Estou surpreendida e curiosa," diz Fernanda.
O irmão mais velho começa por dizer: "Recebemos a informação de que estás na lista de curta para a próxima Medalha Fields. Mas talvez já o sabias?"
"Não sei se vocês sabem mas a Joana está actualmente em Megapple e ela deu-me a entender que o meu nome foi mencionado, sim."
Vê bem, o teu trabalho parece estar a despertar grande interesse até mesmo nos mais altos níveis de decisão. Recebemos informações de que um grupo de investigadores solicitou novo financiamento para realizar certos testes com um protótipo para transporte espacial. Nesse processo, foram feitas diversas referências à tua estrutura matemática para a manipulação local do espaço-tempo.
"Eu sei que esses fundos iam ser solicitados."
Bem, quase caíram da cadeira aqui na EuroBrussels quando souberam que havia verbas ilimitadas para essa investigação, embora com o pedido de investigar discretamente toda a equipa. Como o teu nome foi mencionado, tentamos colectar mais informações nós mesmos.
"E souberam algo mais?" pergunta Fernanda.
"Irmã, esperamos mesmo muito que não tenhas nada a ver com

uma comunidade com a qual *Bloomcamp* está seriamente preocupada... A comunidade Hunt, isso diz-te alguma coisa?"
Fernanda pensa nos contactos de avatar nos tempos anteriores à comunicação segura do *GNet-Z* e responde: "Eu tive um contacto com um certo *Victor Hunt Jr.* quando ainda estudávamos em casa. Lembras-te, em certa altura comecei a interessar-me mais por matemática do que por física, em parte por causa daquelas conversas da época. Mas não sei se estás a falar do mesmo Hunt."
"Hmm. E hoje em dia não tens mais contacto com ele?"
Não totalmente honesta Fernanda abana a cabeça com força.
"Felizmente. Perguntei isso porque tu e os nossos pais pertencem ao grupo dos Sabedores, como diz o Governo Central. E temos informações de que esta comunidade Hunt entra regularmente em contato com os Sabedores por meio de uma rede, da qual ambos suspeitamos que os nossos pais sejam membros há muito tempo. Há uma pressão continuada do Governo Local para fechar para sempre a Casa Biblioteca da Avó Greta e do primo Alexandre. Por outro lado, não recebem luz verde para tal de cima. Diria antes pelo contrário. E talvez isso tenha a ver contigo. Seja como for achamos que a casa será fechada nos próximos anos. Lembras-te que aconselhamos Alberta a nunca se mudar para lá? E felizmente nunca o fiz."
"Não. Sabias que ela tem um parceiro e que eles têm uma filha juntos?"
Ambos confirmam. "O parceiro dela é consultor de EuroBrussels. Ele está envolvido em prospecções de mineração. De momento há também muitas *digits* para isso. A viagem dele pela Península

Ibérica está a demorar mais do que previsto. Mas há decisões estratégicas bastante importantes a tomar, e isso requere mais tempo nas negociações com as Autoridades Locais."

"Por que disseste 'felizmente' há pouco?" pergunta Fernanda.

"Como sabes sempre alertamos a mãe e o pai de que eles estão fazendo a mal com seus esforços naquela Casa Biblioteca e nos Grupos da Carta. Isso é coisa do passado, do tempo da avó Greta. Eles costumavam falar dos Aprendentes. Hoje, temos a instrução controlada em todas as Poleis e isso é muito mais eficiente para manter a ordem num planeta que está lentamente se tornar superpovoado. Estamos perto de um ponto de ruptura e devemos evitar tumultos em larga escala a todo custo, enquanto não estivermos prontos para o que está para vir. E esse tipo de comunidades de aprendizagem são fonte de irritação. De acordo com as informações que temos, Alberta não tem ligação com as comunidades de aprendizagem. Portanto, Fernando poderá trazer Alberta e sua filha para a EuroBrussels quando sua missão em Megalissipo terminar.

"O que vem a seguir?" arrisca Fernanda.

"*Off the record.* A superpopulação levará a migrações para longe da Terra. É por isso que há tantos créditos para transporte espacial e mineração em áreas até então inexploradas. Fala-se em Bases Lunares, Marte, Ganímedes …

Fernanda mostra-se admirada… "Tornando a inteligência electrónica menos dependente da inteligência biológica nos pontos de Lagrange… E, portanto, também a exploração de L3 com retransmissões através de L4 ou L5. Sabem disso?"

Os irmãos olham um para o outro.

Então o mais novo diz: “Não sei exatamente o que queres dizer, mas por enquanto isso é informação muito confidencial. Não temos permissão para falar sobre isso fora da EuroBrussels, nem mesmo *off the record*.”

Fernanda reage um pouco mal-humorada. “Eu ainda me vejo como a irmã mais velha dos meus dois irmãos mais novos. Vocês escolheram o vosso caminho assim como eu escolhi o meu, e não vos critico. Eu só desconfio mais do que vocês de governos e administradores mas tudo bem. Talvez eu não devesse dizer o seguinte, mas digo-o na mesma. Às vezes vou intuindo algumas algumas coisas durante as minhas viagens à Megabelgium e em fóruns internacionais nos quais participo. Por exemplo, ouvi dizer que comunidades rurais e grupos de Ignorantes de distritos periféricos de Megapoleis estão a ser utilizados em larga escala pela mineração de que falaram. Alguns até usam a palavra campo de concentração. Também ouvi dizer que uma espécie de cidade espacial está a ser considerada para o L3. Existe até um nome para ela: *Elysium*. Ninguém me confirma ou desmente essa informação. Não espero de vocês que me esclareçam. Mas faz-me pensar na efectiva boa vontade de *Bloomcamp*. Espero mesmo que nada de mal vos aconteça em EuroBrussels ou a nós em Megalissipo.”

“Acho que o que ouviste são exageros a partir de teorias da conspiração lançadas por Sabedores descontentes. Esta comunidade Hunt de que eu falava há pouco tem uma rede subterrânea que visa desacreditar *Bloomcamp* e os Governos Centrais. Mas posso dizer em termos concretos que essa história dos campos de concentração é pura invenção.”

“Fernanda, eu sei que nada de mal nos vai acontecer. Quanto ao resto da família... sabes que nossos pais estão muito zangados connosco. Mas, por favor, lembre-os que correm mais perigo se continuam a se envolver com aquela Casa Biblioteca do que alguma vez irão correr com EuroBrussels ou os Governos Centrais. Diga-lhes isso outra vez por favor?”

Fernanda pensa um pouco sobre a última intervenção do irmão mais novo. Ela sabe muito bem o quanto os meninos também se mostraram zangados com os pais. Ela apenas acena brevemente com a cabeça e pergunta: “Vocês ainda têm tempo para um passeio? Há um parque aqui perto e um dos poucos lugares neste distrito onde costuma servir café quando disponível. E eu realmente apreciaria se meus dois irmãos, que têm mais *digits* do que eu, me oferecerem uma chávena daquela bebida quase inacessível.”

Ambos sorriem.

“Oferecerei com prazer essa chávena à minha irmã e se estiver disponível até compro um pacote de café para ti, para que tenhas uma boa lembrança do nosso encontro nos próximos dias,” responde o irmão mais velho de Fernanda.

***

De volta à EuroBrussels, um dos irmãos Mestre solicita uma reunião com o *Condomínio* Windsor.

O Bloomberg 9 que fala com ele começa com um breve “E então?”

“Tivemos a reunião que nos foi solicitada com Fernanda Mestre. Não sabemos se ela tem ou não ligação com a comunidade Hunt mas ela admitiu que as suas ideias originais surgiram de alguma

forma de conversas com um certo *Victor Hunt Jr.* com quem ela teve contacto durante os seus estudos.
Suspeitamos que ela possa estar a trocar informações com a *GNet-Z*. Conforme informado, não mencionamos essa rede diretamente, mas recebemos sem o solicitar informações sobre a existência de campos de concentração.
Além disso, parece-nos que ela tem mais informações sobre as missões de Lagrange do que as que são oficialmente fornecidas aos Sabedores que estão directamente envolvidos nos projectos *Bloomcamp*. Ela falou explicitamente de *Elysium*. Apenas repetimos a versão oficial de que estamos a pensar em transferir pessoas para bases na Lua, Marte e Ganímedes, sem maiores detalhes."
"Obrigado por esta atualização."
"Há alguma instrução nova?"
"Não de momento. Continua a haver uma proibição formal de tomar qualquer atitude agressiva contra Fernanda Mestre e o seu ambiente imediato."

A proibição formal de ação não impede os irmãos Mestre de falarem da conversa que tiveram com Fernanda tanto na secção Ibéria como na Federação EuroCentre. Eles falam sobretudo dos rumores que circulam acerca do trabalho forçado em áreas de mineração em algumas Megapoleis.
As Autoridades Locais do EuroCentre e do EuroSouth acreditam que chegou a hora de um ataque às bibliotecas e comunidades de aprendizagem. As Autoridades fornecem discretamente informações locais aos *Cou-CLib-Clans*. Nos meses seguintes, o número de destruições aumenta em muitos lugares da Europa,

não apenas em bibliotecas, mas também nas casas dos seus utentes. Assim perde-se todo o atelier de Hans Haas como as casas das outras famílias que partiram na mesma altura.
Em Megalissipo, o ataque à Biblioteca Paulo Demeester permanece bastante limitado. Há uma invasão, mas ela se limita a destruição de móveis sem levar à queima de livros. A família está, é claro, feliz com isso, mas as perguntas permanecem. Porque foram eles relativamente poupados? Os filhos do Mestre têm algo a ver com isso? Ou há mais? Ficou bem claro que nenhum dos condomínios *Bloomcamp* estiveram em perigo. Dentro de *GNet-Z* cresce novamente a percepção de que lugares intelectualmente interessantes são os principais alvos de Ignorantes pobres e Ignorantes ricos arrogantes.

Entretanto o Condomínio Windsor está furioso com a abordagem de EuroCentre e de EuroSouth. Eles lidaram mal com a situação, atacando apenas Centros Intelectuais. Parece que agiram por interesse próprio e não no interesse de… *Bloomcamp*. O problema subjacente é naturalmente a sobrepopulação cada vez mais insustentável que se manifesta principalmente nas maiores Megapoleis. Há regularmente uma escassez de alimentos. Em certos distritos pode não haver água disponível durante dias. A população rural de Ignorantes que procura escapar do trabalho forçado para o qual os líderes locais os utilizam em troca de enriquecimento pessoal, exerce grande pressão sobre as fronteiras das Megapoleis. A desinformação já não é tão eficaz quanto era na primeira metade do século, quando as mudanças climáticas, o enriquecimento e a erosão da democracia eram ridicularizados por líderes governamentais

que podiam se dar ao luxo de agir autocraticamente com base em promessas não cumpridas. Quando isso deixou de funcionar, os governos locais foram designados para fechar os cidadãos em nos próprios distritos apenas com desinformação sobre pandemias. Era para sua própria proteção dizia-se na época. Os *Bloomcampers* permaneceram entretanto em luxuosos condomínios onde só se preocupavam em enriquecer ainda mais. Os membros menos ignorantes dos Governos Centrais, é claro, viam o que estava a acontecer com o enriquecimento adicional da população de *Bloomcampers*. Afinal foram eles a empobrecer os cidadãos das partes centrais das Megapoleis no Hemisfério Norte. No Hemisfério Sul, áreas inteiras tornaram-se virtualmente inacessíveis devido a desastres naturais, terrenos foram destruídos pela mineração, enquanto muitas estradas e ferrovias foram reduzidas a meras memórias num curto espaço de tempo. A proibição sistemática de viagens originou uma espécie de abrandamento económica. Toda a indústria do turismo desapareceu a partir da década de 2040. Isso acelerou os processos de concentração. Os líderes dos governos centrais continuaram a querer sua própria fatia do bolo. O excedente de pessoas pobres tinha que ser eliminado. De preferência todos os números *Bloomberg* -2 a 3 (*ver anexo*). O Grupo 4 é o grupo ideal para fornecer trabalhadores para as atividades que não podem ser totalmente automatizadas. Os Grupos 5, 6 e 7 são os perigosos. A maioria dos Sabedores estão nesses grupos. *Bloomcamp* precisa deles e os Governos Centrais têm aí o seu maior trabalho. Isso se deve principalmente aos Grupos da Carta e ao crescente grupo de Sabedores que se juntam aos

investigadores de *Ignarysis* e *GNet-Z*. Hoje nem os Governos Centrais têm total controle dos Cou-Clib-Clans. Alguns membros dos Clãs tornaram-se poderosos demais e conseguem facilmente envolver outros grupos de Ignorantes, resultando em destruição indiscriminada. Além disso, há um problema relacionado aos Sabedores de quem *Bloomcamp* ainda precisa para seus planos. Depois de sobreviver a um ataque eles geralmente desaparecem para destinos desconhecidos e protegidos por *GNet-Z*. Somente no Reino do Meio a situação parece estar sob controle.
O Condomínio Windsor está entrando em contacto com todos os principais condomínios da parte norte do Continente Vineland e de grandes áreas de Waçúm. É hora de colocar em ação um plano há muito tempo preparado em segredo. A maioria dos Governos Centrais irão desaparecer e um pequeno grupo de líderes narcisistas de Cou-Clib-Clan assumirá o Grande Governo Mundial. Foi-lhes dito que, se fizerem bem o seu trabalho, receberão um lugar no êxodo para… *Elysium*. O trabalho consiste em decidir quais distritos, Poleis e comunidades serão completamente eliminados nos próximos dez anos usando vírus e armas mecânicas sob a supervisão direta de *Bloomcamp*. Outras partes da população receberão uma ordem de emigração para a Base lunar, Marte e Ganímedes. A Operação Planetária de Limpeza abreviada como *OPAL* começará no início de 2093. A gestão operacional está a cargo dos Condomínios *Sequóia* e *Komarovo*.

No Condomínio *Sequóia* executivos da Fundação Muscle da Fundação Azos juntaram-se aos da Fundação Brandad vivendo no Condomínio Windsor. Os fundos cobrirão as viagens e

acomodações do pessoal removido da Base Lunar 1 para L3 e L4 nos próximos anos para construir a infraestrutura que tornará possível *Elysium*. Outros fundos fornecerão um programa mais limitado para produzir cápsulas espaciais que realizarão a emigração planejada.

GNet-Z ainda não tem ideia do irá significar a operação OPAL assim que for colocada em operação. Os membros do grupo tiveram uma discussão aprofundada com os cooperantes que construíram *Última Rosa*. Hoje orientam com sugestões o desenvolvimento de *Paraíso*. Chinua e Kwame Zoungrana estão ambos a ajudar a desenvolver as organizações de bairro que receberão as *Livres Vagantes* depois de se mudarem da comunidade de Bukoba para *Paraíso*.

No verão de 2093, Fernanda é informada oficialmente de que receberá a Medalha Fields de 2094 por todo o seu trabalho, desde que abordou os axiomas de Wightman e a partir daí desenvolveu matematicamente as suas ideias sobre o efeito Casimir na propulsão de Alcubierre. Cientistas naturais em geral e astrónomos em particular bem como os engenheiros que trabalham nos programas espaciais locais estão convencidos de que ela lhes deu a chave para o *TWIST* tornando essa propulsão possível nas próximas décadas. Com o Teorema de Mestre, ela estabelece uma ponte fundamental entre a matemática teórica e a aplicada o que foi decisivo para a concessão da medalha.
Pela segunda vez consecutiva, a medalha será entregue em Megapple. Fernanda concorda em comparecer pessoalmente à cerimónia de entrega do prémio. É uma oportunidade de rever a irmã e as despesas de viagem serão todas pagas pela

Universidade do Distrito de Bradin.

A viagem faz-se de barco saindo diretamente de Megalissipo. Durante a viagem ela conhece alguns jovens investigadores de diversas áreas. Entre eles está o professor Clésio Teotónio. Apesar de ser um jovem ele é uma autoridade em estudos comparados de literatura utópica e ficção científica. Ele próprio diz-se pós-levitasiano. É membro da Sociedade de Estudos Utópicos. Os estudos literários há muito que não são financiados *Bloomcamp*. No entanto, a Sociedade conta com alguns fundos e prémios modestos. Ele próprio recebeu o Prémio Eugenio Battisti no centenário da criação do prémio pelo artigo que publicou com o título *Por que os livros de Bradbury devem ser queimados antes que os clãs de contramedidas contra cultura e bibliotecas os possam ler*.

Fernanda pergunta-lhe um tanto hesitante se ele defende ou não a queima de livros. Clésio ri e responde que entretanto descobriu que o título irónico e provocante do seu artigo foi uma péssima ideia. Frequentemente levanta tais dúvidas entre quem não é investigador literários. Pergunta a Fernanda se ela sabe quem foi Ray Bradbury. Quando ela mostre o seu desconhecimento, Clésio Teotónio explica que foi ele quem escreveu o famoso livro *Fahrenheit 451* há cerca de um século e meio. A queima de livros desempenha nele o papel central. Para defender a cultura contra esses ataques, várias pessoas decidem tornar-se Bibliotecas Ambulantes. Quando Fernanda o olha com surpresa, Clésio diz: "Exatamente. A ligação com os... *Livres Vagantes* de que ouvimos cada vez mais hoje em dia é muito claro. Na época em que Bradbury escreveu o livro, havia uma

espécie de caça às bruxas nos Estados Unidos da América do Norte contra qualquer um que se posicionasse criticamente contra o establishment. Bradbury então fantasiou e falou de uma sociedade totalitária na qual os livros são sistematicamente destruídos. Não temos ainda bem a ideia o quanto os Cou-Clib-Clans hoje sabem sobre o assunto dos *Livro Vagantes* e daí o título do artigo. Para proteger muitos Grupos da Carta eu diria que quanto menos os Ignorantes agressivos souberem sobre isso, melhor. Entretanto os livros podem ser úteis para aqueles que criam comunidades de aprendizagem com Ignorantes, como reveladores do que está acontecendo hoje.

"É pena estares atrasado para tornar o filme *Elysium* inacessível aos *Bloomcampers,*" comenta um dos companheiros de mesa. Fernanda quase se engasga quando ouve mais uma vez o nome *Elysium* aqui na mesa.

"*Bloomcampers* não são ignorantes… talvez eles criarem o projecto *Elysium* antes mesmo de pensarmos que algo assim fosse possível."

Fernanda hesita por um momento se deve ou não falar sobre as implicações do seu trabalho. No fim, decide não tocar no assunto. Ela própria ainda tem dúvidas sobre se tudo o que Fernando Ngô disse é verdade, e seus irmãos eram muito vagos. Ela gostaria de saber mais alguns factos primeiro.

Poucos dias depois Fernanda e Joana se abraçam. Elas não se viam há quase quatro anos, exceto por video-chamadas. Joana foi autorizada em acolher a irmã no terminal do transatlântico. Elas se abraçam por um longo tempo.

Quando Joana finalmente solta Fernanda, ela diz: "Acabei de

perceber o quanto senti a tua falta, irmã."
Fernanda concorda. "Eu também. Por favor, digas-me que voltarás comigo para Megalissipo, ou eu irei contigo para fores."
Joana sorri: "Tudo ao seu tempo. Agora, podemos tentar apanhar o próximo rápido da linha Nordeste da RESULT."
Meia hora depois Fernanda deixa passar o olhar pela carruagem e pergunta: "É mesmo uma linha da RESULT? Parece mais com os metros de superfície que temos em Erebúm."
"Megapple é enorme. Megabelgium é uma aldeia comparada a esta Megapolis. É por isso que existem linhas RESULT mesmo dentro da polis. Não te esqueças de que Megapple tem uma grande concentração de oficiais de alto escalão que se podem deslocar livremente de um complexo para outro. Além disso existem vários Condomínios *Bloomcamp* que também contam com dispositivos personalizados e exclusivos nas linhas RESULT."
"De quantos condomínios estás a falar?"
"Deixe-me pensar por um momento. Perto daqui, tens o Condomínio *StamWalk*. Depois, há o Condomínio *Scarsdale* e o Condomínio *LongGreenIsland*. Um pouco mais longe, tens o Condomínio *Woodstock*. Ainda mais longe, é claro, estão o Condomínio *Thurboro* e o Condomínio *Potomac*, perto das instalações do Grande Governo Pré-Mundial. Existem outros mas esses são os principais. Esses condomínios estão bastante escassamente povoados atualmente. Qualquer pessoa com um número Bloomberg abaixo de 9 é aconselhada a se mudar para os distritos luxuosos, como o Distrito de Central Park, o Distrito de East Greenwich, o Distrito de Lexington ou o Distrito Newton, que

não fica muito longe do Distrito Cambridge. Os Bloomberg 9+ quase todos já saíram ou estão pensar em sair e concentram-se hoje no Condomínio *Sequóia* na Costa Leste. Agora estamos indo para o Distrito Newton, onde iremos apanhar o metro de superfície para nossa casa.

“Como está o Elton? Vocês moram juntos há quase quatro anos. Ainda não querem ter filhos?”

Elton está ocupado com a tese dele. Sabias que ele está a publicar artigos em *Ignarysis*?”

“Falaste com ele de *Ignarysis*?”

"Só dei uma dica. A investigação que faz é sobre história demográfica nos séculos XX e XXI. Não há fundos para isso. Mas *Ignarysis* tem uma opção para colocar artigos na modalidade de Pay-per-View e aparentemente existem na comunidade *Ignarysis* historiadores ou sociólogos interessados no trabalho de Elton e dispostos a pagar para lê-lo… então…”

“E tu ainda trabalhas no instituto de vírus e vacinação?”

“Contarei-te mais nos próximos dias,” diz Joana atraindo a atenção de Fernanda com o olhar para um passageiro que aparentemente, observa distraídamente para a paisagem pela janela do comboio.

Quando entram no apartamento de Joana e Elton ele a espera. Cumprimenta Fernanda calorosamente e diz estar muito feliz por finalmente conhecer a exata cópia da sua companheira. Fernanda responde que também está feliz por conhecê-lo, embora o seu comentário esteja longe de ser original. As duas irmãs riem.

Joana então diz: “Paramos de contar esse comentário quando o

ouvimos pela milésima vez. Tínhamos 11 anos na época."
"Sim", responde Elton, "parece um fenómeno geral. Como animais sociais que somos tendemos a responder de maneiras bastante semelhantes a um determinado fenómeno ou situação."
"Esse é um dos aspectos da tua investigação?" pergunta Fernanda.
"O meu principal objetivo é de procurar tendências nas reações a certos fenómenos estruturais ou naturais", responde Elton. "Como é possível que, em menos de três gerações, os Ignorantes se tornaram a vasta maioria da população mundial? Acredito que isso não se deva apenas ao modelo escolar. Mecanismos internos de entorpecimento desempenham um papel e ocorrem em grande parte da população. Isso está em linha com a pesquisa de Sapolsky em neurociência."
"Quem é?" Fernanda olha para Elton interrogativamente.
"Sapolsky relançou no início do século com provocações a questão do livre-arbítrio. Não voltou a fazer dele uma discussão teológica ou metafísica, mas a baseou-a na biologia, na neurologia e na evolução contínua do deslindamento de como um ser vivo é geneticamente construído. Nos últimos trinta anos muitos biólogos e neurologistas deram continuidade a essa linha de pesquisa. Na psicologia, o estudo da resposta a certos estímulos ainda ocupa um lugar importante obviamente. Em suma, não é preciso saber muito para arrogantemente transformar grandes grupos de pessoas em seguidores servis. Há muitos exemplos disso ao longo da história. O intrigante é que talvez não consigamos fazer muito para neutralizar um tipo de,

digamos, ação programada. A única coisa que aparentemente pode ser feita é trabalhar em formas de reprogramação."
"Como acontece com os Grupos da Carta," observa Fernanda.
"Talvez como com os Grupos da Carta," concorda Elton. "Mas houve na história tentativas anteriores na mesma direção e elas nunca foram desenvolvidas em escala suficiente para realmente ver os resultados. Geralmente, há uma reação muito rápida daqueles que criam mecanismos de retaliação. Além disso, uma característica do pensamento crítico é a falta de unanimidade. O pensamento dogmático impõe unanimidade. Mas isso reforça o mecanismo de entorpecimento. A propriedade e o poder desempenham um papel importante alias. Isso é muito claro hoje graças aos muitos estudos sociológicos ignarométricos. É por isso que também acompanho de perto os debates, as tensões e a maneira como os adeptos da democracia direta lidam com o consenso e as regras."

Três semanas após sua chegada ao Complexo de Cambridge, Fernanda participa na cerimónia de gala que acompanha a entrega da Medalha Fields. Após a cerimónia oficial, os presentes se reorganizam em pequenos grupos de conversa nas mesas já arrumados. Joana e Elton apresentam Fernanda a Gerald e Henry Pax, e também a Bertrand Fox e sua mãe Alda. Mas eles não conseguem conversar realmente. Convidados circulam e interrompem-nos constantemente para dar os parabéns a Fernanda e fazer perguntas interessadas sobre a sua investigação. Joana admira Fernanda quando ela consegue explicar gradualmente a essência de seu trabalho em poucas frases. A maioria dos presentes são génios da matemática mas

pouco ou nada familiarizados com sua especialização.
As interrupções constantes fazem com que Elton e Joana convidem as famílias Pax e Fox para sua casa na noite seguinte.

Gerald Pax conta a Fernanda que conhece a avó Greta por meio de conversas da época da *Hortública* relativo à democracia direta e aos grupos *Zafónis*.
"*Hortública*?" perguntam Joana e Fernanda simultaneamente.
"Sim, quando os pais de Alexandra e a tua avó falaram em *Ignarysis* acerca das Casas Biblioteca na Península Ibérica, entramos em contacto. Tivemos aqui alguns grupos locais Dewey inspirados pela democracia direta. Depois, tivemos nossas reuniões na *Hortública*, uma comunidade virtual. Conheci a vossa avó através das minhas conversas com a Inês, o Sérgio e a Alexandra N'Kondo. Tínhamos um espaço especial para encontros de jovens naquela época quando surgiu a organização conjunta das Megapoleis e nos sentíamos cada vez mais fechados. A *Hortública* não existe mais, ou melhor, foi completamente absorvido pelo *GNet-Z* assim como o grupo *Ignarysis*."
Então Alda Fox pergunta: "Tens notícias dos *Livres Vagantes?* Nos últimos meses houve relatos de que seriam feitos trabalhos de recepção no Continente de Alkebulan."
Gerald responde: "Deves saber que a nossa família está a pensar em mudar-se para a Base Lunar 1. Durante as nossas video-chamadas nas quais a comunidade Hunt frequentemente participa descobrimos que existe um local bem desenvolvido perto da comunidade Bukoba. Houve existe consenso sobre o nome: *Paraíso dos Livros*. Ajudamos a comunidade com a sua

segurança eletrónica. Segundo informações recentes, os primeiros grupos de *Livres Vagantes* já chegaram e ocupam-se a salvar e registar as informações que trouxeram consigo."

Fernanda olha para Gerald e Henry com interesse. "Vocês estão mesmo pensar ir para a Base Lunar?"

"Pode levar ainda um ou dois anos, mas já tomamos esta decisão," responde Henry. "Existem grandes planos para construir novas bases nos próximos anos, com vistas a possíveis movimentos populacionais para fora da Terra. Mas deverias saber disso, não?"

"Já não sei exatamente o que sei," observa Fernanda. "Suponho que estejas a pensar na nossa contribuição teórica para a realização de viagens *TWIST*. Isso não é adequado para curtas viagens até a Lua. Mas para viagens a Marte ou Ganímedes seria obviamente um avanço fenomenal. Ainda assim, os engenheiros não esperam desenvolvimentos real nas próximas décadas."

"Olha," diz Gerard, "na nossa comunidade de engenharia estamos mais ou menos convencidos de que ninguém em *Bloomcamp* está interessado em colocar uma estação retransmissora em Lagrange 3. Acreditamos que a matemática que estás a desenvolver, Fernanda, será mais utilizada para melhorar a inteligência electrónica baseada em computação quântica do que para deslocamentos *TWIST* que em última análise permanece ainda quase tão hipotético quanto a propulsão *WARP* pelo menos para engenheiros humanos."

"Engenheiros humanos. Há outros?" pergunta Alda Fox surpreendida.

Joana ri. "Todos nós temos as nossas fantasias sobre a

comunidade Hunt e as suas ligações. Haveria seres não humanos especialistas em *WARP* entre eles… Embora estando inegavelmente na nossa linha, toda essa comunidade pode às vezes ser ainda mais fechada do que a própria *Bloomcamp*."

Gerald então continua: "Fiquei genuinamente surpreendido que a tua mais do que merecida Medalha Fields estivesse ligada a isso e não à maneira como abordaste a reescrita matemática da teoria quântica de campos."

"Reescrever é uma palavra importante," sorri Fernanda. "A nossa pequena equipa ajuda a lidar melhor com *anyons* e assim, impulsionar o computador quântico topológico. O *TWIST* é uma prenda adicional. Mas para mim, prova o interesse para as viagens espaciais."

"Certo, bem. De momento tenho quase a certeza que o único interesse real de *Bloomcamp* é de construir uma cidade espacial complexa para alojar cerca de 40.000 pessoas, todas pertencentes à elite endinheirada, sem precisar abrigar um exército de engenheiros humanos para preencher os lugares destinados a essa elite. Uma inteligência electrónica altamente avançada é absolutamente necessária. Talvez a bela conversa sobre migrações futuristas fosse apenas parte da desinformação generalizada."

"Isso quer dizer que os rumores de emigração em massa devido à degradação do planeta não passam de rumores?" pergunta Fernanda.

Agora Bertrand Fox entra na conversa. "Não te assustes com o que te vou contar, a minha querida. Os outros aqui já sabem algo sobre isso, mas para ti pode ser novidade. O meu pai faz

parte de um grupo de pessoas que estuda os vírus desde a primeira grande pandemia deste século. Ele demitiu-se da equipa de investigação à qual estava associado quando percebeu que o campo da guerra biológica estava a expandir e que as pesquisas estavam a ser levadas para as condições de contaminação seletiva."

"Contaminação seletiva por pandemias… é isso que queres dizer?" pergunta Fernanda enquanto assimila o significado das palavras de Bertrand.

"Sim. Não se trata de introduzir vírus por agentes secretos ou algo do tipo, mas de causar uma pandemia que mata um determinado grupo de pessoas dentro de uma população."

"Algo como matar só os pobres ou só os Sabedores, ou só as pessoas *de cabelo ruivo*", diz Fernanda rindo com desconforto.

"Exatamente," responde Ferdinand energicamente. "Temos amplo experiência no desenvolvimento de vírus seletivos que podem atuar em certas cadeias de ADN. Isso começou quando obtivemos a confirmação de uma relação entre o vírus da SARS e certos genes Neanderthal no genoma de indivíduos. Agora, uma pandemia atuando especificamente sobre esses genes teria um caráter muito amplo. Neste caso específico, haveria mais vítimas nos locais do mundo onde a concentração de material genético Neanderthal é maior, ou seja, em partes de North Waçúm e Vineland. A ideia era tentadora demais para que autocratas totalitários e figuras poderosas não a investigassem mais a fundo."

"Então é uma espécie de busca geral pela arma final," afirma Fernanda.

“Eu diria antes uma arma assassina entre outras,” observa Gerard. “Não te esqueças de que também existem armas químicas, sem mencionar as armas que a física nos fornece. Pense em ondas eletromagnéticas, partículas de alta energia, etc.”

“Bem, mas todas essas armas cobrem um espectro muito amplo e, falando com termos militares, há muitos danos colaterais,” continua Fernanda.

“A divisão da população em distritos com base no medo de pandemias criou justamente a possibilidade de reduzir esses danos colaterais,” retoma Bertrand. “É o raciocínio sublime de qualquer aspirante a psicopata. Na prática, atualmente temos em todas as Megapolis complexos sociologicamente homogeneizados com pessoas pobres e Ignorantes, e isso em escala global. Pense então em vírus que afetam especificamente certas características genéticas das pessoas que vivem nesses complexos. Acabaste de falar das pessoas ruivas. Se trouxeres todas as pessoas ruivas para um distrito específico e de seguida libertas vírus aos quais elas são geneticamente suscetíveis, com uma proibição estrita de contacto fora do distrito, poderás limitar os efeitos colaterais. Todos os não-ruivos com menos fraqueza genética para esses vírus específico dificilmente serão afetados.”

“Estás a falar a sério?” O olhar de Fernanda passa pelo círculo, incrédulo.

“Sim, minha filha”, diz Alda, “estamos convencidos de que toda a história que está a ser espalhada pelos *Bloomcampers* para os Sabedores de preparar grandes projetos de emigração tem como principal objetivo servir de desculpa para os cientistas e

pesquisadores que poderão sentir alguma pressão moral de abandonar os projetos financiados, como fez meu marido. Assim que ele renunciou, a nossa família foi cada vez mais pressionada para se mudar para outro distrito. É claro que temos muito menos *digits* desde então. Bertrand assumiu o lugar do pai por dois motivos. Por um lado, a pressão para se mudar diminui logo e por outro continuamos parcialmente informados sobre os planos de *Bloomcamp* agora que sabemos que tipo de informações devemos procurar. Mas Bertrand também atingiu o limite. Oficialmente, ele solicitou viajar com o *TransOcean* para Megalissipo e de lá para Bradin para trabalhar com uma equipa pesquisando os vírus para extinguir portadores de *Rh negativo*. Há avanços com vários vírus que afetam seletivamente o sistema imunológico. Ele recebeu permissão para viajar, o que significa que continuam a confiar nele. Temos uma autorização parcial para viajar com ele até Megalissipo, da qual não poderemos sair enquanto Bertrand não volta de Bradin. Mas tivemos que pagar o nossa própria viagem. É claro que há controle sobre como obtivemos os recursos necessários, pelo que os amigos que nos ajudaram agora também estão sob maior controle."

Joana olha para a irmã: "E agora, as boas notícias para ti. Elton e eu também vamos para Megalissipo, no mesmo barco em que tu vais voltar. Posso te contar hoje o que nunca contei a nenhum membro da família quando estavas tão preocupada, há cinco ou seis anos, por causa da minha aproximação ao Governo Local. Foi uma ideia vindo da parte de *GNet-Z* da qual um colega de equipa de Ferdinand é responsável. A intenção era reunir o máximo de informações possível junto ao Governo Local

inclusive sobre o que estava acontecendo centralmente. Pensamos então que poderíamos obter outras informações confidenciais através dos nossos irmãos EuroBrussels, e foi o que aconteceu. Mas eu não podia informar-te nem o resto da família. Oficialmente, tinha que parecer que eu estava a reunir informações para o Governo Local. E minha vinda oficial para cá devia-se ao governo central querer infiltrar mais os grupos *Ignarysis*. O meu plano deu bastante certo, diria eu. Até me "infiltrei" no Elton. Mas agora algo correu mal. Achei que estava suficientemente protegido não tendo que dar uma explicação plausível porque apoiei a família Fox na sua viagem. Supostamente era para *GNet-Z* não ter suspeitas. Aparentemente há uma fuga algures. Tenho sido seguido quase o tempo todo desde então.

"O observador da janela no comboio RESULT," diz Fernanda pensativamente.

"Por exemplo. Então, querida irmã, decidimos mudar-nos para Megalissipo. Continua a ser uma espécie de duplo bluff. Escrevi no meu último relatório que a mudança de Governo Central par Grande Governo é um bom momento para construir um novo circuito de informações. Embora houver mais suspeitas que em última análise não trabalho para *Bloomcamp* ainda não existem certezas. Mas talvez Elton e eu teremos a dificuldades para cruzar o oceano se esperarmos muito mais tempo."

***

Hans e a sua esposa percorreram alguns quilómetros hoje até chegar ao centro comunitário que compartilham com as famílias com as quais chegaram em Megasul alguns meses atrás.

Há mais duas casas senhoriais no terreno do *Mas do Pequeno Jean*. Numa delas vivem os parentes dos proprietários originais da antiga vila de *Aigues Mortes.* Na época famílias da geração do pai de Hans mudaram-se para lá quando recusaram a implantação de chips e a transferência para uma Metropolis. A outra é habitada por Ignorantes que vieram da zona dos Alpes. A língua de contacto entre os diferentes grupos é uma mistura de francês, alemão e inglês. Entretanto os refugiados da MegaBelgium Kust tentam que os seus filhos ou netos continuam a falar flamengo mas isso não é nada fácil.

Hoje, a maior parte da área do *Mas* é desabitada excepto por essa pequena comunidade. A família Haas está feliz por ter trocado o Mar do Norte pelo Mar Mediterrâneo. Eles vivem mais perto da água do que antes mesmo não havendo verdadeiras estradas em toda a área. Uma rede de trilhas corre entre pântanos salgados, sapais e salinas em uso. A maioria dos Ignorantes que vivem aqui passam o seu tempo a minerar sal. Os mais jovens costumam ir para a faixa costeira, onde colectam principalmente mexilhões, ostras, berbigão e conquilhas. Eles trocam os seus produtos duas vezes por semana por alimentos básicos. Essa troca é feita pela mão de dois Senhores Locais. Os seus servos costumam vir a cavalo com cestos de colheita.

No geral, os refugiados que aqui se encontram não estão mal. Os Ignorantes que vêm de áreas alemãs contam histórias de pessoas mantidas em cativeiro em terreno agrícola. Geralmente, são áreas muradas ou cercadas, das quais homens nem animais conseguem escapar. Algumas dessas empresas têm supervisores armados que não hesitam em mater quem tente pular a cerca.

Um dos homens com quem Hans às vezes conversa perdeu a esposa e os filhos durante a fuga. Entre o grupo de Ignorantes, há também vários órfãos que estão ao cuidado de quem os acolheu durante a fuga. Nenhum dos moradores do *Mas* tem um chip e, portanto, ninguém tem *digits*. O grupo carece de conhecimento para se organizar como uma comunidade cooperativa, mas, em geral, as diferentes casas do *Mas* não são muito hostis entre elas. Os habitantes originais treinam os refugiados que querem trabalhar nas salinas. A faixa costeira é mais ou menos dividida. Assim, quem colhe frutos do mar não fica constantemente em conflito. Piet começou recentemente a namorar Helga Flieher, que vem da região alpina e está hospedada aqui com os pais e a irmã. O pai de Helga é carpinteiro. Ambas as famílias tiveram a ideia de procurar uma casa vaga adequada perto do *Mas do Pequeno Jean* para morarem juntos. Os pais de Hans e Helga gostariam de ter cada um um pequeno atelier. Também deveria haver algum terreno ao redor da casa para que ambas as famílias pudessem cultivar uma horta junto para uso próprio e para trocas.

Há poucos artesãos na região, ainda menos capazes de consertar equipamentos eletrónicos. Hans conquistou rapidamente a confiança dos dois Senhores Locais com alguns arranjos, depois de desembalar alguns de seus equipamentos logo após a chegada deles e de ter improvisado um gerador com painéis solares para obter a energia necessária. Flieher Senior também faz uso do mesmo gerador.

Depois de se refrescarem um pouco no poço de água doce, procuram o resto da família. Hans pede a Piet que também vai

buscar a família de Helga. Afinal, eles têm uma grande novidade. A cerca de uma hora de caminhada do *Mas*, encontraram faz agora duas semanas, o que parece ser a casa ideal. Segundo parentes dos moradores locais, a casa está desabitada há mais de 25 anos. Precisa de um telhado novo e não há energia elétrica. Há um poço de água doce e atrás da casa há um hectare de terra suficientemente alto para não inundar durante as cheias do Petit Rhône. Como precaução, Hans conversou hoje com os dois Senhores Locais. Eles não se opõem ao uso da casa e dos arredores por ambas as famílias. Fica estipulado que quaisquer serviços prestados pelos artesãos aos moradores do *Mas* só podem ser trocados por sal e que as duas famílias não extrairão sal nem pescarão frutos do mar exceto para uso próprio e apenas na margem do terreno adjacente à casa. As duas famílias combinam usar cavalos emprestados para trazer a madeira necessária para o novo telhado. Eles também recuperarão telhas de ruínas na zona. Hans aceita um trabalho para proteger electronicamente a casa de um dos dois Senhores. Em troca, ele recebe trabalho braçal de dois trabalhadores rurais para restaurar a casa e a permissão de recuperar qualquer material das aldeias abandonadas controlados pelo Senhores.

***

No Condomínio Windsor ninguém se importa com a família de Hans Haas, os moradores dos Alpes alemães e os pequenos comerciantes locais. Mesmo os comerciantes estão muito abaixo dos valores de Bloomberg. Eles podem ser úteis para abastecer alguns condomínios em MegaSul com produtos e de resto não

incomodam.

Não, em Windsor, os dois espiões que investigam Fernanda Mestre estão num dos muitos restaurantes de primeira classe do condomínio, comentando as reportagens da última Gala da Medalha Fields. A presença de Fernanda Mestre torna esta Gala um assunto de interesse, não apenas para os moradores de Vineland e o Condomínio *Sequoia* mas também para Windsor em Erebúm. Afinal Fernanda vem da Península Ibérica e trabalha em Bradin.

Os espiões de Windsor estão irritados com a abordagem desleixado de seus colegas de Vinland. Continua a não ser claro qual o papel exato da irmã de Fernanda. O ano passado as pessoas aqui estavam muito animadas com a ideia de que o reencontro das duas irmãs lhes daria mais informações sobre a forma como trabalha o grupo de *Ignarysis*. Além disso, eles também queriam saber se os ataques desastrados contra os Sabedores em várias Megapoleis – incluindo o clã Mestre como às vezes dizem aqui – incitam para ações perigosas ou, o que seria ainda pior, para fuga. Há também a história com os irmãos de Fernanda. Para quem trabalham realmente os dois?

O que está a causar comentários particularmente relevantes é o crescente conhecimento que o clã Mestre tem sobre os locais de refúgio. Mesmo agora que têm a confirmação que *Paraíso dos Livros* existe, ninguém consegue obter a localização correcta. Os escudos electrónicos daquela comunidade Hunt continuam a ser muito eficazes. Se os colegas de Vineland tivessem feito um melhor trabalho o apartamento de Joana estaria sob escuta. A proximidade da família Fox certamente teria fornecido dados

interessantes. A única coisa certa é que grupos de Sabedores viajam para *Paraíso dos Livros*. Cada vez mais Sabedores permanecem fora do controle de *Bloomcamp*. Ninguém gosta disso pelo menos durante os anos de construção de *Elysium*.
Eles pedem a conta e um deles distraídamente coloca o braço contra o cobrador de *digits* para serem transferidos para o dono do restaurante. Depois deixam o local.

Sentado a uma mesa um pouco mais adiante, Dakari Cheboi está a processar o que ouviu. Ele foi recentemente confirmado no seu status de valor 9 pela Bloomberg. Mas seus pensamentos têm a ver com os Sabedores que optam por já não se deixar persuadir a trabalhar para *Bloomcamp* e assim perder muitos privilégios no processo. Para essas pessoas, independência e pensamento crítico são valores mais elevados do que o enriquecimento pessoal. Ele pesquisou o banco de dados. Nas últimas duas décadas, a única maneira de subir na hierarquia de valores da Bloomberg foi ter diplomas avançados e financiamento para realizar investigação relacionada com *Elysium* ou outros assuntos que estejam na mente dos números 11. E no entanto muitos Sabedores parecem recusar. O que os motiva? Dakari pensa no bisavô. Ele era um homem arrogante que se fez sozinho e que usou os diamantes no então África do Sul para estabelecer o comércio em Londres. As três gerações que se seguiram só enriqueceram, aproveitando o comportamento snobe dos mais ricos que mostram por exemplo a diferença de classe usando diamantes naturais em vez de sintéticos. O número crescente de números 10 e 11 tornou o diamante ainda mais valioso. No entanto no seu próprio círculo familiar, cada vez mais objeções éticas estão a levantar-se para

continuar a viver neste mundo separatista. Além disso os seus filhos estão assustados com a ideia de que o futuro da sua vida luxuosa poderá estar fora do planeta. Emigrar para uma cidade espacial não lhes parece ser uma opção muito interessante. Não tem eles riqueza suficiente para procurar um lugar na Terra onde a sobrevivência ainda seja possível? Será o *Paraíso dos Livros* uma opção? Naquela noite, Dakari conversa com a esposa, o filho e a filha sobre o que ouviu durante o almoço no restaurante. Eles concordam em voar para o Condomínio Nougaro, onde têm uma casa perto da grande empresa aeroespacial na qual têm ações. Eles partem de helicóptero para o hangar em Heathrow, onde o seu jato particular está sempre pronto. Na manhã seguinte, pousam no Condomínio Nougaro e tomam um farto café da manhã num dos aconchegantes cafés.

Lá eles discutem o resto de seus planos. Para ter alguma chance de conseguir chegar ao *Paraíso* eles precisam eliminar qualquer rastro. Dakari há muito garantiu que grande parte de seus bens imóveis estejam protegidos contra qualquer forma de mineração. Foi registrado em cartório que nenhuma operação poderá ocorrer nas suas terras até o ano cinquenta do próximo século. Ele não é o único. É uma estratégia usada por outros números 9 e 10 para fazer aumentar o valor das suas terras dada a crescente escassez de Terras Raras.

Do Condomínio Nougaro, ele providencia a compra de uma aeronave com capacidade máxima para 14 pessoas, adaptada para pousar em pistas não pavimentadas e na água. Ele também envia alimentos e material electrónico para Megalexandria pela RESULT de transporte de mercadorias. Depois de tudo estar

acertado, ele acredita ter chegado a hora de contactar um antigo colega de escola cujo pai sempre se recusou a morar num condomínio. Quando se separaram, garantiram que cada um tivesse um contacto individual por meio de uma plataforma de avatares.

Os Três Lugares (2095-2099)

Kwame Zoungrana olha com interesse para o grupo de caminhantes que chega ao *Paraíso*. Eles conseguiram descansar das suas respectivas jornadas na comunidade de Bukoba durante alguns dias. A maioria deles percorreu pelo menos os últimos cem a duzentos quilómetros a pé. A comunidade de Hunt e os técnicos de *GNet-Z* na Base Lunar 1 desenvolveram uma técnica para tornar a comunidade Bukoba e *Paraíso* virtualmente invisíveis. Há uma rede de ilusão electrónica permanente que recria a paisagem circundante. O que está abaixo dessa rede não pode ser encontrado por nenhuma forma de radiação. Mas a capacidade de ilusão não é ilimitada. Ela só pode ser obtida como uma cúpula na forma de um elipsoide cortado longitudinalmente com a superfície do solo como plano de corte. No entanto, os eixos do plano do solo devem preferencialmente aproximar-se na proporção de 1 para 2 e a superfície desse plano do solo não deve exceder 350 km quadrados. Ao construir o *Paraíso isso* foi levado em consideração. A área tem atualmente cerca de trinta km de comprimento e doze km de largura. A comunidade de Bukoba é um pouco menor. Uma forma alongada sobre uma faixa estreita de estrada permanece abaixo da área máxima de superfície, mas cria uma ilusão completamente artificial pois nesse caso não conseguem introduzir muitos variações.

Ao longo do tempo as redes de ilusão foram construídas em muitas regiões entre os trópicos para enganar o mais que possível os espiões de *Bloomcamp*.

A partir de hoje *Paraíso* está oficialmente em uso. Enquanto os primeiros duzentos moradores se instalam e a equipa de recepção prepara tudo para os *Livres Vagantes* armazenar as informações trazidas, Kwame Zoungrana contacta como combinado os engenheiros da Base Lunar 1. Ele relata a chegada em segurança do primeiro grupo de *Vagantes*, composto principalmente por cientistas de computação e físicos, com um pequeno grupo de investigadores em ciências sociais. Essas são as informações que Gerald estava a revelar a Fernanda em Megapple.

Naquela mesma noite, um avatar de Gerald recebe uma mensagem de um segundo avatar nunca utilizado. Seu colega de classe e ele criaram as duas figuras com a intenção de um dia tornar possível o contacto directo sem a interferência de outras pessoas numa sala privada, caso algum deles se encontrasse num perigoso aperto. Tenso, ele deixa o seu avatar entrar na sala de conversa. A figura de Dakari aguarda-o.

“Nem podes imaginar como estou feliz por termos sido loucos o suficiente naquela época para pensar em cenários apocalípticos e agir conforme. Como te sentes o meu velho amigo?” Dakari inicia assim a reunião.

“Mais de trinta anos, não é? Foi quando o teu pai decidiu mudar-vos todos para aquele *condomínio* chique.”

“E tu continuas a viver fora dos muros meu amigo.”

"E tu? Estas dentro ou fora da parede?”

Digamos que eu estou em equilíbrio muito frágil em cima da muralha estreita. A parede interna iniciou uma operação de larga escala. Já ouviste falar de OPAL?”

“OPAL? Soa a alguma acção de proteção dentária.”
“Não, meu amigo não tem nada a ver com actos de dentistas mas sim com actos vilões. OPAL significa *Operação Planeta Limpa*. Os *Bloomcampers* inventaram um plano maquiavélico para reduzir a população mundial sem se colocarem em perigo.”
“Sei que se fala em emigração forçada e que está a ser criada uma espécie de novo santuário para os ricos.”
“Estás provavelmente a falar daquele santuário *Elysium*. Mas não se trata emigração. Trata-se de liquidação meu amigo. Há planos em andamento para exterminar grande parte de muitas Poleis, como se exterminam vermes.”
Gerald fica completamente sem cor ao ouvir essa notícia.
“Tens a certeza disso meu velho amigo?”
“Depois de ouvir uma conversa que não era para mim, comecei a juntar informações por mim. E tenho certeza. Tanto que guardei nossos pertences e oficialmente fui para outro condomínio com minha família. E agora estamos prontos para nos esconder, para desaparecer. Dentro dos muros ouvimos falar sobre algum tipo de rede clandestina supostamente mantida por intelectuais. Sabes como podemos entrar em contacto com eles?”
“Fora dos muros também ouvimos falar deles. Sabias que todas as formas de educação e treino desapareceram com excepção de alguma instrução básica manipulada? Tu e eu tivemos pais que previram isso há muito tempo e escolheram uma saída possível para eles e para os filhos. Não me surpreende que a família Cheboi hoje decide desaparecer. É por isso que já estávamos preparando a possibilidade desta conversa há tantos anos atrás, certo? Sabes que existem grandes grupos de pessoas

completamente Ignorantes na maioria das Poleis? A teoria do gato de apartamento [*Ver livros 09 e 10 e os esquemas ignaroméstricos das irmãs Demeester, nota de Lev Auctor*] funcionou por um tempo, mas hoje há muitas pessoas pobres que não têm nada a perder e que se revoltam contra os únicos lugares que poderiam ajudá-las a sair da sua ignorância. Mas a manipulação dos Grandes Governos é muito eficaz. Pessoalmente eu desconfiava que *Bloomcamp* desempenha o seu papel nisso também, mas que o objectivo final seja uma espécie de extermínio em massa de grandes parcelas da população... isso é muito mau. E sim. Parece haver um grupo de intelectuais que continua a resistir à estupidificação da população. Eles usam principalmente comunidades de aprendizagem para isso. Se tiveres oportunidade pesquise algo sobre Grupos de Cartas, *Ignarysis* ou Ignorância."

"De momento não posso procurar nada além de um porto seguro para minha família. Tenho um avião particular. Dizem que há lugares de refúgio na região de Alkebulan entre os trópicos."

"Sim, ouvi algo sobre isso. Poderias usar o Nilo como guia e, possivelmente como via navegável. Há obstáculos mas talvez consigas chegar à comunidade de Butiaba. Se estiveres a pensar a fazer essa viagem por favor avise-me com antecedência para que eu te possa dar um pequeno presente de viagem."

Dakari entende que Gerald, o seu antigo amigo de infância, sabe mais do que diz e não quer revelar muito, mesmo durante essa conversa segura por avatar. Com o dispositivo de comunicação em miniatura que recebe e que está protegido electronicamente ele recebe instruções mais precisas. Perto de Megalexandria, ele

freta um barco fluvial para transportar seus pertences. Ele segue as instruções para as trocas de turnos de pilotagem do barco, enquanto ele e sua família viajam de hidroavião e param nos locais que envolvem trocas de turno e de barco. Quarenta dias após a partida, eles chegam à comunidade de Butiaba, a quem entregam o barco. Depois, eles podem voar pouco mais de 400 km por terra em duas horas. Após o primeiro voo com a família e o equipamento básico, Dakari e Musa fazem mais seis voos até que todo o equipamento que trouxeram possa ser entregue em *Paraíso*. Kwame Zoungrana imediatamente dá-se bem com Musa e Chinua e informa Gerald Pax que Dakari e sua família chegaram em segurança.

Dakari contata imediatamente vários matemáticos e físicos. Ele quer equipar o hidroavião de motores elétricos, painéis solares e células de combustível de hidrogénio o mais rápido possível.

***

Poucas horas antes do transatlântico atracar no complexo portuário de Megalissipo, o capitão informa Fernanda que há uma video-chamada da Base Lunar à sua espera. Ela vai até a sala de comunicação, onde tais chamadas podem ser recebidas. Um engenheiro aparece diante dela e felicita-a calorosamente pela Medalha Fields. Ele faz depois uma serie de perguntas técnicas e diz que também conversou com o engenheiro Gerald Pax sobre o assunto. Fernanda fica muito reservada. Lembra só de o ter conhecido há um ano e meio atrás quando estava em Megapple. Ela desliga a conexão e, perdida em pensamentos, procura Joana. Conta a a conversa. O nome do engenheiro não lhe disse nada. Ela aconselha a irmã de tentar contactar Gerald

o mais rápido possível pela conexão *GNet-Z* via satélite.
Nas próximas semanas Joana e Elton ficarão com Sérgio e Inês. Estão muito felizes por rever a filha pessoalmente. No dia seguinte à chegada, toda a família se reúne na Casa Biblioteca Paulo Demeester. Lá, eles também encontram Ferdinand Fox em animada conversa com a avó Greta.
Greta abraça Joana e Fernanda e diz: "Um ou dois anos antes da tua mãe se mudar para Megaludein com os pais, tive uma conversa com minha amiga que conheci quando o teu pai era um bebé, a Bianca Horta y Valls."
Elton levanta os olhos: "Não é esse o antropóloga que publica regularmente em *Ignarysis*?"
"É sim," Greta confirme. "Ela estava a falar de uma pesquisa secreta sobre a qual alguns dos colegas dela pediram mais informações. Estava relacionada com a possibilidade de desenvolver vírus que actuariam em variações específicas do ADN. E agora Ferdinand diz-me que essa pesquisa atingiu proporções monstruosas e que *Bloomcamp* está a pensar em montar operações de matança selectiva."
"Vou falar com a Bianca sobre isso," diz Sérgio.
"O *Instituto de Doenças Endémicas Sociais* ainda existe," pergunta Manuel N'Kondo. "Talvez seja hora de entrar em contacto com a nossa velha amiga Abigail Blum. Ela pode abrir um departamento de *Psicopatia Endémica Social* no Condomínios *Bloomcamp*."
"Isso faz me lembrar que preciso falar com Gerald Pax," diz Fernanda olhando para a irmã. Tio Alexandre, a conexão *GNet-Z* via satélite está operacional?"

“Vão ser necessários muitos Cou-Clib-Clans para conseguir destruir o nosso transmissor,” sorri Alexandre. “Vem.”

Quinze minutos depois, Joana e Fernanda conversam com Gerald e Henry. Fernanda conta-lhes a sua conversa com o engenheiro lunar. Gerald parece alarmado. Ele não conhece o engenheiro de lado nenhum. Fernanda tranquiliza-o. Ela não respondeu a nenhuma pergunta e apenas se referiu aos trabalhos publicados de fácil acesso. Gerald conta-lhes que a Base Lunar 1 agora tem apenas um número mínimo de funcionários. Muitos engenheiros foram transportados para os pontos de Lagrange L3 e L4. Está a tornar-se cada vez mais claro que a construção de *Elysium* e tudo o que vem com a cidade espacial se intensifica. Gerald menciona a mensagem que recebeu de Kwame Zoungrana sobre a chegada da família Cheboi em *Paraíso*. O que seu amigo de infância lhe contou convence-o ainda mais de que a cidade espacial está em fase avançada de construção. Mas por enquanto não está claro quanto tempo falta a *Bloomcamp* até iniciar efectivamente a emigração dos Condomínios. Pode ser só esse, o tempo disponível para os membros de *GNet-Z* salvar a vasta população de Ignorantes e a si próprios do extermínio em massa. Ele propõe a Fernanda que se junte a outros vencedores de medalhas e investigadores *GNet-Z* e de continuar a trabalhar nas unidades de pesquisa das universidades financiadas até terem certezas sobre o calendário dos *Bloomcampers*. Gerald pergunta a Joana se ela pode entrar em contacto com a nova delegação do Grande Governo. Agora que o pai sabe qual foi a razão para se mudar para Megapple na época, ele pode ajudá-la a inventar

uma falsa denúncia sobre *Ignarysis* como pretexto para o contacto com o Grande Governo e fornecer uma explicação lógica para do reaparecimento de Joana na Península Ibérica.

Elton pergunta a Inês e Sérgio se podem ajudá-lo a encontrar contactos interessantes para os seus estudos. Os pais de Joana recomendam-lhe alguns Grupos da Carta da Península Ibérica. Numa tarde, Elton encontra-se num do grupos *Zafónis* Gonçalo Lehrman com quem mantém uma conversa interessante. Gonçalo apresenta-se como filósofo da literatura. Ele fala extensivamente de Georges Steiner, que no início do século escreveu *O Silêncio dos Livros*. Ele vê elementos naquele texto que podem ter inspirado o *Livres Vagantes* a uma espécie de retorno ao texto oral. Segundo Gonçalo, o *Cemitério dos Livros Esquecidos* nunca foi tão importante como agora. Se de facto um movimento para memorizar o que foi escrito se iniciar, o número de livros ameaçados de esquecimento aumentará significativamente. Quantos intelectuais interessados em memorização e na busca de um lugar seguro irão pensar em preservar obras raras? A sua raridade não depende justamente da falta de atenção que lhes é dada? Isso pode ser justificado com a afirmação que são obras completamente obsoletas, mas deveriam ser esquecidas por esse motivo? Ou o esquecimento dessas obras levará ao seu surgimento como novas ideias, de modo que parte da aventura humana tenha que ser refeita? O que isso significa para a investigação humana? Um novo começo ou uma perda de tempo? Textos memorizados em cérebros vivos podem se defender melhor contra ataques do que quando são armazenados apenas em papel ou eletronicamente?

Entretanto vê os ataques dos *Cou-CLib-Clans* como uma expressão máxima da barbárie de que Steiner fala. É pior do que atacar um livro e, assim, levá-lo à falência acabando no *Cemitério dos Livros Esquecidos*. É fazê-lo desaparecer, é destruí-lo completamente. E essa barbárie, infelizmente, está hoje presente e de forma convincente.

Gonçalo e Fernanda encontram-se pela primeira vez na casa de Joana e Elton, quando ajudam o casal a se instalar no pequeno apartamento que finalmente obtiveram. Joana mais tarde lembra-se de como ambos, cada um com uma caixa para desempacotar nas mãos, iniciaram uma conversa de duas horas sobre a filosofia da matemática. Eles compararam o formalismo e o logicismo com o construtivismo e até mesmo com o construtivismo social. Segundo Fernanda, muito pode ser reduzido à questão básica de se a matemática existe na natureza fora dos humanos ou não. Ao fazer isso, ela traz à tona as ideias dos teóricos quânticos que seguem Rovelli na sua análise de como o tempo deve ser interpretado na física. Joana romantizou que essa primeira conversa entre os dois, baseada em física ou não, foi o *big bang* de um entrelaçamento atemporal.

***

O comentário de Joana poderia ter sido de António ou Juan Márquez. Na *Última Rosa* a poesia continua a ocupar o lugar de maior destaque. António afirma que os apreciadores da literatura poética são as vítimas mais vulneráveis aos ataques dos *Cou-Clib-Clans*. Eles são o grupo de intelectuais que não consegue resistir à brutalidade dos ataques. Por um lado, gostam de se perder em reflexões e descrições e, por outro,

muitos entre eles acham que só vale a pena cultivar a palavra. Em cada novo grupo de caminhantes e refugiados que chegam do Norte e do Sul, os artistas da palavra estão bem representados. Os membros de *GNet-Z* acreditam que uma das razões para isso pode estar relacionada com a forma como os Grupos da Carta falam sobre a *Última Rosa*.

É a vez da Biblioteca Paulo Demeester sediar o encontro semanal dos grupos *Zafónis* pela democracia direta. Hoje há muito participantes por ligações à distância. A proposta de debate pode ter a ver com isso: *Os Grupos da Carta podem ser a base para uma educação não condicional?*

Sérgio apresenta um breve panorama da evolução educacional durante o século XXI. Até meados da década de 20, parecia que todo tipo de aprendizagem dialogada estava a ser inserindo nas estruturas educacionais. Muitos já se esqueceram dos primeiros relatórios e estudos das organizações internacionais da época. Quem ainda se lembra dos discursos, por vezes inspiradores, de Andreas Schleicher, que, graças à análise de grandes quantidades de dados do PISA demonstrou como a aprendizagem dialogada tornava as pessoas mais críticas e portanto, mais bem preparadas para o trabalho científico ou para o sucesso em seus estudos e projetos de vida? Quem ainda se lembra de como os populistas continuaram a impor simultaneamente a separação entre escolas para pobres e ricos? Fizeram isso de forma inteligente. Para eles, autoridade relaciona-se com autoritarismo e não com autoria. A prática dava resultados rápidos. Todos tinham oportunidades iguais na escola primária e, a partir daí, cabia a cada um o que fazer com

elas. A sua mensagem baseava-se em alguns slogans bem escolhidos. E assim que ganharam mais espaço de manobra, jogaram com o individualismo e o medo dos outros. Por meio de manipulação e informações falsas, grandes investidores arruinaram iniciativas que promoviam a aprendizagem dialogada. Treinar professores, equipar escolas, organizar aulas como grupos de discussão e debate tudo isso custava muito dinheiro e investimentos que não tinham impacto imediato nos mercados de acções. A venda massiva de equipamentos de informática e o aluguer de conexões físicas e sem fio tinham sim este impacto. O desequilíbrio económico entre os nascidos naqueles lugares do planeta onde poderosas monarquias viveram por séculos explorando sem escrúpulos outros lugares da terra durante séculos mantendo aqueles nascidos lá na pobreza vitalícia, não se reduziu após as reformas humanistas. Foi quase o oposto. As democracias que surgiram dessas reformas, e com maior ou menor pressão local de movimentos sociais, agruparam-se em Estados-Nação que aumentaram ainda mais o desequilíbrio. As tentativas de transferir o seu modelo para antigas colónias e territórios ocupados foram meramente cosméticas para manter o domínio. Os fluxos migratórios modernos subsequentes foram retratados como o novo mal do qual o mundo próspero teve que se proteger.

Segundo Sérgio, a pandemia beneficiou aqueles que realizaram tais análises. Rapidamente e sem muitos protestos, eles conseguiram fechar escolas e interromper todas as formas de treino para debate crítico. Bastava manter a população suficientemente amedrontada com a doença mortal

desconhecida e apresentar o confinamento domiciliar como a única alternativa possível. Experimentar o ensino a distância e plataformas de ensino produziu resultados inesperadamente bons para autocratas e líderes autoritários. Aqueles que tinham o equipamento necessário podiam se submeter a programas de ensino, o que resultava num estreitamento da capacidade de raciocínio. Aqueles que não tinham o equipamento necessário juntavam-se ao grupo cada vez maior que receberam eufemisticamente a designação de analfabetos funcionais. Em ambos os casos, havia um aumento de Ignorantes que podiam cada vez mais facilmente ser manipulados.

A própria escola tornou-se um instrumento para restringir a instrução durante esse período de transição, até que os edifícios de escolas primárias desapareceram em todos os lugares na década de 2060. Geografia e história tornaram-se estritamente nacionalistas por um curto período pare depois serem eliminadas. Apenas a manipulada *vive-se-hoje* importava. A substituição das escolas pelo ensino a distância só acelerou a instalação mundial da ignorância.

Após a introdução de Sérgio, falam membros dos Grupos da Carta. As intervenções abordam principalmente dois aspectos. Vários intervenientes acreditam que além da análise de Sérgio deveria ser feita outra em conexão com a experiência religiosa fundamentalista. Alguém lembra-se das previsões feitas por universidades no que era então chamado de Oriente Médio em meados da década dos anos vinte. Quando pessoas religiosas de pensamento restrito dão aos seus filhos uma educação que se limita à aprendizagem de habilidades básicas isso tem um efeito

quase exponencial nas duas gerações seguintes. Em cinquenta anos, houve uma evolução de um quarto da população sem informação científica básica suficiente para dois terços da população sem essa informação básica. A educação voltou a estar ou permaneceu nas mãos de líderes religiosos ou governos autocráticos, assim que as Megapoleis substituíram a maioria dos Estados.

Outro aspecto diz respeito às formas de discussão dentro dos Grupos da Carta. Há uma maior conscientização hoje entre aqueles que fazem parte desses grupos. O diálogo sem a intenção oculta de forçar alguém a tomar uma determinada posição só é possível em grupos baseados na cooperação plena. A representação leva rapidamente à desigualdade na obtenção de informações. Neste caso a cooperação complementar desliza imediatamente para a colaboração dependente. Esta pode ser do grupo para o o seu representante ou do representante para o grupo.

Uma conclusão preliminar da discussão de hoje é que não são tanto os Grupos da Carta que podem ser a base para a educação não condicional mas o modo de relacionamento entre os membros de uma comunidade caracterizada no canto inferior esquerdo da matriz ignarométrico. Essa é a zona se encontram os tipos-ideias menos arrogantes e menos ignorantes. Os Grupos da Carta hoje podem certamente ajudar a estabelecer grupos cooperativos mas permanecem reféns daqueles que atraem o poder e propriedade para si. Podem as pessoas em grande escala concordar que a auto-realização geral a nível físico e mental ser alcançada através da *utilização* de recursos em vez da *posse* de

recursos e com base na simples coexistência em vez da coerção?
Após a reunião, Fernanda e Gonçalo conversam um pouco. Gonçalo sugere que talvez está na hora de começar a pensar no impacto da construção e da mudança para *Elysium*. Além disso, é hora de pensar no papel do *Livres Vagantes*.
Grupos da Carta *versus* outras formas de educação dialogada, parece que a discussão continua…

Na primavera de 2095, Sang N'Kondo Ngô, de seis anos, ganha um irmão. Pouco tempo depois, Sérgio e Inês tornam-se os orgulhosos avós de Jacobus Lehrman. Greta está radiante por ter um bisneto nos braços aos setenta e seis anos. No entanto, ambas as famílias demonstram alguma preocupação. Como será o mundo desta nova geração? Cada vez mais parece que toda a humanidade está fechada numa prisão gigante. Os mais ricos fecharam-se a si próprios e mandaram prender todos os outros. Mesmo de condomínio em condomínio, as movimentações estão a diminuir rapidamente. Frequentemente existe agitação nas fronteiras exteriores de cada um dos condomínios de luxo que compõem os *Bloomcamp* se a informação de *GNet-Z* estiver correcto. Mas nas Megapoleis a situação costuma ser ainda mais deprimente. Nos distritos que não são universitários, a pobreza e a falha nos sistemas de abastecimento causam uma crescente violência. Os Grandes Governos falam do retorno da anarquia quando falam de uma agressão qualquer, provando assim a sua própria ignorância.
Os Sabedores consideram que os anarquistas cooperativos eficazes são aqueles que rejeitam a propriedade e a violência e constroem comunidades pacíficas que protegem a diversidade e,

portanto, a individualidade de cada pessoa. Esses tem mais êxito assim que se reunem em refúgios.

Segundo Sérgio, a ideia cosmopolita típica dos anarquistas utópicos do século XIX encontra-se principalmente entre os tipos-ideais incluídos no canto inferior esquerdo do quadro ignarométrico de sua avó e tia-avó. Segundo ele, os ignorantes violentos que se autodenominam anarquistas são na verdade populistas alfa-anarquistas, como a avó Catherine às vezes dizia. Assim como os fanáticos religiosos, consideram a destruição deliberada de qualquer grupo de pessoas e a autodestruição um acto nobre em defesa de seus próprios dogmas sejam quais forem. Sérgio está convencido que, para ser um anarquista cosmopolita, é preciso ter uma grande experiência social **e** um grande conhecimento científico. É por isso que ele vê os tipos-ideais inscritos na matriz de '*anarquista inofensivo*' e o '*ómega anarquista*' possuindo uma saudável dose de tolerância não condescendente, mas que foram levados à Ignorância pelas circunstâncias como potenciais cosmopolitas. Em geral, esse grupo de Ignorantes desenvolve rapidamente formas interessantes de relacionamento com alguns dos tipos-ideais um mais arrogantes ou ignorantes. Como muitos outros membros da comunidade *GNet-Z* que participam em *Ignarysis,* ele está razoavelmente convencido serem muito úteis os refúgios e outras comunidades rurais onde os bens pessoais e *digits* passam a ser conceitos sem sentido. São os lugares básicos para aprender a fazer acordos de grupo dentro do grupo e entre grupos sem haver o risco de ser arrastado para formas organizacionais normativas por líderes manipuladores e

presunçosos como resultado da vontade de alguns que falsamente continuam a se autodenominar representantes de uma população. Segundo ele, à medida que tais comunidades entram mais em contacto umas com as outras uma evolução favorável também será assegurada em todas as Megapoleis onde grupos de aprendizagem regulamentados se mantêm.

Embora a maioria dos membros da família concorde com a análise de Sérgio sobre os tipos-ideais, Inês e as suas filhas consideram-no excessivamente optimista quanto à capacidade das comunidades rurais de combater a manipulação dos Ignorantes nas comunidades metropolitanas. As campanhas dos Grandes Governos em torno do direito de não participação com doações de bens ou *digits* para qualquer um que o 'reivindica' por escrito simplesmente continuará.

***

Musa Cheboi dá os parabéns a Kwame pelo nascimento de Jelani. Uma amizade próxima se desenvolve entre Musa e Kwame, do tipo que existe entre os seus pais. Numa reunião da população adulta de mais de 200 pessoas de *Paraíso dos Livros* alguns acordos foram feitos e as tarefas foram divididas. As famílias Cheboi e Zoungrana ofereceram-se para ajudar na organização prática do *Paraíso,* identificando os bairros onde *Livros Vagantes* e pessoas ignorantes interessadas possam encontrar um lugar na altura que cheguem. É claro para todos que quem traz literatura e ciência deve ter a possibilidade de partilhar e processar as informações trazidas o mais rápido possível principalmente com aqueles que demonstraram interesses semelhantes na seleção do património a ser

preservado. Ignorantes naturalmente interessadas também têm interesses diversos e também é agradável para elas encontrar pessoas com a ajuda das quais podem desenvolver ainda mais os seus interesses, mas ainda assim receber informações sobre coisas que desconhecem.

Aos poucos uma estrutura de bairro vai se criando em *Paraíso*. As famílias que são voluntários para trabalhar nisso logo garantem as conexões necessárias entre os diferentes bairros. O importante aqui é quanto autonomia cada grupo de bairro tem para decidir quando e para o que cada grupo de bairro se reúne para firmar acordos que transcendem os bairros. Eles garantem que todos possam revisar os termos de todas as decisões a qualquer momento. Kwame e Musa assumem a tarefa principal de estar disponíveis, juntamente com alguns outros para juntar para qualquer pessoa a qualquer momento, todas as decisões sobre determinados assuntos, caso seja necessário algum esclarecimento.

Desde o início, foi acordado mutuamente que todos teriam o tempo para si necessário para cuidar da horta familiar e para projetos pessoais. De momento foi adoptado um tempo mínimo provisório de três horas por dia que cada voluntário disponibiliza para participar nas atividades comunitárias para as quais se oferece. Quando um voluntário ou grupo de voluntários percebe que o tempo para trabalhar nesses projetos comunitários não é suficiente toda a comunidade busca em primeiro lugar a possibilidade de atrair mais voluntários. Em segundo lugar procura-se automatizar os processos onde e quando possível para que os voluntários possam então dedicar

sua atenção a outros projetos de seu interesse.
Os projetos podem assumir diversas formas. Por exemplo, Dakari foi logo um dos poucos voluntários para tornar o hidroavião independente da combustão fóssil que os motores ainda usavam quando a família chegou a Butiaba.

***

No *Mas du Petit Jean*, é hora de uma refeição festiva. A pequena comunidade acolheu recentemente dez bebés. Piet e Helga são também homenageados na refeição. Eles são um dos casais com um bebé. Os restantes membros da família Haas e Flieher também estão presentes. Os pais de Piet e Helga montaram dois tandems e uma bicicleta de carga tandem. Recentemente, adquiriram equipamento de soldadura para a oficina, agora que recuperam cada vez mais materiais de aldeias abandonadas na área. Como resultado, a distância entre a oficina e o Mas foi encurtada para cerca de vinte minutos. Vários moradores do Mas já perguntaram se podem obter ajuda de Hans para reparar ou montar uma bicicleta na sua oficina. Também contam com o seu conhecimento de eletrónica para fazer andar bicicletas com apoio de motor elétrico.
Piet e Helga decidiram dar ao recém-nascido o nome Jan *Fujilebre*. Eles esperam que o nome seja apenas um trocadilho dos apelidos de ambos e que tenham espaço e liberdade suficientes na casa onde moram atualmente para evitar a necessidade de recorrer à fuga novamente. Em geral, as redondezas do *Mas du Petit Jean* são tranquilas e os Senhores Locais não são muito desagradáveis. Eles só estão interessados em obter as quantidades impostas de sal extraídas das salinas

onde a maioria dos moradores do *Mas* trabalha parte do ano. As famílias Haas e Flieher estão isentas devido a serviços prestados a ambos os Senhores.

O que causa mais preocupação é o fluxo cada vez maior de Ignorantes que passam pela região. Em todo Erebúm o trabalho remunerado diminui cada vez mais. Nos grandes distritos periféricos da Megapoleis, as condições de vida são agora quase impossíveis. Grandes grupos de Ignorantes famintos não tendo nada a perder cruzam as fronteiras do distrito para áreas rurais para mendigar ou roubar. Outros se mudam para as áreas internas onde frequentemente vivem do que conseguem roubar. Regre geral o Grande Governo continua a ignorar quem sai da Polis, mas exercem repressão contra aqueles que atacam outros complexos na Polis. Ao fazê-lo está cada vez mais a experimentar em como infectar grupos populacionais específicos.

Os Senhores de toda a região por baixa Megasul responsáveis pela produção de sal, expulsam muitos dos Ignorantes que passam ou os aprisionam-nos em pequenas colónias onde os obrigam ao trabalho forçado. Aqueles que conseguem escapar e se estabelecer numa comunidade rural como a dos *Mas* são geralmente deixados em paz a menos que coloquem em risco o sossego da comunidade ou a sua capacidade produtiva.

No entanto os moradores de *Mas* um pouco menos ignorantes não estão totalmente tranquilos. Por um lado, os Senhores de qualquer Zona podem decidir a qualquer momento que lucram mais com colonos em regime de trabalho forçado do que com as trocas com as comunidades rurais livres. Por outro lado as

histórias que cada recém-chegado traz pintam um quadro cada vez mais sombrio da crescente arrogância resultante do desespero total das camadas mais pobres da população Ignorante. As famílias Haas e Flieher entendem que se um dia tiverem que se mudar não será já por causa da pressão dos *Cou-Clib-Clans* mas por causa da pressão de Ignorantes completamente selvagens. Entretanto Piet e Helga tentam estimular a curiosidade do filho da melhor maneira possível.

***

Arjan Chakma entra no seu escritório blindado no prédio da fábrica na zona portuária de Megameghnapolis. Ele verifica o estado dos escudos eletrónicos. Tudo está a funcionar na perfeição e prepara então uma conexão codificada com a comunidade Hunt e com a Base Lunar 1. Ele verifica se há sinais de interferência. O escudo entra em operação e absorve todo o tráfego electrónico de fontes não desejadas. Ele recebe a confirmação da Base Lunar em que o escudo lá também está totalmente operacional. Um momento depois, a imagem da comunidade Hunt se estabiliza. Ele fica um tanto surpreso ao ver Gerald Pax fisicamente presente.

"Olá, meu jovem amigo," cumprimenta Gerald.

"Gerald, eu não te esperava encontrar hoje!" responde Arjan.

"Estamos a dar os retoques finais em ambas as nossas missões à Base Lunar," diz Gerald com um sorriso. "Queria também agradecer pela tua ajuda. Estamos todos aqui, maravilhados com a tua virtuosidade. Quando sugeri, há um ano, que pedíssemos ajuda ao filho de Imran para melhorar os escudos electrónicos nem eu imaginava a qualidade do resultado. Já

testamos a tua versão portátil em várias pequenas comunidades rurais com equipamentos e energia limitados e estamos muito satisfeitos. O meu filho tem muita admiração por ti. Que idade tens hoje? 22? 23?"

"Tenho 23 anos, Gerald. Fico feliz que minha contribuição tenha resolvido para já o problema da acessibilidade segura das comunidades rurais. Mas digo 'para já' porque os *Bloomcampers* também têm excelentes engenheiros electrónicos. Temos que ficar atentos. Henry acompanhar-te-á até a Base Lunar?"

Na Base Lunar, alguém ajusta a câmera e Henry aparece na imagem. "Olá, Arjan. Como podes ver, já cheguei. Estou a testar as tuas propostas de proteção numa cratera a dez quilómetros da Base Lunar 1. Oficialmente, estamos a montar uma área de armazéns aqui para onde levamos os minérios das minas lunares antes de os enviar para L3 e L4. Já temos uma cúpula habitada aqui onde vivem apenas os funcionários que nós escolhemos. Esta é a primeira conexão que fornecemos diretamente com a Terra sem precisar de redirecionar o sinal através da Base Lunar 1."

"Tens alguma novidade sobre o andamento do projecto *Elysium*?"

As câmeras aumentam em ambos os lugares o ângulo para capturar todos os participantes da reunião. Um técnico da comunidade Hunt se pronuncia: "Um pequeno grupo partiu do *Condomínio Sequoia* para um destino desconhecido. Acreditamos que eles tenham uma sala de conversa protegida. Como Arjan disse anteriormente, os *Bloomcampers* também têm especialistas em camuflagem electrónica. Nas últimas duas semanas, houve

muita atividade com o transporte de pessoal para o relais espacial de onde partem os vaivéns espaciais de última geração para L4 e, recentemente, também para L3. O vaivém espacial para L3 é a nave tripulada mais rápida de todos os tempos. Ele parte de L4 e chega a L3 em trinta dias. No momento, há três vaivéns espaciais em operação. Os primeiros cubos espaciais foram provavelmente instalados há mais de dois anos e, desde então, os vaivéns espaciais têm voado de um lado para o outro continuamente. Usam nós também enquanto veículos não tripulados para transportar material. Nessas ocasiões voam duas vezes mais rápido de que os veículos tripulados. Não sabemos exatamente quantos cubos espaciais estão atualmente habitados.

Um engenheiro lunar então diz: "212 engenheiros lunares já partiram voluntariamente para o L3. Oficialmente, continuam a falar da construção de uma estação retransmissora. Aqui pode-se bem dizer que *Elysium* é um *segredo de Polichinelo*. Para já nenhum voluntário voltou. Portanto, não sabemos a situação exata. Uma das nossas membros é a capitã de um dos vaivéns espaciais. Ela nos trouxe algumas imagens que confirmam que vinte cubos espaciais estão conectados. Cada cubo pode acomodar vinte pessoas. Portanto hoje haverá espaço para 400 pessoas. Suspeitamos que *Bloomkamp* esteja a retirar construtores de certos lugares da Terra, talvez de distritos fechados para o Grande Governo.

"Quando *Elysium* foi discutido como um local de refúgio para o topo dos *Bloomcampers* eles sempre falaram de cerca de 40.000 pessoas, incluindo crianças. Isso significa 2.000 cubos espaciais só para os acomodar," observa um membro da comunidade

Hunt.

“Isso mesmo,” diz o engenheiro lunar. “E a informação que temos agora é que o fornecimento de material está totalmente operacional e eles montam e conectam 20 cubos por mês. Isso aumentará para um máximo de 40 cubos por mês até o final do ano que vem. De acordo com nosso capitão espacial, os escudos contra o vento solar e micro-meteoros crescem na mesma proporção.”

“Tem *Bloomcamp* apenas interesse em *Elysium*? Os planos de colonização da Lua, de Marte e das duas luas de Júpiter estão completamente paralisados?” pergunta Arjan.

“Pelo que sabemos, a Terraformação de Ganímedes continua,” diz Gerald. “Em Marte e Europa, eles continuam a construir espaços habitacionais, em grande parte subterrâneos. Pelo menos a cada dois meses, uma nave com trabalhadores especializados parte para os planetas exteriores. A eles é prometida a reunificação das famílias assim que as condições de vida o permitir.”

“Atualmente, há mais quatro bases lunares em construção na Lua e é isso para já”, acrescenta Henry às informações fornecidas pelo pai.

Arjan mostra-se consternado: “Então *Bloomcamp* está a tentar salvar a sua própria pele mas quase não pensa nos bilhões de outros habitantes da Terra.”

Henry diz: “Correto. Na melhor das hipóteses, eles vão conseguir transportar alguns milhões de pessoas até o final do século, talvez nem tanto.”

“Esse também é o nosso cálculo,” diz alguém da comunidade

Hunt. “É por isso que continua a ser tão importante de proteger as comunidades rurais da Terra o mais que possível contra as perturbações climáticas e as ameaças espaciais caso algo dê errado com o campo magnético natural do planeta. O novo desafio para a tua geração Arjan, será de fazer com que os escudos electrónicos que estás a construir retenham formas agressivas de partículas altamente carregadas. Presumimos que as áreas mais altas entre os trópicos oferecerão a melhor chance de sobrevivência em caso de catástrofe generalizada. É por isso que elas têm prioridade absoluta.”

Arjan parece ainda mais desconfiado agora. “Estás a falar de *o final do século*. Têm a noção de que isso é daqui a uns cinco anos? Como vamos conseguir fazer isso?”

Gerald diz: “Parece um pouco melhor do que isso. Estamos a falar do fim do século porque suspeitamos que *Bloomcamp* se prepara para iniciar o êxodo para *Elysium* por volta de 2101. Os modelos de que dispomos indicam que ainda temos cerca de cinquenta a sessenta anos para continuar a proteger partes da própria Terra. Mas sim, em última análise, nunca será possível mover toda a população da Terra para outras partes do espaço nesse período.”

“Bem, quais são os próximos passos?” pergunta Arjan.

A discussão torna-se mais técnica. O cronograma é ajustado e faz-se uma nova divisão de tarefas.

No final da conversa Gerald despede-se com um comentário: “Na nossa próxima conversa toda a família Pax já estará na Lua. A nossa comunidade anfitriã está a preparar-se para outra viagem e desejo-lhes muito sucesso. Teremos mais uma reunião

antes de eles viajarem."
Os outros participantes também saem da reunião e Arjan fecha todas as conexões. Junta-se aos colegas de trabalho para discutir as próximas tarefas.

***

No Condomínio Windsor, os números Bloomberg de valor 10 estão preocupados com a continuada queda dos valores das ações em quase todo o planeta. Durante uma reunião de crise eles analisam como o consumo está a diminuir drasticamente em todo o hemisfério norte. A saída de cada vez mais Ignorantes para viver sem *digits* em sítios fora da metrópole é apenas um fenómeno marginal. Pior são os que têm uma vida confortável com *digits* disponíveis mas cada vez menos produtos para comprar, simplesmente porque os canais de fornecimento para estão a desaparecer cada vez mais. Há muito que a ligação de logotipos a determinados produtos mantém artificialmente elevado certos preços de produtos que em última análise têm um baixo valor intrínseco. Mas os produtos por baixo dos logotipos vêm todos de unidades de produção padronizadas e quase todas do Reino do Meio. Os proprietários desses produtos preferem procurar artesãos que realizem reparos com materiais obtidos de produtos danificados em vez de comprar produtos novos. A indústria alimentícia entrou quase em colapso total agora que grande parte da agricultura é feita em unidades automatizadas locais de propriedade de Senhores Rurais que empregam à força Ignorantes que vivem em áreas rurais. O que produzem vai diretamente para o Grande Governo e os governos locais que cuidam da distribuição posterior dos

produtos. *Bloomcamp* desenvolveu regras há algum tempo para listar as próprias Megapoleis na bolsa de valores. Então, indivíduos e Fundações deram um novo fôlego à bolsa aumentando as oferta já de si anteriormente agressiva para comprar uma Polis. Isso reanimou por algum tempo a bolsa mas o que mais se pode fazer no final das contas além de comprar e vender ações da Poleis e tentar aumentar o valor das ações? É uma espécie de extensão do antigo jogo Monopoly entre os mais ricos.

Ouro, platina e diamantes são quase por inteiro propriedade de pessoas com valor acima de 9 há muito e ninguém parece interessado em abrir mão de nada hoje. Terrenos são propriedades sem valor a menos que sejam adequadas para mineração. Mas esses ativos também estão nas mãos dos mais ricos *Bloomcampers*.

Já só existem bancos reais no Reino do Meio. Embora ainda possuam reservas de metais preciosos, a sua atividade concentra-se quase inteiramente na mineração para a colonização extraterrestre, ou seja, para a construção de *Elysium*.

Os mais ricos têm pouco a fazer tirando indicar como querem a decoração do seu cubo espacial.

***

Fernando e Gonçalo convidam amigos e familiares para uma festa quando Jacobus festeja dois anos. Há tempo para brincar com as crianças e contar histórias. Após o lanche da tarde, com um lindo bolo para o qual Gonçalo e Elton conseguiram chocolate verdadeiro, as crianças continuam a brincar sob a

orientação de Sang, agora com sete anos. A conversa entre os adultos muda de tom.

"No Grupo da Carta para crianças que Sang frequenta, aparecem cada vez menos crianças novas," diz Alberta.

"Também estamos gradualmente a ver menos crianças na Casa da Biblioteca tanto no nosso próprio Grupo da Carta como nos espetáculos que o teu tio-avô ainda organiza," responde Inês.

"Elton e eu recebemos recentemente pela primeira vez uma mensagem de que não precisávamos ir a um Grupo da Carta devido à falta de participantes," acrescenta Joana.

Fernanda olha para a irmã: "Gonçalo e eu contamos contigo para o ensino de Jacobus. Esperamos conseguir formar um grupo com outras crianças, mas parece que a nossa geração em Megalissipo tem menos descendentes."

"Certamente nós não temos vontade de ter filhos," diz Joana. "Mas não sei se a nossa geração tem realmente menos filhos. Os últimos dados demográficos de que dispomos mostram em geral um crescimento populacional só ligeiramente negativo. Tenho a impressão de que cada vez mais Ignorantes, inclusive no nosso distrito, ao assinar o Direito à Não-Participação mantêm os seus filhos longe de Grupos da Carta onde a participação é motivada por análise crítica. Detesto dizer isso mas parece que o Grande Governo está a vencer esta ronda em Megalissipo."

"Em Megalissipo e em outras Poleis", observa Gonçalo.

Fernando Ngô concorda. "Sim, o fenómeno está a alargar-se. Segundo informações que tenho, no Hemisfério Norte, 70% dos Ignorantes já assinaram tal declaração."

"Se os Ignorantes desconhecem a existência dos Grupos da

Carta ou se esqueceram de que eles existem então parece que dentro de uma ou duas gerações os Sabedores serão uma raridade. Os *Cou-Clib-Clans* consideram os Sabedores como uma espécie de magos malignos que encontram tudo nos seus livros para prejudicar até mesmo os chefes de governo," diz Alberta. "Parece que os Não-Ignorantes vão ter dificuldades."

"Talvez devêssemos considerar mudar-nos também para uma comunidade rural, como outros amigos de *GNet-Z* já estão a fazer. Poderíamos então organizar um Grupo de Apoio entre nós para todas as crianças das famílias com as quais nos juntamos nessa comunidade convidar as crianças daqueles que já moram lá," pensa Fernanda.

Sérgio olha para a filha e diz: "Isso não é só levar o problema para outro sítio? Concordamos que o crescente grupo de Ignorantes representa um perigo, mas antes de tudo para si mesmos, para a humanidade e para a saúde do planeta. Mas é na Polis, onde o Governo e os Ignorantes Arrogantes têm poder sobre o resto da população, que esse perigo continua a crescer. Se fugirmos coletivamente para uma comunidade rural, o que acontece? Vamos abandonar deliberadamente o resto da população. Não quero fazer uma observação paternalista, mas se a observação de que ao fugir nós ajudamos a reduzir ainda mais as possibilidades de encontrar um grupo de estudo ou uma biblioteca, então isso não me parece ser bom para ninguém."

"Mesmo que nossas vidas estejam em perigo?" pergunta Joana.

"Mas é esse o caso no momento?" rebate Sérgio.

Greta diz então: "Não há sinais para outro grande ataque à Biblioteca num futuro muito próximo. Além disso, Megalissipo

parece ser uma Polis menos perigosa para os Não-Ignorantes em geral. Concordo com Sérgio que fugir hoje não ajudará ninguém. Gostaria de acrescentar que se houver perigo real é melhor nos protegermos. Afinal, ninguém em sítio nenhum beneficia de *GNet-Z* membros mortos."

Joana e Inês acenam a cabeça e Fernanda diz: "Então não fugimos para já. Mas ouviste a tua sábia mãe, pai! Não podemos descartar que teremos que nos mudar para o sul no futuro."

Mais tarde naquela noite, enquanto as duas irmãs arrumam a cozinha enquanto Gonçalo e Elton entre grandes gargalhadas põem Jacobus a dormir, elas conversam ainda brevemente das preocupações. Concordam em abordar Alberta, os pais dela e a sua mãe biológica para considerar rotas seguras através do Mediterrâneo com seus antigos contactos em *Megandalusalgarb*. De acordo com *GNet-Z o* Vale do Nilo continua a ser a melhor estrada para o centro de Alkebulan.

As irmãs pensariam talvez de forma diferente se pudessem ouvir Ivan Auctor. É talvez só a rota menos má, pensa Ivan, enquanto ele, Sergei e a esposa dele, a Sana, tentam manobrar o pequeno barco contra a corrente depois de deixar a comunidade Ogujebe com os seus dez novos amigos que pilotam mais três pequenas canoas em grupos de três ou quatro. Pouco mais de 200 km os separam de Butiaba.

A comunidade local explicou-lhes como continuar pelo canal até o Lago Kyoga. Ele passa pela comunidade de Paraa exigindo subidas por terra. A jornada até ao lago envolve a troca de barcos por ferramentas, a menos que tentes seguir o rio por 200 km de vez em quando com uma canoa nas costas, quando as

correntes ou as pequenas quedas são um obstáculo. Depois de navegar pelo lago por cerca de 100 km, eles encontrarão o rio vindo do sul. Mais uns bons 100 km e finalmente chegarão ao grande lago. Entretanto também há obstáculos aqui na forma de correntes fortes. Depois disso, a jornada através do lago até a comunidade de Bukoba é bem fácil, desde que não fiquem muito longe da costa.

Depois de tudo o que Ivan, Sergei e Sana já passaram, eles têm pouca vontade de caminhar por terra. Felizmente, pouco antes do grupo partir eles receberam outras informações da comunidade de Juba por meio de *GNet-Z*.

Eles foram aconselhados a solicitar transporte terrestre à comunidade de Paraa e viajar depois imediatamente para o sul para chegar ao Lago Kyoga por via fluvial. A estrada é cerca de cinquenta quilómetros mais curta e um pouco mais confortável, especialmente com animais de carga e uma carroça. Melhor ainda, disseram eles, é simplesmente trocar o barco e alguns bens por animais de carga e uma carroça e usá-los para chegar ao grande lago. Por terra, de Paraa podem chegar no lado norte do grande lago em cerca de 10 dias. Lá também é fácil encontrar alguém que faça a viagem de barco até a comunidade de Bukoba, geralmente em troca dos animais de carga que trouxeram, da carroça e possivelmente um pouco mais.

E então, no dia anterior à sua partida, Sergei recebeu uma mensagem ainda melhor de *Paraíso dos Livros* via a Base Lunar. Em vez de viajar por estrada até o grande lago o grupo pode ser apanhado em Butiaba... de hidroavião. Primeiro Sergei e Sana acharam que era uma piada. Mas não, eles receberam uma

mensagem do próprio Dakari Cheboi, dizendo que ele podia ir buscá-los com alguns *Livres Vagantes*. No entanto aconselhe-se o Sergei de não falar demasiado com outros viajantes do hidroavião. A melhor coisa que podem fazer é deixar a comunidade Ogujebe na ideia da viagem terrestre por Paraa. Afinal, essa é a rota que a maioria dos refugiados segue. Contudo, em vez de parar na comunidade Paraa, eles simplesmente viajam mais 60 km lago acima.

Os três agradecem por estarem quase no fim da jornada. Partiram do Mar de Azov, cerca de 6.700 km mais ao norte há um ano e meio. Começaram a jornada como uma expedição científica relacionado com a crescente atividade vulcânica no Mediterrâneo Oriental. No Mar de Mármara logo o início da jornada foi também quase o fim. Provavelmente causadas por um terremoto, ondas enormes arrastaram o barco em que navegavam juntamente com outros *Livres Vagantes*. A viagem começou com um náufrago e apenas seis pessoas conseguiram chegar à costa. Ivan e Sergei perderam o resto da família e Sana ficou sozinha. Junto com os outros três sobreviventes, eles foram levados para a comunidade de Dardanelos. Os outros três companheiros desistiram de todo o plano e decidiram ficar ali. Os seus chips de identificação foram removidos e eles foram incluídos na lista de membros falecidos da expedição. Sendo científicos, Ivan, Sergei e Sana decidiram abandonar o seu primeiro plano para chegar o mais rápido que possível em *Paraíso dos Livros*. Eles solicitaram novos equipamentos para chegar à ilha antigamente com o nome de Creta. Hoje é praticamente desabitada devido ao número crescente de

terremotos. Logo após a sua chegada, foram recebidos por um grupo de sismólogos alguns dos quais são membros da *GNet-Z*. Eles fizeram os preparativos necessários para uma viagem ao Delta do Nilo implantando bóias sísmicas. O plano subjacente era quando chegarem à foz do Nilo, os três aspirantes a refugiados também retirar os seus chips de identificação. Os outros membros da expedição declarariam as suas mortes num acidente de barco.

Eles já pagaram em grande parte o equipamento com os *digits* que ainda tinham, quando solicitaram retirar os chips. Eles tinham peças de reposição suficientes para uma longa viagem de barco pelo Nilo. Os aproximadamente 1.200 km entre Megalexandria e a grande barragem foram quase uma viagem de prazer. Eles fizeram a viagem rio acima numa confortável lancha. A viagem durou um mês e não trouxe problemas.

Sob a barragem ainda existente, eles trocaram o grande barco a motor por uma embarcação menor e provisões. A viagem da barragem até ao Lago Alberto percorreu cerca de 1.700 km de rio e levou-os por trechos difíceis. Mesmo assim, eles acreditavam que conseguiriam conduzir a grande canoa que tinham escolhido através das zonas de rápidas, tanto remando quanto usando o motor externo.

As informações que tinham não eram totalmente corretas. Na metade da jornada para a comunidade de Juba, foram forçados a deixar o rio. Receberam ajuda de uma mini-comunidade de três famílias de ignorantes. As famílias tinham trocado a vida impossível na Megapoleis por uma existência muito simples na margem do rio. Os três refugiados foram seu primeiro contato

em dois meses. Eles ficaram felizes em ajudá-los como já tinham feito algumas vezes com Sabedores fugitivos anteriores. Explicaram que não queriam aumentar em número a sua pequena comunidade por aqueles quem não pretendia se dedicar à agricultura e à criação de galinhas e cabras. Isso ocupa muito tempo e os Sabedores eram segundo eles muito impacientes para esse tipo de trabalho.

Sergei lembra-se bem de como foi a prova viva disso, simplesmente porque a canoa teve que ser desmontada e remontada mais acima. Toda a viagem por terra para voltar ao rio acima levou mais de uma semana e ele entendia muito bem as provocações de seus ajudantes ocasionais. A comunidade não pediu nada mas Ivan decidiu dar algumas de suas ferramentas. Isso seria útil para a comunidade ajudar prováveis outros Sabedores fugitivos. Quando se despediram ele explicou que a rede à qual pertenciam atualmente recomendava a viagem ao longo do Nilo como a rota menos difícil para chegar ao abrigo mais ao sul com o nome de *Paraíso dos Livros*. Então alguém comentou que cada um aparentemente tem sua própria opinião sobre o que é o paraíso. E a pessoa acrescentou não conseguir imaginar que Livros também precisassem de um paraíso.

De resto, as informações de *GNet-Z* estavam corretas. Eles conseguiram navegar rio acima em direção à separação do Nilo. Seguiram pelo braço sudoeste. Pouco antes passaram por uma área desolada de uma cidade totalmente destruída. Eles viram com seus próprios olhos o resultado de como *Bloomcamp* entregava mais uma vez gradualmente grandes partes de Alkebulan à sua própria sorte, assim que nenhuma riqueza

podia ser extraída dela. Via *GNet-Z* Sana tinha mantido contactos com Sabedores afiliados à universidade da zona antes que toda a região havia caído nas mãos de Ignorantes agressivos e se tinha tornado cada vez mais desolada há cerca de vinte anos. Os Sabedores que na altura ainda lá estavam foram acolhidos por várias comunidades rurais, algumas das quais faziam parte da rede. A maioria deles possuía vasto conhecimento médico, e as comunidades rurais ficaram felizes em acolhê-los. Ninguém sabia exatamente para onde os Ignorantes assassinos e saqueadores foram de seguida. *GNet-Z* alerta sobre áreas a evitar a leste do Nilo, do delta até o Golfo de Áden. Assim como a costa leste do Mediterrâneo, as costas do Mar Vermelho e do Golfo de Áden são perigosas para os viajantes do Saber.

Enquanto atravessam a área urbana devastada Ivan lembra um comentário dos Ignorantes que tão gentilmente os ajudaram. Não são os livros que precisam de um paraíso, mas sim os Sabedores e os Ignorantes que querem escapar da ânsia pelo poder de qualquer tipo, seja ele vindo dos ricos *Bloomcampers* como da população empobrecida de Erebúm, Waçúm e Alkebulan.

Ao chegarem ao braço sudoeste do Nilo, os três viajantes sabem ter percorrido pouco mais da metade da jornada através de Alkebulan. Segundo os seus cálculos, faltava cerca de 1.300 km até comunidade de Juba. Mas a passagem por uma cidade completamente deserta e destruída os deixou-os inquietos. A partir de então, percorreram uma média de cerca de trinta quilómetros por dia. Frequentemente precisavam descansar

durante o dia para permanecerem alertas à noite. Por duas vezes não tiveram outra escolha se não permanecer no local para montar armadilhas e reabastecer a sua reserva de peixes.
Após um mês e meio de viagem neste braço do Nilo, chegaram ao grande pântano. Encontraram mais refugiados aguardando o aumento anual de água para prosseguirem nos seus barcos rasos. Ao todo, formavam um grupo de trinta viajantes, incluindo oito *Livres Vagantes*. Eles passaram o tempo de espera comparando informações para escolher as melhores rotas no labirinto de canais entre as ilhas de papiro. Entre as pessoas presentes, um engenheiro fala de um projeto centenário dum canal ao longo do pântano. Ivan imediatamente comenta que felizmente isso nunca se concretizou. Embora toda a região testemunha de cenas dramáticas entre a população humana, tal canal provavelmente teria significado apenas uma melhoria de curto prazo. Ele conta aos outros o que sabe dos seus próprios ancestrais que foram obrigados a deixar a sua região natal quando a busca pelo lucro e a cegueira política transformou o enorme lago onde viviam numa terra desértica. Alguém então comenta que poder, posses e cegueira são características de muitos executivos arrogantes. Ele memorizou documentos de *Ignarysis* e cita dois que ligam as mudanças climáticas de longo alcance aos tipos-ideias do lado superior esquerdo da tabela ignarométrica. Sana decide ler os textos com atenção se algum dia chegar ao *Paraíso dos Livros*.
Assim que o nível da água o permite, o grupo parte para uma longa caminhada através do pântano. Entre eles estavam três observadores de animais. E isso mostrou-se necessário para

evitar surpresas desagradáveis com hipopótamos, mas sobretudo com crocodilos. Não havia caçadores experientes no grupo e além disso apenas quatro membros tinham uma boa arma de caça, logo toda a cautela era pouca. No entanto, esta última parte da jornada até a comunidade de Juba foi para Ivan, Sergei e Sana a menos difícil pois eles já não estavam mais sozinhos para as vigílias noturnas.

E então, finalmente, quatro meses depois de terem navegado pelo braço sudoeste do Nilo, chegaram à comunidade de Juba. Com os *Livros Vagantes* viajariam para-o *Paraíso dos Livros* na companhia de um casal de Ignorantes que ouvira com grande interesse as histórias sobre aquele *Paraíso*. Os outros Sabedores e Ignorantes juntam-se à comunidade de Juba. Também ela tinha entre seus membros pessoas que mantinham conexões regulares com outras comunidades que *GNet-Z*a apoia.

O cais de desembarque da comunidade de Butiaba surge à vista e, sim... não é uma miragem! Lá está o hidroavião pintado de verde de Dakari Cheboi. Dakari abraça Ivan quando se encontram pessoalmente pela primeira vez. Após uma breve apresentação ele anuncia que poderá levar os treze viajantes de um só vez para *Paraíso dos Livros*, sem que ter que passar por Bukoba primeiro. Todos embarcam alegremente e dormem profundamente assim que decolam, com excepção de Ivan e Sana que têm uma longa conversa com Dakari.

Eles falam principalmente da crescente pressão de *Bloomcamp* para mobilizar os engenheiros disponíveis para o projeto monstro *Elysium*. Ivan explica que a decisão de fugir para o *Paraíso* se deveu em grande parte aos planos insanos de

bombear lava de áreas vulcânicas ativas e, em seguida, quebrá-la para filtrar minérios contendo metal. As informações disponíveis na comunidade geológica mostram que uma maior perturbação da crosta terrestre atingindo deliberadamente a lava líquida tem consequências de longo alcance não apenas para a atmosfera devido ao uso de explosões nucleares no solo, mas também rompe o escudo magnético da Terra. Dakari fala da disseminação dos números-sombra de *Ignarysis* para escapar ao controle. É chegada a hora de dedicar uma edição a essas práticas perigosas, na tentativa de convencer os céticos de terminar a sua colaboração com os *Bloomcampers*. Ele sugere a Ivan que o discutam com a comunidade de engenheiros liderada por Gerald Pax na Base Lunar 1 após sua chegada ao *Paraíso*.

***

Juan Márquez ouve com crescente atenção a história dos Primeiros *Livres Vagantes* que vieram das regiões do Norte para *Última Rosa*. Eles navegaram pelo Estreito de Baja e desceram pela costa até as proximidades de San Juan, percorrendo o restante do caminho com animais de carga da comunidade local. Alguns dos refugiados já haviam atravessado antes o continente de Vineland de Megapple a Megangeles. Entre eles, dois matemáticos trazem os seus próprios trabalhos como *Livros Vagantes*. Esses Livros do Norte juntam-se àquele grupo de moradores de *Última Rosa* que se dedica mais às ciências exatas do que à literatura e à poesia. Juan aprende mais sobre o financiamento do projeto de *Elysium*. Há ramificações nas várias pesquisas e até mesmo na matemática teórica. Os dois recém-chegados falam em determinado momento de Fernanda Mestre.

Isso também inclui *Ignarysis*. Juan fica muito entusiasmado quando ouve falar pela primeira vez sobre a matriz ignarométrica das irmãs Demeester. Ele pergunta se alguém trouxe mais informações para *Última Rosa* ou até mesmo textos escritos sobre ignarometria. Alguns refugiados de Mega Santacatarina, envolvidos nas experiências relacionadas com democracia direta, entregam-lhe textos de Sérgio Mestre e Inês Legendre. São os pais de Fernanda Mestre, a matemática teórica de quem se falava. Juan decide tentar entrar em contato com esse grupo de Megalissipo assim que houver uma boa conexão via *GNet-Z*. A ignarometria estabelece a conexão entre relações sob tipos-ideais inscritos na matriz e diversas formas de organização social. Os recém-chegados do Norte trazem histórias sobre a crescente arrogância dos *Bloomcampers* por exemplo os do Condomínio *Sequoia*. Juan pergunta-se se vindo daí existe alguma esperança para formas participativas de democracia direta.
Os desenvolvimentos dos próximos dois anos terão consequências de longo alcance tanto para *GNet-Z* como para a dinastia Magister-Auctor.

Os *Bloomcampers* começaram uma corrida contra o tempo para terminar o projecto *Elysium* cuja construção começou há quase dez anos até a viragem do século. Cientistas de computação, incluindo Arjan Chakma em Megameghnapolis, desenvolveram um algoritmo de IA que permite aos robôs de montar material colocado em pontos de Lagrange quase sem intervenção humana. Especialmente para o acabamento de *Elysium* este algoritmo é de enorme importância. O grupo mais

pequeno de cientistas de computação *GNet-Z* que Arjan integra conseguiram reutilizar grandes partes do mesmo algoritmo para desenvolver um sistema fechado e totalmente blindado, controlado por inteligência electrónica. Em breve poderá controlar toda a comunicação entre os membros da Base Lunar 2 e os três principais refúgios para os *Livres Vagantes*, gradualmente conhecidos como os *Três Lugares*. Arjan tem um briefing semanal sobre isso com Henry Pax, que pode facilmente se proteger de ouvintes indesejados nessa mesma Base Lunar 2.

A família Fox desenvolveu uma amizade próxima com Sérgio e Inês desde que chegaram a Megalissipo. Ferdinand continua a visitar Greta regularmente, com quem gosta de relembrar Bianca. Ele também está fascinado pelas histórias de Greta. Diz que ela é uma espécie de guia para compreender o século XXI. Certa noite ele confidencia Inês que frequentemente vê Greta como uma espécie de segunda mãe.

Na Biblioteca, as atividades educacionais continuam a diminuir na proporção em que o número de Ignorantes que assinam o Direito à Não-Participação continua a aumentar. Os grupos infantis são compostos principalmente por crianças da comunidade em declínio de Sabedores com investigações ainda pagas por *Bloomcamp* e de Sabedores que foram de certa forma colocados em status inativo. Muitas vezes devido a laços familiares eles continuam a visitar as duas casas particulares com Bibliotecas que restam no complexo. Isso muda abruptamente em meados do ano de 2098. Certa noite depois de Alexandre e Manuela terem fechado tudo para ir jantar em casa de Greta, um grupo de homens mascarados de preto do

Cou-Clib-Clans ataca. Não morre ninguém, mas as janelas e portas são rapidamente e habilmente destruídas com pequenas quantidades de explosivos. De seguida três figuras com grandes lança-chamas incendeiam estrategicamente toda a casa. As janelas e portas abertas fazem com que todo o prédio esteja completamente em chamas num piscar de olhos. Meia hora depois as autoridades locais informam com lástima irónica a família que a casa de Paulo Demeester infelizmente ficou completamente arruinada e que uma investigação será iniciada para apurar a causa. Por enquanto acrescentam não pensam ter havido intenção maliciosa. Inês está furiosa, assim como Manuel e Alexandra N'Kondo. Desconfiam se os seus primos que desapareceram para EuroBrussels têm algo a ver com o assunto. Ninguém se esqueceu de que eles avisaram mais do que uma vez Fernanda para Alberta não se mudar para a aquela casa. Greta e Alexandre confortam o resto da família lembrando que os arquivos originais de Paulo e suas filhas estão trancados em segurança no subsolo e escaparam aos ataques devastadores. Mas é claro que todos os fac-símiles e todos materiais usados com os Grupos da Carta foram completamente destruídos. Em Megalissipo, os grupos *Zafónis* não têm agora outro espaço senão a própria biblioteca da universidade. E isso é muito menos adequado para trabalhar com Grupos da Carta. E passado dois meses essa biblioteca também é incendiada.

Das outras três Megapoleis Ibéricas chegam relatos preocupantes através dos membros de *GNet-Z*. Aparentemente, os Cou-Clib-Clans têm atacado bibliotecas em quase todos os lugares ao mesmo tempo, mesmo as universidades com

com investigações financiadas por *Bloomcamp*. Estamos a chegar a uma reviravolta? O ataque é orquestrado pela própria *Bloomcamp*? Mas qual é o propósito? Chegou o momento em que os possuidores absolutos decidiram que não precisam mais dos Sabedores? A destruição segue o mesmo padrão já visto em algumas poleis de Abya Yala. Seria Erebúm o próximo continente? Mas por que então a insignificante Ibéria primeiro? Um teste?

No final do ano é óbvio para os grupos *Zafónis* que a destruição abrange Erebúm e não só a Ibéria. Há muitos indícios de que os ataques foram coordenados pelo Grande Governo divisão EuroBrussels com as autoridades ibéricas a atuando localmente. Mas foi o ataque também foi uma surpresa para *Bloomcamp*?

As comunidades *GNet-Z* descobrem que hoje apenas o Reino do Meio está livre de ataques tão devastadores. Ou seja, parece mais uma vez ser *Bloomcamp*. Poderia a política de dividir para conquistar que foi usada durante muito tempo para obscurecer informações sobre o uso dos pontos de Lagrange e a construção de *Elysium* agora servir para proteger os últimos locais de produção na Terra?

Os grupos ativos de Ignarysis propõem-se a criar dentro do *GNet-Z* um grupo ao qual da o nome *Convivialis Civitates*. Segundo eles, os donos absolutos do mundo, através da sua política de dividir para reinar, isolar-se-ão cada vez mais. E aparentemente eles estão a fazê-lo no e fora do planeta, talvez na tentativa de se proteger de desastres, acidentes, epidemias e tudo o mais que eles próprios causaram devido a sua ânsia por poder e posse. Esse isolamento crescente é um raio de esperança

para alguns membros de *Ignarysis*. É possível começar a pensar numa evolução de interação social em que a riqueza construída em hierarquia não exista mais? A proposta de chamar o think tank *Convivialis Civitates* é para sociólogos e antropogogos relacionado a utopia Illichiana de *Sociedade Convivial*.

Uma reunião via satélite *GNet-Z*, no qual participam cerca de 1.500 pequenas comunidades, principalmente de áreas rurais, será vista mais tarde pelos membros de *Ignarysis* como uma espécie de novo ponto de partida. Arjan e Henry participam nessa reunião com outros membros das comunidades locais em Megameghnapolis e na Base Lunar 2.

"A maioria de nós provavelmente já fez parte da *Hortública,*" começa Sérgio. "Talvez tínhamos com essa estrutura uma boa base de partida para elaborar relações sociais para fazer acordos sem recorrer a estruturas hierárquicas ou representativas."

Arjan então diz: "A *Hortública*, sim. Os meus pais usavam-na. Havia uma espécie de acordo básico geral: todos presumiam que indivíduos, grupos e Estados não reivindicariam a propriedade."

"Se pensarmos em *Convivialis Civitates* teremos que o abordar," observa um participante de Megasantacatarina, "então talvez precisemos trabalhar em direção a uma posição geral de que a propriedade simplesmente não é necessária."

"Espere," diz Henry, "Aqui na Base Lunar só temos estruturas comunitárias. Gradualmente, desenvolvemos uma política pela qual todos podem usar as hortas cobertas e protegidas. Ao fazê-lo, frequentemente um ou outro experimenta cultivar novos vegetais ou frutas, dependendo do gosto pessoal. Regularmente,

concordamos em como dividir as áreas de cultivo para que não plantemos plantas próximas umas das outras que se atrapalhem mutuamente no crescimento. Qualquer um que queira experimentar algo novo anuncia-o e juntos procuramos um lugar onde isso possa ser feito. Todos conhecemos as preferências uns dos outros e geralmente trabalhamos juntos para cultivar os vegetais e frutas dos quais nós mesmos gostaríamos de colher uma parte. Ao fazer isso, ninguém precisa possuir nada, mas a gestão comunitária do cultivo de alimentos envolve consultas bem elaboradas. É claro que somos um grupo relativamente pequeno e portanto geralmente chegamos a acordos após consultas entre todos. Não buscamos consenso, apenas procuramos organizar as hortas de forma que todos possam colher o que gostam de comer. Somente as circunstâncias naturais podem ser um obstáculo." Não conseguimos cultivar certas legumes de folha verde nos nossos jardins lunares."

Inês diz: "Não é necessário ter posses, a menos que alguém na Lua realmente queira um vegetal folhoso que só pode ser cultivado na Terra. Nesse caso, terás que pagar pelo transporte e isso implica *digits*, pelo que preciseren algo para os obter."

"Na situação atual sim," concorda outro participante de Megasantacatarina. "De momento não temos nenhuma mega-estrutura na qual todo o capital tenha desaparecido."

"E isso vai acontecer?" pergunta um participante do Megapple um tanto cético.

"É muito cedo para ter uma ideia clara sobre isso," diz um membro da *Ignarysis* de Megaparisios. "O que podemos deduzir

da estrutura ignarométrica é que numa verdadeira sociedade cosmopolita não é preciso procurar o consenso. Mas concordo que uma sociedade harmoniosa só tem alguma possibilidade quando não existe arrogância hierárquica. Nisso a não posse é um factor essencial. O outro factor importante é a eliminação da ignorância. Hoje os *Bloomcampers* fizeram da ignorância da população mundial a ferramenta para se auto-proclamarem donos do mundo. O exemplo simples dado por Henry só é viável se a comunidade em questão tiver boas estruturas educacionais que não sejam hierárquicas em si mesmas.

"Talvez estamos a chegar a uma nova forma de disseminação do conhecimento", pensa Greta. "Precisamos de uma espécie de *Illuminati 2.0*."

Há quem ri.

Uma colega da Fernanda diz: "Ou talvez logo uma *Illuminati 4.0*. Mas acho que Greta dá uma pista interessante aqui. Como Sabedores teremos muito trabalho a fazer para reativar o interesse dos Ignorantes na aprendizagem e isso de uma forma não pedante. O Comeniano *matética* está muito afastado deles de momento."

"Também há trabalho a fazer dentro da comunidade ainda existente de Sabedores," observa Fernanda. "Estamos é claro, convencidos de que é impossível hoje saber tudo, como dizia Comenius. Mas podemos fazê-lo, creio eu, com uma versão moderna da *GNet-Z* de *Res Publica Literaria*."

Gonçalo então diz: "Não sei quantos de vocês conhecem a obra de Georges Steiner especificamente as suas provocações em relação ao texto escrito. Steiner fala sobre a autoridade de um

texto escrito, que pode rapidamente levar a uma demonstração de poder acrescento eu. A autoridade escrita só pode ser contrariada por outra autoridade escrita. E voltando ao assunto *Res Publico Literaria*. Se trabalharmos em *Convivialis Civitates*, então talvez tenhamos que ir mais longe do a *Res Publico Literaria* que fazia circular textos.

Steiner provoca quando dize como o diálogo oral é diferente do diálogo escrito. Em reuniões como a nossa, hoje, as pessoas podem apontar logo erros de pensamento e fazer ajustes. Dessa forma no nosso caso podemos alcançar a diversidade que almejamos enquanto falamos. Mas só o conseguimos porque ninguém entre nós defende a propriedade ou o poder. Mas essa não é a tendência geral. Basta pensar nas tentativas desastrosas da Internacional Socialista há dois séculos. No século XIX, os membros de suas sucessivas estruturas queriam escapar dos dogmas religiosos. A propriedade era contestada, mas os líderes nunca contestaram o poder. Bem pelo contrário, fizeram dela a discussão principal, com todo tipo de exclusões e perseguições como resultado. Foi a catástrofe. Com um modelo capitalista hegemónico como resultado. Curiosamente, são exactamente os *Bloomcampers,* aqueles que mais se agarrarem à estrutura capitalista que agora pensam em deixar as coisas para trás e 'fugir' para *Elysium*."

"Estranhamente ou não," hesita um participante de uma comunidade rural. "Quando falamos entre nós de parcerias, da cooperação, estamos sempre a falar de soluções encontradas entre nós em comunidades relativamente pequenas. Os grupos *Zafónis* têm ideias interessantes relacionadas ao problema

agudo da representação democrática. Isso deu completamente para o torto com o já mencionado desejo de posse de bens ou de poder. Mas os Grupos da Carta, cujos representantes se reúnem entre si, têm trabalhado em soluções. É claro que os grupos têm, mais uma vez, em comum o facto de verem toda forma de posse como uma construção social humana não natural que por isso mesmo também pode ser eliminada. Gostaria de vos lembrar que envolver todos na *matética* é hoje ume tarefa hercúlea, que talvez nunca consigamos realizar. O número de Ignorantes aumentou exponencialmente desde a época de Coménio."

Sérgio acena vigorosamente.

"É seguro dizer que o aumento exponencial no número de Ignorantes está aproximadamente em linha com o aumento da população mundial. Há 450 anos, na época de Comenius, a população mundial era de meio bilhão de indivíduos. 170 anos depois, essa população tinha duplicado. Outros 120 anos depois, a população duplicou novamente. Depois apenas levou 45 anos para que a população mundial duplicasse novamente chegando a 4 bilhões de indivíduos. A velocidade com que ela duplica diminuiu agora ligeiramente, mas só muito ligeiramente. Em 2022, ou seja, após mais 47 anos, houve outra duplicação. Hoje, a população mundial está mais próximo de 7 do que de 8 bilhões, mas ainda é 44 vezes maior do que na época dos primeiros cristãos e mais de 14 vezes maior do que na época de Comenius. Para 8 bilhões de habitantes, no início do nosso século, havia cerca de 8 milhões de cientistas o que dá 1 em cada 1000. É difícil saber qual era essa proporção no tempo de Comenius, mas hoje obtemos uma proporção de cerca de 1 em

2500 devido ao crescente fechamento de centros de investigação e ao foco da ciência em áreas muito específicas. O aumento do número de Sabedores hoje não está em linha com o aumento do número de Ignorantes, muito pelo contrário. Para provocar eu diria que apesar da nossa *GNet-Z,* a Ignorância estrutural hoje excede a dos antigos impérios do Oriente e do Ocidente."

Henry sorri e diz: "Arjan, já vamos começar a trabalhar no nosso programa para fazer conexões permanentes entre as comunidades rurais e os *Três Lugares*. Temos que evitar a todo custo que os três lugares obtêm um lugar de destaque. Mas entretanto parece que aqueles que ainda vivem na Megapoleis de Erebúm em complexos universitários terão que pensar em se mudar para os Tres Lugares. Estamos prontos para ajudar onde for necessário."

***

No Condomínio *Sequoia*, os executivos dos três maiores fundações de matemática e física estão se reunindo. O plano na mesa é simplesmente de interromper todos os financiamentos às universidades e dedicar toda a capacidade das fundações Muscle, Azos e Brandad ao fornecimento de materiais e acabamento de *Elysium*. As discussões são acaloradas. Por um lado estão os representantes dos beneficiários de *Elysium* que querem ver toda a cidade espacial operacional de aqui a dois anos para conseguir o êxodo dos números Bloomberg 9+ conforme planeado. Do outro estão os responsáveis pela execução dos programas que assumem que nem todos os problemas foram resolvidos e que o desmantelamento da

relação com os centros de investigação envolve riscos. Quando há quase um consenso sobre os centros de física teórica e aplicada que ainda precisam de financiamento um dos participantes relembra uma decisão anterior de continuar financiar também a pesquisa sociológica ignarométrica. O Condomínio Windsor acaba de relatar as crescentes dificuldades em Erebúm para manter as dependências locais do Grande Governo sob controle. Isso pressagia dificuldades na monitorização das populações quando o êxodo realmente irá começar. Mas aqueles que representam a linha dura permanecem firmes. Em caso de grandes distúrbios, os condomínios serão evacuados imediatamente e distritos revoltosos serão limpos por todos os meios biológicos e materiais. Quando alguém pergunta se limpeza significa matar, o presidente da reunião responde simplesmente: "Em última análise, exterminar a população restante é fazer-lhes um favor. Partimos porque achamos que o planeta está a tornar-se inabitável. Assim, reduzimos a dor daqueles que permanecem. Como bónus, reduzimos a população total, o que pode muito bem melhorar a qualidade de vida a quem sobrevive, se darem alguma importância aos extremistas da natureza."

Após a reunião dois dos participantes que continuaram a defender o financiamento de centros de investigação sociológica voltam para seus alojamentos.

"Isso vai acabar mal," observa Marie Anne. Ela é filha de um magnata da Bloomberg 9+ acionista da única empresa produtora restante de *wafers de chips*. Ela sempre escondeu o seu interesse na investigação sociológica para os seus pais,

especialistas em tecnologia. Devido aos rígidos controles sobre o que circula entre os condomínios e o mundo exterior, ela só tomou conhecimento das análises baseadas em ignarometria há alguns anos, durante uma visita a Megapple e desde então conseguiu ter acesso clandestino aos números de *Ignarysis* durante suas viagens de estudo a Megapple, Bradin e Megaparisios. Ela memorizou grande parte do que leu e depois escreveu à mão nos diários que mantém e que nunca leva consigo. É a única maneira de escapar aos controles electrónicos omnipresentes.

Junto com sua amiga Carine, ela entra em num restaurante. Cada uma delas pega uma refeição do distribuidor de primeira classe e senta-se.

"Pode parecer uma ideia um pouco louca que matar pessoas seja simplesmente apresentado como uma solução para os nossos problemas," concorda Carine.

"Um pouco louca? Isso está a ficar doentio. Para mim já chega. Não quero mais viver na nossa prisão de luxo," reage Marie Anne com veemência.

Carine olha surpreendida para a amiga: "E o que vais fazer? Sair para morar lá fora e acabar por matar-te?"

Marie Anne pensa por um momento. Será que ela pode confiar completamente na amiga? Talvez não. Ela ri e diz: "Não me leves a sério. Os meus pais costumam dizer que sou muito rebelde. Às vezes, parece que ainda não sou maior de idade. É melhor começar a preparar-me para o que está para vir. Simplesmente veem ai tempo difíceis para quem mora fora de *Bloomcamp* e não consigo deixar de sentir alguma pena deles de

vez em quando."

Carine parece mais tranquila. "Por um momento, pensava que estavas a falar a sério," comenta.

Após de se separar Marie Anne procura um dos seus amigos de estudo. Ele é um fanático por tecnologia e ela tem certeza de que ele jamais perguntará sobre as atividades dela quando lhe pedir uma conexão externa impossível de rastrear. Ela deixa-o a pensar que tem um namorado desde a sua visita ao Complexo de Cambridge alguns anos atrás.

Quando a sua conexão de avatar com Henry Pax é estabelecida, ela vai direto ao ponto: "Coisas perigosas estão a acontecer. As três Fundações podem em breve parar de pagar universidades e, aparentemente, há planos para algum tipo de extermínio em massa dos moradores de Megapoleis."

"Não me surpreende muito," diz o avatar de Henry. "Ouvimos rumores nesse sentido. Há muitos experiências a serem feitos com vírus selectivos nos distritos exteriores de algumas grandes metrópoles."

"Henry, para mim chega. Quero sair daqui. Não quero ser transferido para *Elysium*. Não aguento mais isso."

O avatar de Henry parece congelar por um instante.

Depois diz em tom mais seco: "Claro que podes sair. Organiza uma visita ao complexo universitário de Megangeles. Certifiques-te de estares lá de aqui duas semanas. Serás rastreado assim que saíres do Condomínio. Serás contactada para uma triagem. Depois receberás mais informações. Observa bem que após a triagem, não há como voltar atrás."

Num tom um pouco mais relaxado, ele continua: "Tudo ficará

bem minha amiga. Apenas certifiques-te estares em Megangeles no momento certo."

Nos dias seguintes Marie Anne está ocupada. Ela age da forma mais normal possível quando visita Carine e seus outros amigos. Ela menciona que planeia ir a Megangeles com o pai. Ele vai visitar o Grande Governo em trabalho e ela quer ficar lá por alguns dias para relaxar. Os outros riem. "Esse relaxamento tem alguma coisa a ver com uma visita a Cambridge?" pergunta alguém.

Marie Anne também ri. "Não consigo levar o meu pai louco a ponto de me fornecer um piloto e um avião para uma viagem à Costa Leste," responde ela. "Não eu só quero consultar alguns objetos e textos raros em Megangeles e o meu pai deu-me a permissão para o fazer."

Dez dias depois Marie Anne está na biblioteca da universidade debruçada sobre uma edição de um ano da revista de *Ignarysis* quando ela é interceptada por dois jovens: "Marie Anne podes vir connosco agora. Vamos nos sentar num lugar público para que ninguém considere nossa conversa suspeita."

No espaço aberto em frente ao prédio da biblioteca os três sentam-se em um banco. Os jovens têm uma lista de perguntas. Eles registram cada resposta de Marie Anne. Quando olham para a os registros feitos meia hora depois um deles diz: "Fixe. As tuas respostas permitem-nos fazer as duas últimas perguntas e realizar uma acção. Este é o momento em que não há volta para trás. Ou vais te embora agora e nunca mais ouvirás falar de nós, nem mesmo de Henry. Ou segues em frente. Não dá para voltar atrás na tua escolha."

Marie Anne sinta-se a ficar fria, mas diz então: “Cheguei até aqui porque já tomei uma decisão. Não quero voltar para o Condomínio *Sequoia*. Vou seguir em frente.”
Então o outro jovem diz: “Após as próximas duas perguntas, terás um tempo para organizar o conteúdo das respostas. Depois disso deixarás de existir, pois removeremos o teu chip de identificação e apagaremos todos os teus dados. Se não compareceres nesse tempo, serás liquidada definitivamente. És conhecido como filha de *Número 9 de Bloomberg* e não vamos correr nenhum risco. Está claro?”
Marie Anne continua a tremer, mas acena corajosamente para mostrar os seu acordo. Os jovens então perguntam quantos *digits* ela pode gastar sem que a família desconfie. Também perguntam se ela pode levar informações implantadas. A implantação envolve memorizar o máximo que possível. Ela ri: “A segunda opção não é difícil. Eu sei uma série inteira de *Ignarysis* de cor e estou preparada para levar isso e o resto daquele ano comigo em um cartão de memória implantado. Quanto à primeira opção... O meu crédito é ilimitado mas é provável que depois de uma compra pouco habitual o meu pai me visite nas primeiras duas horas. Mas estás a pensar em compras de comida, roupas ou mesmo num meio de transporte não muito caro, não deve haver perguntas.”
Ótimo. Não gaste o que levanta dúvidas. Apenas mantimentos. Peça à pessoa que te acompanhar para levar tudo ao local que indicaremos. Certifiques-te de ter um cartão de memória com as informações que desejas levar. Peça à pessoa que te acompanha a partir de agora qual é o local de encontro. Após a partida do

guia vais sem demora para o local por ele indicado. O teu chip será retirado lá. Partiremos imediatamente após isso.
Duas noites depois Marie Anne tem tudo reunido. Ela entra numa marina e vai até ao local indicado onde os dois jovens a aguardam. Após anestesia local, um deles remove o seu chip de identificação para o destruir. Juntos, eles caminham até um navio que os aguarda. Um dos jovens sorri e diz: "Está tudo bem. Vamos zarpar já. Pode haver uma surpresa a tua espera aqui no navio."
Ele deixa-a embarcar e eles entram numa salinha onde outros dez jovens estão hospedados. Marie Anne imediatamente vê a Carine. Olham-se com espanto.
As duas têm a mesma reação: "Desculpe não pude contar mais nada!" Depois as duas desatam a rir.
Carine diz: "Fiquei um pouco apreensiva quando me disseste há quase um mês que não querias mais viver naquela prisão de luxo. Por um momento, pensei que estivesses a espionar-me e que tivesses descoberto que queria sair do Condomínio *Sequoia*. E a tua desculpa parecia-me suspeita. Por isso, mantive distância."
"E lembrava-me que Henry me tinha dito para nunca falar sobre os meus planos com ninguém, nem mesmo com meus melhores amigos."
Com isso, Carine ri-se novamente. "Sim, Henry, ele gosta de um pouco de drama. Eles também fizeram aquela cena a James Bond com as duas perguntas e a ameaça de que te iam encontrar de qualquer jeito para te liquidar se voltares atrás?"
Marie Anne também ri. Ela chama um dos supervisores: "Vocês realmente matam aqueles que não aparecem depois da decisão

final?" pergunta.
O rapaz sorri: "Eu nunca fiz mal a um mosca", diz ele. "Mas desde que comecei a trabalhar para *GNet-Z*e e a tratar dos contactos nos complexos universitários apenas uma pessoa sob os meus cuidados não apareceu. Um colega apanhou-o dois dias mais tarde e convenceu-o a mudar-se para uma comunidade rural. Esse é o nosso plano B, mas raramente precisamos colocá-lo em prática."
"E agora?" pergunta Carine. "O que vem agora?"
"Nós vamos vos acompanhar até que chegarem em segurança a uma comunidade rural perto de Megapanam. De lá, outro barco vos levará para a região costeira logo abaixo do Equador. Lá vão encontrar amigos que vos vão levar para *Última Rosa*. É um lugar para *Livres Vagantes* e Ignorantes que entraram em contato com os Sabedores e se mudaram para lá para que pudessem ter os seus filhos e eles próprios reintegrados na esfera do conhecimento."
"*Última Rosa*, Sabedores, Ignorantes, Livres Vagantes?" pergunta Marie Anne.
"Tudo a seu tempo," responde Carine. "Henry já me contou algo sobre isso. Vou-te contar o que sei. E aprenderemos o resto lá. Também somos ignorantes, em certo sentido."

***

Fernanda Mestre vasculha os papéis sobre a mesa. O seu olhar recai sobre a caixa com a Medalha Fields. Quase quatro anos se passaram desde que ela voltou na companhia de Joana, Elton e a família Fox. Os seus pensamentos divagam ainda mais. Afinal, o conhecimento dela foi bem aproveitado lá em *Bloomcamp*. Ela

agora sabe que todo a sua investigação e o trabalho físico e técnico que tornou possível a construção matemática que elaborou serviu apena para concretizar *Elysium*. De acordo com os amigos na Base Lunar 2, há grandes oportunidades em perspectiva para outras aplicações da computação quântica, mas não numa sociedade movida pelo dinheiro. Mas de momento ela está com raiva de si mesma por ter-se deixado levar por tanto tempo mesmo se, admitindo bem no fundo, ela sabia viver numa ilusão sem o querer encarar.

Hoje, ela sente-se presa. Embora ainda não saiba a causa exata, a agressão a qual os Sabedores estão a ser submetidos é constantemente palpável. Ela foi convidada para se mudar para Bradin. Mas sem a família. Apercebe-se do cheiro a suspeito. Parece que ficaria numa espécie de prisão domiciliar protegida, enquanto ninguém fala dos seus pais, da sua irmã, do avó, dos sobrinhos e sobrinhas.

Ela visita os pais e diz: "Estou a encerrar o assunto. Não vou aceitar a oferta de me mudar para Bradin. Provavelmente afectará os nossos benefícios de viagem e outras vantagens. Conversei com a Base Lunar 2 sobre opções e tanto a família Pax como os matemáticos que trabalham lá dizem que *Paraíso dos Livros* é a melhor solução. Entretanto sei do Alexandre que todos os N'Kondo estão a pensar em viajar para lá sob a orientação de Fernando N'Gô. Irei com eles.

Sérgio e Inês percebem que a vida na Megapolis se tornará muito mais difícil quando não houver mais projectos financiados nos quais participar. Eles também sabem hoje que a sua investigação foi em grande parte tolerado por *Bloomcamp* por

serem pais de Fernanda. Mas as suas filhas não conseguem convencê-los a optar pelo exílio voluntário. Joana pede ajuda à avó Greta, que segue atentamente a conversa. Greta diz que, apesar dos seus oitenta anos pretende viajar com Alexandre e Manuela. Agora que a casa da Biblioteca foi completamente destruída não faz sentido permanecer em Megalissipo. O que podem fazer aqui agora que perderam a base dos Grupos da Carta? O *Cemitério dos Livros Esquecidos* assumiu um significado literal em Megalissipo. Eles foram surpreendidos agora que a biblioteca da universidade também viu grande parte do seu conteúdo a ficar consumido pelas chamas. Greta lembra as palavras de Carlos Rovelli de que a universidade é o cofre onde o conhecimento humano é devotadamente preservado e ao mesmo tempo o lugar onde os sonhos são acalentados, onde os jovens desafiam esse conhecimento fixo e continuam a abrir caminho para o mundo. Parece que essa universidade desapareceu. *Paraíso dos Livros* é uma nova esperança. Uma possibilidade de reunir o conhecimento humano e dar aos jovens a oportunidade de desafiar o que está fixado. Ela até se refere a Steiner: para desafiar a autoridade de um texto, ainda precisas de ter o texto. E Greta está convencida de que a provocação de Steiner em relação ao diálogo oral não nega o valor da palavra escrita. Segundo ela, é melhor ter prateleiras de autoridade antiga e dialogar com ela de forma adiada do que dialogar só consigo. Inês se convence rapidamente, mas Sérgio continua a dizer não. Ele assume que, enquanto houver uma biblioteca universitária parcial, a comunidade dos Sabedores pode estar a serviço dos filhos dos Ignorantes que vivem no

distrito. Atentos à Academia e ao Liceu, os grupos de estudo podem valorizar o diálogo em qualquer caso, desde que haja alguém para moderá-lo.

Um mês depois, Fernanda e Gonçalo tem tudo organizado com Alberta e Fernando N'Gô. Pensam especialmente em Jacobus e Lahn, agora ambos com quatro anos. Alberta diz que Sang já está muito entusiasmado com a grande viagem que vão fazer. Em conjunto a família conseguiu reunir os *digits* para equipar um pequeno navio com os recursos necessário. Graças aos contactos que Paulo e Pedro ainda têm com amigos em *Megandalusalgarb* pretendem fazer a travessia de Erebúm Sul até a costa norte de Alkebulan, no estreito que separa o Oceano do Mar Mediterrâneo. Depois vão navegar pela costa até chegarem ao Nilo. Graças aos contatos com *GNet-Z* eles serão recebidos na grande barragem do Nilo. Em troca do barco, serão levados para a comunidade de Butiaba em embarcações menores. Lá Dakari ou Musa estará a sua espera com o hidroavião. Estima-se que toda a viagem leva cerca de dois meses. A família assume a responsabilidade de se tornar *Livres Vagantes* para *Paraíso*.

Sang memorizou dois dos seus livros infantis favoritos e os recita continuamente. Cada adulto decide implantar um pequeno cartão de memória sob a pele com os livros da sua escolha em diferentes idiomas e no último mês memorizam as passagens que consideram mais importantes. Uma cópia impressa dos livros escolhidos também os acompanha.

Greta decide por *Encontros Imediatos com a Humanidade* de Sang-Hee Lee e Shin-Young Yoon. Ela decora os capítulos sobre

a relação entre avós e netos. Joana hesita entre diferentes obras que abordam mecânica quântica, cosmologia e a origem do tempo, mas acaba optando por *O mistério do tempo* de Carlo Rovelli. Fernanda presume que os seus colegas já tenham escolhido as obras básicas para matemática e da física teórica. Ela prefere seguir um caminho diferente e se concentrar na enorme obra de Douglas Hofstadter *Gödel, Escher, Bach*. Ela acredita que este trabalho pode inspirar novas gerações de jovens a desenvolver interesses matemáticos.

A sua mãe escolhe *Pelas mãos de Alice. O social e o político na pós-modernidade* de Boaventura de Sousa Santos. Esta obra é conhecida principalmente nos países com línguas latinas mas muito menos na zona onde se falam línguas germânicas, árabes ou chinêses. Inês considera que contém elementos que complementam outros autores que falam de sociedades pós-capitalistas. Ao decorá-la, concentra-se principalmente nas relações Norte-Sul, na comunicação e na subjetividade do último capítulo da parte que trata da cidadania e da emancipação. Elton escolhe o livro *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades* de Martha Nussbaum. Gonçalo escolhe *Pequena Filosofia para Não Filósofos* do qual Albert Jacquard é um dos autores. Ele está a pensar em futuras comunidades de aprendizagem com crianças e jovens para quem os textos deste livro podem ser úteis.

Os primos de Greta, Alexandre e Francisco, também escolhem obras de sua área de interesse. Assim como os outros eles partem do princípio de que as grandes obras básicas já foram escolhidas por outros *Livres Vagantes*. Alexandre deixa, portanto,

de fora títulos óbvios e opta pela obra do angolano José Mena Abrantes *Uma breve história geral do teatro*. Ele se concentra principalmente no capítulo sobre o teatro em Alkebulan. O seu irmão escolhe as partituras e uma biografia original de uma das suas fontes de inspiração, o compositor Frank Nuyts, intitulada *Het verkeerde been*. Os seus parceiros escolhem obras literárias. Manuela fica com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* de José Saramago. Amy tal como Gonçalo pensa nas próximas gerações de crianças e opta por *O olho do lobo* de Daniel Pennac. Paulo N'kondo hesita por um longo tempo sobre sua escolha. Com os seus interesses em biologia e comunicação, há muitos candidatos. Mas, no final, ele escolhe *Uma breve história da inteligência* de Max Bennet. Uma escolha inesperada é a do seu parceiro Pedro que opta por *Um grito no Silêncio* de Emmanuelle Laborit. Isso está claramente fora da sua esfera de trabalho mas não fora de sua esfera de interesse afirma ele. Conta como adorou sempre as conversas com Joana, a avó de Paulo, e como foi guiado por ela a compreender não apenas a análise ignarométrica mas também a sua percepção sobre o trabalho com a diversidade no mundo biológico de humanos e animais no qual a surdez e a cegueira são apenas desvios da norma para aqueles que pensam de forma restrita. Fernando Ngô escolhe a tradução do ensaio de David van Reybrouck *Contra as eleições*. Ele encontrou este livro depois de ler outro do historiador e arqueólogo com o intrigante título *Zink* que ele acreditava ter a ver com suas atividades profissionais como engenheiro de minas. Ele encontrou os dois livros numa seção reservada em Bradin, quando chegou lá pela primeira vez depois de uma

autorização especial durante sua estadia na EuroBrussels. Depois de muita hesitação, Alberta finalmente escolheu um livro de Lamberto Maffei intitulado *Elogio da palavra*. Ela decora quatro dos oito capítulos da versão portuguesa do livro.
O grupo de novos *Livres Vagantes* chega numa bela noite de fim de verão a um dos portos de Megandalusalgarb, onde os amigos de Paulo e Pedro estão prontos para guiá-los. Imediatamente após a destrução dos chips de identificação eles embarcam no navio que equiparam. Seguem aproximadamente a mesma rota de Ivan, Sergei e Sana e chegam em segurança a Butiaba, onde Dakari os aguarda, conforme combinado.

Naquela manhã, a tensão estava para cortar a faca na sala de conferências do Condomínio *Windsor* onde decorre uma reunião de crise. As pessoas querem saber como foi possível que Fernanda Mestre tivesse desaparecido completamente logo quando *Bloomcamp* tomou precauções para a transferir para Bradin. Do Condomínio Sequoia vêm fortes acusações contra o Serviço de Inteligência de Erebúm. Eles não cumpririam a sua função. Primeiro houve o ataque não previsto às casas da Biblioteca e as universidades que eram para as Fundações de *Bloomcamp* ainda considerados intocáveis, e agora, em pouco tempo, engenheiros de minas, vulcanólogos e até mesmo informantes infiltrados simplesmente desaparecem depois de apagar os seus rastros de chips. A equipa de espiões de *Windsor*, trabalhando para Bradin e Megalissipo, é informada de que serão enviados imediatamente a Marte e Ganímedes. A chefe do serviço terá que apresentar uma explicação plausível em 24 horas ou ela também será banida para as regiões externas. Após

o término da conexão via satélite com *Sequoia* o administrador de *Windsor* dirige-se a chefe do serviço de informações: "Pelo amor de Deus, descubra quem é o responsável pelos desaparecimentos cada vez mais frequentes para *GNet-Z*. A rede dos Sabedores está cada vez mais a se sobrepor a nossa capacidade. É impossível isso ser apenas o resultado da incompetência de Erebúm. E, por favor, encontre um bom bode expiatório para o nosso lado, ou podemos perder para sempre a passagem para *Elysium*. Há um número suficiente grande de Bloomberg 8 que dariam todos os seus bens por isso."

Pouco depois do meio-dia, os dois irmãos de Fernanda e Joana são obrigados a apresentar-se ao serviço de segurança da EuroBrussels. São acusados de terem passado informações secretas à família sobre *Elysium* e responsabilizados por Fernanda não ter vindo até Bradin. Embora ambos neguem veementemente qualquer envolvimento com o desaparecimento da família, eles têm a opção entre a prisão ou o exílio para Lagrange 3 para realizar trabalhos forçados num módulo de serviço. Sem qualquer outra oportunidade de negociação eles escolhem pelo trabalho forçado no espaço. No mesmo dia, partem para um dos locais de lançamento de *Bloomcamp*. A investigação em EuroBrussels revela que a principal responsabilidade pelos ataques não autorizados pelas unidades *Cou-Clib-Clans* em vários locais de Erebúm é obra da próprio delegação do Grande Governo. Depois do seu chefe receber informações privilegiadas anónimas, provavelmente por meio de *GNet-Z* que não haveria espaço em *Elysium* para os altos funcionários e membros do Grande Governo eles decidiram

adoptar uma espécie de estratégia kamikaze e deram ordens para causar o maior dano possível. O chefe do serviço de inteligência tenta descobrir como *GNet-Z* chegou a essa informação em primeiro lugar. Parece ter havido duas fugas de informação para a Base Lunar 2. O primeiro pode ter vindo de *Windsor* e tem a ver com o desaparecimento da família Cheboi. A segunda fuga é paradoxalmente um bonito presente. Há evidências conclusivas de que a fuga veio do próprio Condomínio *Sequoia* e tem a ver com o desaparecimento de duas filhas de um número Bloomberg 9 e um número Bloomberg 11, imagina só!

Vinte e quatro horas depois, a chefe da inteligência apresenta as suas conclusões à assembleia do topo *Bloomcamp*. Quando fica claro que o mais importante é o desaparecimento de familiares de duas das moradoras mais poderosos de *Sequoia*, o tom da reunião muda. A chefe da Inteligência de Windsor é agradecida pela sua investigação impecável e pela rápida atuação local. Quanto a *Sequoia* medidas serão tomadas para selar hermeticamente o Condomínio até o êxodo geral de aqui um ano e meio. Além disso, decide-se eliminar todo a dependência do Grande Governo em Erebúm.

Dois dias depois uma nova variante mortal do vírus surge em EuroBrussels e em dois distritos adjacentes. Dez dias depois, 97% da população dos três distritos morreu. O pequeno grupo de sobreviventes resistentes ao vírus é transferido para áreas rurais de mineração. A propaganda oficial relata perplexidade e tristeza na potência mundial com o facto de que mesmo num dos distritos mais bem protegidos de Erebúm um vírus letal

possa entrar. Ninguém mais está seguro, diz-se. Uma administração provisória foi nomeada para o distrito central de Megaludein e todos os distritos dos Megapoleis de Erebúm serão hermeticamente isolados dos distritos vizinhos até novo aviso.

Na Base Lunar 2, os acontecimentos na Terra, mais especificamente em Erebúm foram acompanhados e analisados. Henry Pax contacta cada um dos Três Lugares separadamente. O trabalho para a segurança total das conexões por satélite entre a base lunar e esses três lugares simultaneamente está em fase de cruzeiro. Por um lado Henry quer alertar Kwame e sua equipa sobre a possibilidade de mudanças na ajuda aos refugiados que desejam chegar ao *Paraíso do Livros*. Há também um aviso especial para a família Cheboi. Em princípio eles não são detectáveis devido à remoção do chip, mas com os *Bloomcampers* todo cuidado é pouco. A base lunar, teme planos de vingança. Eles não descartam a possibilidade de um espião se deixar incluir num grupo de fugitivos com a intenção de localizar Dakari Cheboi. Isso também revelaria a localização exata de *Paraíso* apesar de toda a blindagem electrónica. Além disso há de cuidar da conversa continua em torno das *Convivialis Civitates*. Henry concorda com Kwame que assim que o grupo *Ignarysis* que inclui Greta Campos e Fernanda Mestre chegar em *Paraíso*, a conversa será iniciada com todos os habitantes dos Três Lugares. A base lunar envolverá outras comunidades rurais e grupos Zafónis nas Megapoleis.

Com Juan Márquez, Henry continua a discutir o debate em torno do problema da população mundial, que continua a rondar os 8 bilhões e a necessidade de acabar com o conceito de

propriedade, como foi discutido no primeiro *Convivialis Civitates*. Durante essa conversa, Juan apresenta Marie Anne e Carine aos membros participantes da Base Lunar 2. Elas estão, é claro encantados com sua passagem segura para *Última Rosa*. Contudo, Henry expressa a sua preocupação com o que causou a fuga das filhas de um número de Bloomberg 9 e 11. Parece que *Bloomcamp* agirá de forma muito mais agressiva em relação aos Sabedores que não trabalham diretamente para eles mas de quem se sabe que trabalha para a *GNet-Z* até o êxodo para *Elysium* começar.

***

Kwame, Sergei e Musa voltam para casa após uma reunião de grupo sobre a nova expansão de *Paraíso dos Livros* com acordos concretos entre as diversas equipas de apoio para a construção de novas habitações e a criação de novos equipamentos colectivos para as hortas e a criação de aves. O futuro do *Paraíso dos Livros* começa a tomar forma. O local já não depende da Base Lunar para o fornecimento de energia há algum tempo. E, como o grupo de engenheiros cresceu, toda a protecção electrónica está agora firmemente nas mãos da população local. Cynthia De Brito vem ao seu encontro com o pequeno Denzel nos braços. Musa, como sempre, sente-se enternecido ao ver a companheira e o filho o que atenua um pouco o desaparecimento do seu pai Dakari. Sergei tapa-lhe amigavelmente no ombro. "A geração nascida no *Paraíso* continua a crescer. De aqui um ano o nosso Malcolm e o vosso Denzel brincam juntos sob o olhar atento de Jelani." Eles procuram a família de Sana e Kwame para prepararem o almoço juntos.

Musa olha para o lago, onde ainda há pouco tempo estava o hidroavião. Eles nunca saberão exatamente o que aconteceu com Dakari. Estava Henry da Base Lunar 2 certo? O acidente de avião que matou Dakari e cinco passageiros foi um ato de vingança de *Bloomkamp*? Ou foi apenas um acidente fatal sem origem sinistra? provavelmente nunca o vão saber. Musa abraça a mãe que se junta a ele e começam a limpar as folhas dos vegetais para preparar uma sopa.

Paraíso Recuperado (2100-2106)

Fernanda e Gonçalo brincam com Jacobus de cinco anos no jardim da pequena casa. Inês acaba de dispensar as outras crianças que fazem parte do Grupo da Carta que Jacobus também frequenta. Ela conta à filha e ao genro as observações sobre as plantas e os animais feitas pelas crianças sob sua supervisão. Agora, eles vão preparar a refeição da família junto com Gonçalo e Greta.

Gonçalo com os seus novos amigos criou uma nova entrada para a sociologia na base de dados geral *Paraíso dos Livros*. Tudo o que se relaciona a *Ignarysis* também será incluído aqui.

Fernanda conheceu os engenheiros no *Paraíso* que antes de fugirem estiveram envolvidos no arranque de um grande projeto de inteligência electrónica quântica no espaço. Hoje examinou com eles os planos para uma versão melhorada na qual a Base Lunar 2 desempenhará um papel crucial. Fernanda sabe agora que a maioria dos engenheiros que por meio de sua colaboração participaram na construção de *Elysium* não conhecem bem a estrutura da inteligência eletrónica auto-aprendente incorporada. Mais importante é que também que o topo do projeto *Elysium* não o domina. Todo o projeto teve origem na adaptação do desenvolvimento de robôs sofisticados para extrair minérios de metais raros da Lua e de meteoros a partir do trabalho com *drones*.

“Estou convencida que tomamos a decisão certa,” diz Fernanda. Inês concorda e diz: “Sim, é um alívio ver como a equipa de adultos que orienta as crianças na nossa comunidade de

aprendizagem as estimula constantemente a transformar as perguntas de criança em projetos de aprendizagem sem nenhuma inibição. É incrível como todos dedicam tempo para ajudar as crianças a aprender."

Gonçalo observa: "O ambiente ajuda é claro. Temos espaço suficiente para atender às nossas necessidades básicas como comunidade e todos aprendemos rapidamente como cultivar hortaliças, aves e caprinos quando chegamos. Os recém-chegados que são bem acolhidos tornam-se rapidamente anfitriões graças à sólida orientação dos primeiros moradores. Kwame falou-me da evolução de *Paraíso* nos últimos dez anos. A comunidade Hunt tornou muita coisa possível nos dois primeiros anos. Com cada novo grupo que chega a heterogeneidade aumenta fazendo diminuir a dependência da Base Lunar."

Greta suspira: "Desde a minha infância, é a primeira vez na minha longa vida que me sinto novamente livre da pressão arrogante e sufocante dos *Bloomcampers* só interessados em proteger as suas propriedades e o seu poder. A minha felicidade seria ainda mais completa se meu filho teimoso não tivesse decidido ficar em Megalissipo."

Um sorriso triste surge no rosto de Inês. Ela diz: "Sim esse optimismo maldito dele de achar que seria mais útil lá do que cá. Talvez ele já percebeu que pouco pode fazer em Megalissipo. Mais cedo ou mais tarde ele vai aparecer aqui, tenho a certeza."

Nos últimos meses todos estiveram bastante ocupados e não tiveram muito tempo para pensar nessa grande mudança. Ao chegarem a primeira tarefa foi de armazenar com segurança as

informações que trouxeram. Embora perderem as cópias impressas do trabalho quando uma das canoas se virou durante a última parte da viagem, os cartões de memória implantados sob a pele estavam em boas condições. A infraestrutura eletrónica em *Paraíso* está hoje muito sólido e depois de algumas semanas conseguiram terminar de armazenar, verificar e otimizar as informações.

Entretanto outros ajudaram-nos a terminar e mobiliar as casas que haviam sido preparadas para o grupo. Eles próprios decidiram se mudar para uma casa no bairro onde moram principalmente sociólogos e historiadores. Ficava a cerca de dez minutos de bicicleta do bairro de matemática e perto do bairro da engenharia. Os N'Kondo escolheram o bairro de literatura a quase uma hora de bicicleta. No próprio *Paraíso* ainda não há conexões locais sem fio. Há algumas salas centrais para conexões protegidas via satélite com a Base Lunar 2. Essas salas centrais também são conectadas entre si por cabo. A instalação e as conexões locais limitadas significam que as duas famílias que juntos fizeram a viagem ao *Paraíso* só se viram uma vez desde que chegaram.

Os vizinhos garantiram que as crianças entre os recém-chegados fossem rapidamente incluídos nos grupos de aprendizagem e como sempre acontece quando um novo grupo chega novos arranjos são feitos para o uso das bicicletas coletivas para aqueles que têm que viajar para trabalhar em projectos coletivos ou para acompanhar um Grupo da Carta de outro bairro.

Nesse curto espaço de tempo eles passaram de recém-chegados apoiados a apoiantes de recém-chegados. Joana e Elton chegam

com uma cesta de vegetais como contribuição para a refeição da família. Joana conta com entusiasmo como ajudaram recém-chegados a terminar a casa hoje. Ela acrescenta: "É bom perceber como agora podemos ajudar alguém a dominar os princípios básicos da manutenção de uma horta. Há alguns meses, eu mal sabia como conseguiria transformar sementes em vegetais comestíveis!"

***

Arjan conecta-se de Megameghnapolis a Henry na Base Lunar 2. Ele dá os parabéns ao Henry pelo nascimento de seu filho Carl. Em seguida pergunta: "Tiveste algum contato com *Paraíso* e *Pérola.* Parece que o número de Sabedores a fugir para ambos os lugares está a crescer."

"Tens certeza disso?"

"Conseguimos reunir ou centralizar todas as informações das Megapoleis de Europa, do Sacro Reino Ortodoxo da Nação Russa e do Reino do Meio [*Erebúm e Waçúm, nota de Lev*] sobre a evolução das desconexões de chips. Como vocês sabem isso só acontece em dois casos: quando alguém morre ou quando alguém desaparece. Hoje temos modelos de extrapolação muito precisos. Aqueles que já sem chip e desaparecem para uma comunidade rural não é equivalente. O número de desaparecimentos de Sabedores aumenta rapidamente. Os nossos cálculos indicam que cerca de metade deles são *Livros Vagantes* ou *Protetor de Documentos* a procura de *Paraíso* ou de *Pérola*."

"Notificaremos ambas as comunidades," diz Henry.

"Henry, tenho mais uma coisa. Sabes como fomos acompanhando

o desligar massivo de chips quando EuroBrussels foi praticamente extinto? O mesmo está a acontecer em outros lugares nessa parte do mundo. São grandes epidemias. Estamos perfeitamente cientes da capacidade assassina do mais alto topo de *Bloomcamp*. Receio que eles estejam preparando ou já iniciaram algum tipo de ataque viral pandémico. Ainda não conseguimos analisar os continentes transoceânicos aqui. Consegues procurar quem está a visualizar o mesmo?"

"Se o que estás a dizer é verdade, temos um problema dos diabos. Com a atenção deles virado para *Elysium* o nosso trabalho clandestino para preparar uma frota de êxodo para os não *Bloomcampers* acumulamos de um modo considerável as tarefas. Isso significa que teremos que encorajar Ignorantes a deixarem os Poleis."

"Sim e isso significa por sua vez que temos que rever todos os planos de evacuação da *GNet-Z*. Evacuar complexos inteiros é uma tarefa enorme mas resgatar comunidades rurais mais dispersas em larga escala… para isso simplesmente não teremos recursos suficientes nos próximos cinquenta anos, tempo que temo que não iremos ter."

"Mas continuaremos a trabalhar, Arjan. Faremos o que pudermos. Aqui, as pessoas já estão começam a pensar na Base Lunar 3."

Com essa pequena nota para dar coragem, Henry encerra a conexão.

***

Sérgio encontra cada vez mais dificuldades em contornar os esquemas de isolamento estabelecidos pelo novo Grande

Governo. Conexões internas e externas tornaram-se quase impossíveis. Ele percebe hoje que os Grupos da Carta são apenas uma fantasia nos Megapoleis de Erebúm.

Também as conexões seguras com *GNet-Z* são muito mais difíceis hoje em dia porque mesmo no complexo universitário o fornecimento de energia é mantido artificialmente baixo. Só meses depois da saída da família, ele conseguiu uma breve conexão com a Base Lunar 2, que o informou que todos tinham chegados em *Paraíso* há algum tempo. O contacto direto foi sempre impossível.

Pouco tempo depois Ferdinand Fox conta-lhe ter ouvido de fonte confiável que há planos para capturar Sérgio. Isso pode ser porque *Bloomcamp* quer saber o paradeiro de Fernanda ou pior, usá-lo como refém para forçar *GNet-Z* para a entregar. Ferdinand afirma que Sérgio deve levar o aviso muito a sério. A família Fox diz ele está a pensar em fugir. Os eventos em EuroBrussels não são alheios a isso. Além disso, Ferdinand recebeu informações de Gerald Pax sobre o desaparecimento da conexão aérea entre a comunidade de Butiaba e *Paraíso*. Para chegar a *Paraíso* os refugiados que seguem a rota do Nilo precisam viajar hoje centenas de quilómetros por terra em estradas difíceis. E tanto Sérgio quanto ele estão a ficar mais velhos. Portanto se quiserem reunir-se com amigos e familiares, é melhor não esperar muito. Hoje, a viagem pode facilmente levar um ano ou mais…

A fuga de Megalissipo tornou-se mais difícil senão impossível. Embora Ferdinand e a sua família ainda conseguem converter os seus *digits* em material de viagem Sérgio já não ousa correr o risco. Ele teme ser capturado se fizer uma compra que levanta

levanta dúvidas. Ele sabe que está vigiado constantemente. Com a ajuda de membros de um grupo *Zafónis* ele consegue alcançar outros refugiados a noite sem ser notado, incluindo a família Fox. O chip é desativado durante a fuga. Inventaram uma rota de fuga complicada para fazer perder o rastro. A viagem a pé continua para nordeste até estarem a cerca de trinta quilómetros de Megalissipo. Lá, o grupo consegue atravessar o rio. Com um pequeno barco a remo, eles passam pelos bancos de cascalho e areia na margem direita para os bancos de areia na margem esquerda. Depois a viagem continua. O pequeno grupo utiliza os movimentos de membros de comunidades rurais a fim de serem visível o menos que possível. Eles só se sentem relativamente seguros quando estão suficientemente longe das Megapolis Ibéricas ao chegarem a *Portas de Pias*. O plano é ficar aqui por algumas semanas para recuperar as forças. Ferdinand Fox faz contactos. De acordo com *GNet-Z* deve ser possível viajar a partir daqui de carroça e chegar ao Mar Mediterrâneo no lado oposto a Megandalusalgarb. Entretanto Sérgio desfruta a hospitalidade de um casal de idosos. Todos os dias ele acompanha-os até a horta onde observa fascinado como o seu anfitrião aplica uma antiga técnica de irrigação. A horta tem uma leve inclinação a partir do ponto onde ele tem um poço. Desse poço parte toda uma rede de diques construídos em terra entre as hortaliças a serem irrigadas. Com sua enxada o trabalhador rural abre e fecha comportas de terra por onde deixa a água fluir para o jardim sem perder água com a evaporação. Ele direciona a água precisamente para cada um dos canais que a deva receber. Ao fazer isso, explica ao Sérgio, controla quais plantas foram

regadas e há quanto tempo e quando ele deve regá-las novamente. Isso não é o mesmo para todas as plantas e também depende das nuvens que as protege do excesso de sol direto.
Duas semanas depois, Sérgio já consegue fazer ajustes simples no labirinto do portão de terra. Quando eles retomam a viagem para o sul, na companhia de nómadas ambulantes de carroça, ele conta que em *Portas de Pias* recebeu uma formação que lhe pareceu tão importante como aquela que recebeu quando era jovem estudante universitário em Megaludein.

***

O desaparecimento de Fernanda Mestre e dos matemáticos que com ela e com os engenheiros espaciais montaram experiências úteis para desvendar parcialmente a gravidade quântica causou grande pânico em *Bloomcamp*. Os dispositivos para proporcionar uma transferência rápida da Terra para Lagrange 3 em linha reta, com 2 UA de distância entre si, permaneceram inacabados. O único modelo funcional que utilizam e o que os engenheiros chamam de bolhas espaciais locais apresenta defeitos em deflexões específicas. Após a perda de várias tripulações e dispositivos, os problemas estão hoje mapeados e voa-se com valores mais baixos do que se pensa poder alcançar. Mas de acordo com os engenheiros que ainda trabalham com *Bloomcamp* o uso da nave espacial é agora tão seguro como um voo de helicóptero na Terra, desde que a relação entre a aceleração gravitacional clássica e a deflexão da bolha espacial gerada pela nave permaneça abaixo do valor crítico determinado pelo *Número de Rovelli-Mestre*.
Portanto a saída dos mais ricos dos ricos e poderosos para

Elysium é eminente. O isolamento de longa duração em que aqueles que vão emigrar para a cidade espacial deram aos condomínios *Bloomcamp* uma espécie de auréola mítica. Centenas de milhares de Ignorantes vagueiam constantemente a sua volta. Circulam as histórias mais loucas e impossíveis sobre como enfrentar os seguranças para entrar nesses resorts de luxo. Mas cada tentativa termina em batalhas diretas com as milícias que os defendem, causando um alto número de mortos. Entretanto nos condomínios como nos distritos universitários, os Sabedores até agora leais a *Bloomcamp* são hoje rapidamente descartados quando já não são mais necessários. Alguns se juntam às fileiras de *GNet-Z* levando consigo informações valiosas. Outros querem continuar a lutar por um lugar na cidade espacial. Mas apenas os técnicos altamente treinados, necessários para monitorar a inteligência electrónica da cidade espacial têm a garantia de que receberão um lugar num módulo de serviço bem apetrechado nos arredores da cidade espacial. Em troca de seus serviços, eles têm permissão de ficar perto das pessoas mais poderosas e ricas que já viveram na Terra, em si um risco para estes privilegiados. Os rejeitados que não o aceitam mas também rejeitam os *GNet-Z* engrossam as fileiras de sitiantes dos condomínios *Bloomcamp*. Um grupo consegue misturar-se com técnicos selecionados do Condomínio *Sequoia* para ser transportado para um dos módulos de serviço. Um espião atento desmascara o grupo mesmo a tempo, resultando na execução de todos os seus membros. Os serviços de controle que supervisionam o transporte para a cidade espacial decidem então que todos os técnicos selecionados deverão apresentar

uma identificação por íris, além da identificação por chip. Logo a seguir o topo de *Bloomcamp* quer que cada pessoa a embarcar apresente um perfil DNA completo.
No verão de 2101, os primeiros números do Bloomberg 11 irão sair. A transferência será feita por número de classificação e por condomínio, embora a maioria já resido em *Sequoia*.

Os moradores de *Paraíso* sabem pela Base Lunar 2 que a emigração dos residentes de *Bloomcamp* para *Elysium* começou. Há relatos de tentativas de invasão de condomínios por parte de Ignorantes e das muitas mortes que ocorrem. Os relatos de fora dão impulso aos debates em torno *Convivialis Civitates*. Em geral, a propriedade pessoal e o desejo de enriquecimento pessoal continuam a ser vistos como catalisadores de conflitos armados. Muitos dos ignorantes das Megapoleis ainda vivem de acordo com o modelo social em que tudo é possuído e todas as transações têm um aspecto monetário. Entretanto as comunidades rurais desenvolveram cada vez mais uma forma de uso partilhado de ferramentas e produtos que se desvia do que os economistas chamam uma economia de trocas. Agora que os bancos praticamente desapareceram da face da Terra e os *digits* são apenas um número num cartão electrónico vinculado a um chip de quem mora em Megapolis o conceito de dinheiro está a tornar-se cada vez mais vago. Para crianças e jovens de áreas rurais, é um conceito sem sentido.
Paraíso aumentou em área. Novas casas são integradas na floresta circundante. Para ir do oeste para o leste, é preciso contar hoje com um trajeto de bicicleta de mais de meio dia; do norte para o sul, o trajeto também leva quase meio dia. Na zona oeste,

engenheiros e artesãos estão concentrar no desenvolvimento de bicicletas de fácil manutenção, enquanto um depósito maior para uso coletivo está a ser construído na área central. *Paraíso* está desenvolver-se como centro para o uso pacífico da ciência. As conversas com membros da *GNet-Z* da Base Lunar 2 garantem que *Paraíso* não se isolo enquanto comunidade. Muitos debates vão e voltam para *Última Rosa* e para *Pérola Brilhante*, embora *Os Três Lugares* continuam a não ter conexões diretas entre si por medo de localização por espiões de *Elysium* em Lagrange 4.

Fernanda e Gonçalo estão radiantes com o nascimento de Emmy Lehrman no dia 1º de abril de 121.01 em *Paraíso*. Ela integra a primeira geração de filhos do *Paraíso*. Fernanda retoma a ideia de alguns colegas de dar ao nascimento em *Paraíso* um significado simbólico expressando a data de acordo com o Calendário Holoceno. Ele é cada vez mais utilizado pelos membros do *Ignarysis*, após ter ouvido falar dele durante um debate com a Base Lunar 2 que adoptou a proposta de *Última Rosa*. O grupo de Megasantacatarina elaborou a mesma proposta após uma série de debates nos Grupos da Carta. Eles se depararam com a antiga ideia de Cesare Emiliani quando as comunidades concordaram em adotar um calendário menos baseado numa cultura religiosa específica.

Algum tempo depois, Greta recebe a notícia da morte de Alexandre N'Kondo. Ela encontra-se com Manuela Neves na parte central de *Paraíso*. Juntas relembram o trabalho de décadas na casa de Paulo Demeester em Megalissipo. Greta fica feliz ao saber que os filhos e o sobrinho de Manuela estão a coordenar um Grupo da Carta para crianças e fala sobre o grupo

que lidera com Inês. Ela diz que sente falta do filho. Ela só sabe que ele deixou Megalissipo, mas ninguém sabe exatamente onde ele está neste momento. Tanto Greta como Manuela são más ciclistas e, embora combinem de se visitar ocasionalmente, elas só se verão duas vezes nos anos seguintes.

Em *Última Rosa* os Grupos da Carta que considerar a proposta para um calendário mais universal concluem o debate de hoje. É gratificante ouvir que, tanto na Base Lunar 2 como nos outros dois dos *Três Lugares* após um ano de trabalho na proposta, o calendário foi adoptado. Toda a discussão levantou um novo interesse em relação ao uso de palavras "primordiais" como as dos Continentes. Hoje, a discussão foi sobre a pesquisa em torno de palavras primordiais. Juan Márquez acredita que os grupos em democracia direta ganharam perspicácia e reflexão. Parece que os grupos estão mais preocupados em estabelecer uma cultura de paz na qual a comunicação seja um meio e não um fim em si mesma. Talvez não seja necessário evoluir para *Mundano*, *Planetário* ou *Terrano* como linguagem se dedicarmos tempo suficiente para discutir as coisas.
Juan e Marie Anne entram em casa onde a irmã de Juan lê em silêncio ao lado do pequeno Pepe que dorme em seu berço. É como se o bebé sentisse que seus pais entraram. Ele acorda e, um instante depois Marie Anne coloca-o ao peito.

A primavera chegou no sul da Península Ibérica. Já passaram quase dois anos desde que Sérgio e a família Fox decidiram deixar Megalissipo. Durante esse tempo todo, eles ainda não passaram de uma comunidade rural no Mediterrâneo. Embora digam regularmente que precisam seguir em frente o grupo

rural mantém-nos ocupados. Quando chegaram, foram recebidos com desconfiança. A comunidade consistia então quase exclusivamente de Ignorantes não-arrogantes. Isso permitiu que o grupo reunisse conhecimento prático e formasse um grupo coeso muito rapidamente, com a heterogeneidade trabalhando a seu favor. O grupo tinha um aspecto em comum: a desconfiança instintiva em relação aos Sabedores. A maioria dos elementos do grupo ainda estava sob a influência de anos de contra-informação na Poleis onde costumavam viver. Além disso, alguns membros da comunidade tiveram contacto com Sabedores bastante arrogantes que, em vez de dialogarem, desaprovavam aqueles que haviam sido persuadidos a não participar de grupos de aprendizagem.

No entanto, a comunidade rural elaborou aqui em menos de dois anos a sua própria forma de *Convivialis Civitas*. Sérgio e seus amigos passaram muito tempo só a ouvir, e hoje gostam de intervir nas discussões da comunidade. A cada dois dias, há uma reunião para todos que desejam participar. Os tópicos de discussão são anunciados permanentemente no local central. A comunidade estabeleceu-se numa vila abandonada e o local central costumava ser um salão de baile e portanto grande o suficiente para acomodar todos os participantes. Os tópicos discutidos levam a uma decisão que é comunicada em forma de proposta para todos mesmo aos que não estavam presentes. Se a decisão envolver regras todos têm um mês para solicitar que o assunto seja abordado novamente. Após esse mês ou a sua extensão a regra entra em vigor para todos até que volte a ser um tópico de discussão ou até que alguém perceba que a regra

causa inconvenientes ao grupo ou aos membros do grupo que possam colocar em risco a paz geral. Sérgio continua a ouvir mais do que de intervir. Ele toma notas para si mesmo, mas a sua capacidade de escrever relatórios precisos deixou feliz aquela parte do grupo de escritores que cuidam da comunicação geral na comunidade. O que mais o fascina é de ver como este grupo, a maioria dos quais apenas recebeu instrução básica e poucos dos quais fizeram parte de um grupo de aprendizagem, e muito menos de um Grupo da Carta, colocou o princípio de *Convivialis Civitas* em prática com alguma facilidade. Dois fatores ajudaram. Era um grupo de pessoas não-arrogantes e desde que seus membros deixaram sua Polis original ninguém mais utilizou *digits*. Em poucos meses eles passaram da troca para a partilha. Sérgio pensa no que leu de Bregman. Ainda existem cópias de seus escritos? Poderíamos falar de uma espécie de intermediário bregmaniano entre o mundo do valor baseado no dinheiro e o mundo da utilização baseado na interação? Ele sente falta de Inês, com quem gostaria de conversar sobre isso. Talvez devessem começar a pensar em retomar a viagem. A família Fox pediu para esperar mais alguns meses até que o bebé Aldo estivesse um pouco mais velho.

Em *Paraíso* Emmy tem agora dois anos. Jacobus tem oito e faz parte do Grupo da Carta, no qual, além de Inês e Fernanda, um psicólogo, um antropogogo, um historiador e alguns artesãos também se envolvem com as crianças para elaborar os seus projetos de aprendizagem. Ocasionalmente Greta aconselha o grupo e analisa ao mesmo tempo com Inês como as lacunas podem ser preenchidas no próximo grupo de aprendizagem, do

qual Emmy fará parte de aqui dois anos. Fernanda e Gonçalo estiveram recentemente em contato com Sergei Auctor. Malcolm juntar-se-á a este novo grupo de aprendizagem. Há também uma vaga para Jelani Zoungrana e quando Musa ouve a notícia, ele pergunta se há uma vaga para Denzel. Enquanto o futuro grupo de crianças está a formar-se os pais analisam a sua estrutura.

No início de 2104 o grupo de Sérgio finalmente consegue continuar em direção ao *Paraíso*. Duas famílias de pescadores concordaram em levar os viajantes se estiverem dispostos a ajudá-los na travessia bastante difícil. Os pescadores rurais usam apenas velas e remos. Motores de combustão interna caíram em desuso há muito tempo e barcos elétricos com painéis solares são raros. Ambas as famílias de pescadores querem navegar pela costa norte de Alkebulan em busca de novas zonas de pesca. Eles também ouviram histórias sobre uma comunidade rural onde agora existe conhecimento suficiente para construir barcos movidos a electricidade.

Sérgio e Bertrand Fox recebem algumas instruções básicas dos pais de Bertrand, que possuíam um veleiro quando moravam perto do que então era chamado de Maine.

A travessia corre bem e os viajantes conseguem navegar até sem dificuldades até perto da foz do Nilo. Lá, encontram uma comunidade rural bastante heterogénea. Entre os seus membros há condutores de camelos que preparam uma viagem para um oásis perto da grande barragem do Nilo. Alguns engenheiros que procuravam acomodação nessa comunidade vão viajar com eles. Durante a viagem semestral anterior fizeram um acordo

para instalar um transmissor naquele oásis para que ambos os grupos pudessem se comunicar com mais facilidade em parte porque mais refugiados viajam hoje por terra.

Os condomínios *Bloomcamp* tornaram-se uma nova espécie de Terra de Ninguém desde que os últimos números 8 da Bloomberg foram transferidos para *Elysium* há ano e meio. Como uma espécie de prémio de consolação, as milícias que não tem permissão para viajar para espaço receberam de presente os condomínios, agora completamente abandonados. No geral a vida continua a ser mais luxuosa do que nos distritos protegidos do Grande Governo. Mas a vida não é nada pacífica. Verdadeiras batalhas campais acontecem regularmente entre os postos avançados das milícias e os Ignorantes Arrogantes que tentam invadir os condomínios para saqueá-los. Nos primeiros meses após a emigração dos números mais elevados de Bloomberg, mesmo alguns membros do Grande Governo não perceberam o que estava a acontecer. Entretanto os membros desse governo fantoche sabem como foram enganados e abandonados à sua própria sorte no meio de uma população cada vez mais empobrecida. No ano seguinte, o governo encorajara líderes de revoltas espontâneas a direcionar sua raiva contra os condomínios. Mas, gradualmente esses sitiantes descobriram que os ricos estavam a deixar a Terra. Alguns continuam a tentar obter partes dos condomínios protegidos para si.

***

Em Megameghnapolis, Arjan procura contactar a comunidade Hunt. Além da ameaça dos *Cou-Clib-Clans* à comunidade cada vez mais pequena de Sabedores, surge um problema mais

urgente. Na cidade baixa, com os prédios da universidade que protegem a conexão via satélite com *GNet-Z* as casas correm o risco de serem completamente inundadas permanentemente agora que os diques do rio já não conseguem reter a elevação do nível do mar. Arjan e seus colegas precisam de ajuda para mover as instalações para uma parte mais alta da Polis. Mas a comunidade Hunt parece ter evaporada. Sem outra solução Arjan liga para a Base Lunar 2 onde Henry Pax confirma que ninguém consegue entrar em contacto com a comunidade. Acredita-se que a comunidade já estava longe da Terra ou no tempo durante os últimos contactos. Ninguém sabe o que se passa.

Arjan explica que partes de Megameghnapolis estão a ficar permanentemente inundados. Os engenheiros de ambos os locais analisam os problemas técnicos para garantir a segurança da comunicação. Um gerador de emergência, só para mensagens de áudio é instalado num prédio universitário adequado na cidade alta.

***

Faz agora três anos que os números mais elevados de Bloomberg já moram em *Elysium*. Os primeiros tempos foram emocionantes. Uma cidade espacial com espaço para cerca de quarenta mil habitantes permite bastante exploração. Mas depois de meses, digamos anos de exploração, os limites são conhecidos. Aqui, não dá para apanhar um avião para outro sítio, como se fazia na Terra quando se tinha dinheiro e poder e se estava um pouco aborrecido. Fora da cidade espacial, há apenas o vazio negro e a morte. As únicas mensagens da Terra

chegam através Lagrange 4 e não são exatamente animadores. Muitos condomínios são hoje campos de batalha. A população das Megapoleis continua a poluir o planeta mas não morre tão depressa como previsto. Entretanto as pequenas comunidades locais em áreas rurais parecem sofrer pouco com a ausência de dinheiro ou da atividade económica. A informação perturbadora é que esses grupos estão a sair-se muito bem sem economia de mercado. Em suma, teme-se que permanecer em *Elysium* começa a parecer uma espécie de afastamento voluntário para muito tempo. Quem costumava passar os dias a analisar relatórios das bolsas de valores e esquemas de investimento com o único propósito de colecionar mais *digits* está aborrecido. Essa é a dura verdade: há pouco o que fazer em *Elysium* e os jogos de casino mais emocionantes não proporcionam os picos adrenalina que o mercado de ações traziam na Terra. Os gestores das Fundações procuram uma nova solução. Em última análise, existem dois problemas: a população mundial deve diminuir significativamente senão os *Elysianos* nunca voltarão à Terra e o tédio pode levar a comportamentos suicídios.

Juntamente com os gerentes do departamento de jogos de azar, desenvolve-se um novo plano. Com a ajuda dos líderes das milícias mais arrogantes que seguem incondicionalmente a cúpula de Bloomberg desenha cenários a ser elaborados no âmbito da OPAL, nos quais governos locais, cidades, Ignorantes e Sabedores são colocados em situações de desastre das quais escapam ou nas quais perecem. Os ricos Elysiums podem apresentar apostas. As possibilidades são quase infinitas: o que o governo faz? Quem sobrevive? Quantas mortes haverá com um

determinado ataque de vírus? Quem encontra uma solução numa acção circunscrita? Quais são as consequências para os Sabedores? Para os Ignorantes? Qual é o *Cou-Clib-Clan* que vence em originalidade de maldade?
Outro desafio no qual se pode apostar: quando e como os técnicos *Elysium* trabalhando para Lagrange 4 vão conseguir revelar as comunidades rurais na faixa entre os trópicos? Elas estão sob proteção electrónica há quase duas décadas e nenhum espião *Bloomcamp* conseguiu expô-las até hoje.
Pouco depois, o Grande Governo entra em pânico. Há uma pico de informações contraditórias. Além disso, há uma referência constante ao perigo para ataques entre as Poleis. Deixa de ser possível de controlar os *Cou-Clib-Clans* em certas áreas. Vírus aparecem de repente mesmo nos distritos proibidos. Mais e mais administradores colocam as Poleis a enfrentar-se umas às outras. Alguns lugares parecem repentinamente ter mais recursos do que outros. Ninguém sabe por quê. E, entretanto, Sabedores e Ignorantes não-arrogantes continuam a deixar as Poleis, havendo muitos a 'desaparecer' milagrosamente entre os trópicos.

O *Paraíso dos Livros* e o ano 2106, ou 121.05 de acordo com o calendário do Holoceno usado nos Três Lugares, significam novos grupos de aprendizagem. A *Carta do Aprendente* está totalmente incorporada e cada comunidade conta com grupos de adultos que apoia os projetos de aprendizagem das crianças em quase todos os ramos da ciência. Emmy, de quatro anos, rapidamente faz amigos no grupo no qual participa. A poucas horas de caminhada dali, outro grupo de aprendizagem cuida,

de Lahn N'Gô agora com nove anos e os seus amigos. Sang acaba de completar quinze anos e divide o tempo dela entre o estudo supervisionado na Biblioteca Central e acompanhar as crianças mais novas no Grupo da Carta, no qual participou até dois anos atrás.

No *Dwiterodekmomehns* daquele ano a família Mestre passa por um momento muito difícil. Greta Campos morre quando quase perfaz 96 anos. A família acompanha-a. Na noite anterior ela segurou a mão de Inês durante um longo tempo e diz: "Meu filho teimoso logo estará de volta connosco, minha querida. Sinto-o nos meus ossos."

No entanto levará mais cerca de um ano até Sérgio e a família Fox finalmente chegar em *Paraíso* onde são acolhidos por Sang N'Gô e outros dois voluntários que fazem parte de sua equipa. Eles levam Sérgio de bicicleta até o distrito de sociologia onde ele finalmente reencontra Inês. A sua profunda tristeza de saber que a mãe morreu no ano passado contrasta com a emoção de poder segurar a neta Emmy ao colo. Durante o reencontro Sang conta-lhes que a bisavó Amy morreu, aparentemente pouco tempo depois da morte de Greta. Fernanda observa que da geração da avó apenas Manuela e Francisco ainda estão vivos e promete a Sang visitá-los no bairro das artes de *Paraíso dos Livros* em breve.

Pouco depois as primeiras bicicletas eléctricas entram em uso em *Paraíso*. Isso facilita o deslocamento entre os diferentes bairros. Inicia-se uma rede de estações de recarga conectada aos painéis solares a flutuar no lago e a dois moinhos de vento na sua margem.

Na Base Lunar 2, a equipa observa que a crescente agressividade entre diferentes grupos nas Poleis é o resultado das apostas que os gestores das Fundações Muscle, Brandad e Azos implementaram junto com os gestores do casino central de *Elysium*. A estação de retransmissão em Lagrange 4 é usada como posto de observação e unidade de informação.

Ingredientes convivências (2107 - 2130)

Os moradores de *Paraíso* estão entusiasmados com a cooperativa que estão a construir em conjunto na sua nova cidade. Logo após a chegada de Sérgio, inicia-se um importante debate sobre a estrutura básica do que está a se transformar gradualmente numa cidade de médio porte. O tema é a organização em bairros que reúnem pessoas com os mesmos interesses ou origens.

Durante a primeira expansão, lembram as famílias Zoungrana e Cheboi, os *Livros Vagantes* foram os primeiros a ser levados em consideração. Foi mais fácil para eles encontrarem abrigo inicial entre quem havia memorizado documentos semelhantes, sobretudo quando era necessário reescrever partes de livros. No entanto há quem se preocupe com a possibilidade de isso levar a uma homogeneização excessiva. Mas muitos recém-chegados não têm esse sentimento. Eles gostam de ser recebidos por quem tem interesses semelhantes após a jornada e ninguém se sente obrigado a estabelecer-se num bairro específico.

Em *Paraíso dos Livros* ninguém é obrigado a fazer nada. Cada casa tem uma horta e os vizinhos reúnem-se espontaneamente para partilhar vegetais e frutas. Em vários bairros já não se trata de partilhar mas sim de preparar refeições em conjunto. Muitas vezes essas refeições levam muito tempo e obviamente muitas conversas têm a ver com antigas atividades profissionais e áreas de interesse.

Embora todos se dediquem uma boa parte do tempo à manutenção da horta, à criação de pequenos animais ou à

pesca, muitos moradores querem fazer mais simplesmente porque gostam de o fazer. Quem assume tarefas não pede nada em troca. No entanto algumas tarefas são de vital importância para toda a comunidade. Isso aplica-se à manutenção da rede eléctrica. Essa é necessária e não pode falhar por causa das proteções necessárias contra observações indesejadas. Em geral, os físicos entre os *Livres Vagantes* garantem que os engenheiros tenham suficientes ferramentas de suporte disponíveis.

Inês sempre se surpreende ao ver a naturalidade com que a maioria das pessoas assume tarefas simplesmente porque têm gosto em fazê-las. E a organização de cada bairro beneficia muita com isso. Artesãos e engenheiros que moram nos bairros ocidentais apontam que é muito prático encontrar todas as ferramentas comunitárias agrupadas. Também facilita o controle de algumas matérias-primas e materiais reciclados. Os artistas por outro lado estão felizes na parte leste da cidade do *Paraíso* perto do lago. Lá também, as instalações comunitárias facilitam o trabalho criativo de todos que lá moram ou os visitam.

Desde o início de *Paraíso dos Livros* há um local central. Nos primeiros anos era uma espécie de bunker onde todos os futuros *Livros Vagantes* e *Protectores de Documentos* podiam verificar se o que traziam estava em boas condições e de seguida armazenar tudo adequadamente. Gradualmente tornou-se claro ser muito raro que obras trazidas sob forma de cartões de memória implantados na pele, sejam irreparavelmente danificadas pela viagem ao Paraíso. As obras impressas sofrem muito mais. No entanto considerou-se que a restauração era útil para obras das quais nenhuma cópia impressa chegou ao *Paraíso*. Procuraram-

se soluções. Engenheiros e artistas juntaram cabeças e muito em breve *Paraíso dos Livros* tinha possibilidades de impressão para todo tipo de suportes e vários dispositivos de visualização.
A mesma lógica que facilitou a colecta de material comum em locais de trabalho comunitários também pareceu interessante para a preservação do Conhecimento e da Ciência. E esse foi o primeiro grande objetivo de *Paraíso*. É por isso que ninguém está realmente surpreso com a decisão conjunta que emergiu do debate em torno dela. Vários edifícios já haviam surgido em torno do bunker central e ao lado dele. Estes agora seriam transformados num grande edifício com possibilidade de expansão. É por isso que todos também concordam em manter uma enorme zona de parque em redor daquele local central para que futuras expansões sejam possíveis. Esse local central abriga hoje uma conexão externa permanente mas apenas com a Base Lunar 2. Há alguém que diz estar interessado em desenvolver uma rede simples para que todos os distritos possam ser conectados eletronicamente a esse local central. Os construtores de bicicletas entusiasmam-se com a ideia. Eles explicam que podem continuar a produzir bicicletas eléctricas mas que para alguns membros da comunidade pode ser bem mais fácil de consultar o local central sem ter que se deslocar o tempo todo. Alguém pergunta se é possível ter uma espécie de comunicação de *pessoa a pessoa* um pouco como o antigo telefone ou a telefonia móvel que existiam nas Megapoleis até que os distritos foram completamente isolados. Então um especialista em comunicação explica que o telemóvel *pessoa a pessoa* contêm sempre sinais de localização. Alguém pergunta se

há interessados em pensar junto com ela a pôr em pé um sistema de sinais de localização sem conexões via satélite. Chegam a um acordo sobre a autonomia do grupo de trabalho em relação ao uso do material de recuperação.
Sérgio, que não estava presente neste debate lê o relatório sobre o assunto com o qual os participantes informam toda a comunidade se existe a necessidade de um segundo momento de debate. Ele reflete sobre as tomadas de decisão e como podem ser feito quando em *Paraíso* for preciso encontrar soluções como quando os grupos *Zafónis* de democracia direta o faziam. Ele acredita que o termo 'tomada de decisão pluralista' pode ser uma boa descrição para a maneira como a comunidade toma decisões. Em seguida, pergunta a Inês se não seria o momento de solicitar um debate em como os moradores de *Paraíso* podem fornecer uma estrutura básica simples para os Grupos da Carta. Muitos pais de crianças do Paraíso leem propostas de membros de *Ignarysis*, incluindo Sérgio e Inês, sobre a relação entre *matética* e *didáctica*. Entretanto Sérgio, Inês e os outros adultos do Grupo da Carta de Emmy começam a envolver as crianças sistematicamente na preparação das refeições do grupo. Uma das mães comenta que recentemente encontrou um livro antigo de Maria Gabriela Llansol na Praça Central [ver *Massa Mediocre*]. Trata-se de uma espécie de diário sobre o período em que Gabriela vivia na antiga Bélgica por motivos políticos. Juntamente com outros refugiados políticos, ela procurou uma maneira de supervisionar um grupo de crianças na forma de uma espécie de comunidade, onde as crianças participavam em alguns processos de produção.

Naquela época de atividade remunerada, produzir alimentos era uma forma de fornecer à comunidade uma pequena fonte de rendimentos, além de suas próprias refeições. No *Paraíso*, como em quase todos os lugares do Planeta hoje em dia, a ideia de gerar rendimento deixou de ter sentido. O princípio de preparar refeições em conjunto é no entanto um conceito muitíssimo interessante. Um tanto hesitantes os adultos desse grupo infantil decidem baptizá-lo de Grupo Llansol.

Sérgio e Inês integram um pequeno grupo de voluntários que contam cada um a sua história e alguns concordam em descrevem a sua caminhada até *Paraíso*. Os viajantes mais recentes claramente viveram aventuras mais complexos mas também tiveram mais encontros com comunidades rurais. Ao fazê-lo, eles comparam formas de organização que encontraram com a organização em *Paraíso*. Os membros de *Ignarysis* reúnem o conjunto dos textos. Durante os debates, eles ajudam a fazer conexões entre o todos os *Convivialis Civitates*.

Durante uma das reuniões desse grupo Sérgio ouve que a mãe de Alexandra e Manuel N'Kondo faleceu. Ele e Inês visitam os seus primos distantes. Conversam com o tio Francisco, hoje o único descendente vivo dos três filhos de Catherine e Joana Demeester. Ele está a reunir o máximo possível de documentos escritos pela mãe Joana. Entre eles há uma cópia original da *Carta dos Aprendentes*. Eles perguntam a Sérgio se ele pode, ocasionalmente, verificar no na Praça Central o que já foi catalogado no banco de dados sobre as Irmãs Demeester e complementar as informações. O próprio Sérgio está a tentar de ter uma visão geral completa da revista *Ignarysis* e promete

fazer as conexões necessárias sempre que encontrar artigos com o tema de ignarometria e análise ignaramétrica.

Alguns recém-chegados em *Paraíso* relatam que o nível do mar Mediterrâneo subiu e que o estuário do Ródano atingiu de forma permanente Megasul. Parte do MegaPolis está definitivamente submerso.

Kwame fala com a Base Lunar 2. Henry Pax confirma que várias áreas costeiras mudaram permanentemente de forma. Cerca de metade das terras dos *polderes* e de áreas de aterro de Megabelgium estão completamente submersas. Na Península Ibérica há grandes migrações agora que Megandalusalgarb se tornou praticamente inabitável. Mas outras áreas costeiras, como Megalissipo, também são em grande parte inabitáveis. Toda a planície entre os rios Tejo e Sado transformou-se num grande mar interior, enquanto a área costeira acima do Tejo consiste numa extensão de ilhas rochosas.

Em Megameghnapolis Arjan Chakma e toda a sua família mudaram-se para um hotel vazio num dos complexos que costumava abrigar um centro de investigação universitário. Juntamente com a Base Lunar 2 e alguns ex-moradores do Condomínio *Sequoia* conseguiu finalmente usar inteligência electrónica sofisticada para paralisar a conexão entre Lagrange 4 e *Elysium*. Eles receberam uma ajuda um tanto inesperado da natureza graças a um pico ainda que previsto de atividade do vento solar que destruiu permanentemente o feixe de comunicação entre a estação e a cidade espacial. A estação Lagrange 4 não era tripulada. Os ex-moradores de *Sequoia* localizam as estações de rastreamento na Terra e os técnicos que

de certa forma ali estavam em cativeiro recebem a opção de se mudar para a Base Lunar 2 ou se integrar a uma comunidade rural com infraestrutura de comunicação limitada.
A falta de comunicação quase direta retira o controle que os grandes jogadores de *Elysium* tinham par desestabilizar a Terra. Isso não altera o facto de que o relatório da situação no Hemisfério Norte elaborado pela Base Lunar 2 continua muito perturbador. Há já muitos anos que a camada de gelo desapareceu permanentemente em toda a região do Ártico. As regiões costeiras são sapais e pântanos praticamente inabitáveis. Além das pragas naturais causadas pela destruição extensiva dos ecossistemas locais os jogadores de *Bloomcamp* introduziram informações falsas e vírus que afetaram gravemente toda a população do Hemisfério Norte. De acordo com estimativas dos postos de observação na Base Lunar 2, a população mundial, enfraquecida por conflitos locais e epidemias, teria caído para menos de seis bilhões.

Durante o hectano 121.08 a família Lector chega a *Paraíso dos Livros*. Pierre Lector junta-se ao grupo de voluntários no qual Bertrand Fox e Musa Cheboi prestam serviços. Juntos, trabalham na concretização de diversas redes locais sustentáveis que têm sido objecto de muito debate. Um ano depois, uma rede sem fio entre unidades fixas de comunicação pública alcança todos os bairros de *Paraíso dos Livros*. O uso partilhado deste tipo de unidades é muito mais interessante em termos de energia do que unidades individuais. Além disso, as conexões entre as unidades fixas podem ser controladas por duas antenas locais e não há risco de que sinais de GPS sejam captados por outros satélites.

Em meados de 121.10, morre Francisco N'Kondo. Ele foi o último membro da família Demeester a nascer na Europa que Paulo Demeester conhecera: uma união de estados com governos eleitos, na qual os cidadãos podiam circular livremente, desde que tivessem *digits*, então chamado de dólar ou Euro, se o seu tempo não fosse completamente determinado pelo trabalho remunerado obrigatório para garantir o seu sustento. Para a geração dos bisnetos, incluindo Emmy, Jacobus, Lahn e Sang parecem histórias distantes. Os mais novos, como Emmy, têm *Paraíso dos Livros* como única referência. Para as crianças um pouco mais velhas, as memórias da vida antes *Paraíso* são vagas e muitas vezes mais marcadas pela viagem que empreenderam com seus pais para chegar a *Paraíso*.

As redes internas estão totalmente estabilizadas o que facilita os debates entre grupos maiores de moradores. As interações baseiam-se na confiança característica de qualquer primeira geração após uma mudança traumática. Muito trabalho foi feito nos últimos dez anos para incorporar a cooperação na própria estrutura do Grupo da Carta para crianças como base para a confiança mútua. Sociólogos, psicólogos e antropogogos concordam que o desaparecimento da *digits* e a adaptação dos adultos a uma forma de sociedade baseada no uso partilhado de recursos em vez da propriedade pessoal foi uma vantagem crucial. Fernanda está encantada em ver cada vez mais projetos educacionais dialógicos, à medida que aumenta o número de nascimentos em *Paraíso*. Ela junta-se a um grupo de estudiosos que propõe estimular todas as crianças nascidas em *Paraíso dos Livros* a uma forma pluralista e empática de pensar e agir

permanentemente ligado ao conhecimento técnico e físico e sem perder de vista a prosa e a poesia. Este grupo está portanto a implementar duas ideias caras à comunidade: o conhecimento todo está disponível para todos e cria-se uma crescente simbiose entre memórias naturais e artificiais. Embora a antiga ideia pansófica de Comenius contivesse restrições dogmáticas sobre a origem do mundo e do cosmos por exemplo, a ideia base de tornar todo o conhecimento acessível a todos é um dos princípios fundamentais para uma sociedade pluralista. É claro que não é possível para um ser humano ter um conhecimento profundo de tudo, então a ideia de cérebros auxiliares electrónicos é hoje condição e não obstáculo para um mundo pluralista.
Essa necessidade de uso, mas também de controle, da robótica e da automação continuará a orientar Fernanda no trabalho de investigação até a sua morte. De acordo com a Base Lunar 2, *Paraíso* é hoje certamente uma das maiores comunidades onde o desenvolvimento da ciência não bélica é uma realidade.

À medida que a realização de acordos entre voluntários de diferentes bairros de *Paraíso dos Livros* se torne mais fácil, o número de viagens do Grupo Llansol e visitas a outros bairros aumenta consideravelmente. Dos doze aos dezoito anos, Emmy tem a oportunidade de conhecer a fundo todo *Paraíso*. Ela passa noites de debate com muitos outros jovens do seu próprio grupo de estudo ou de outros grupos de estudo no seu próprio bairro ou em outros bairros. As excursões para a zona leste de *Paraíso* inclui concertos, teatro, entretenimento e oficinas de culinária. Malcolm Auctor, Jelani Zoungrana, e Aldo Fox aos quais se

se juntaram mais tarde Claude Poulain, Emile Lector estão quase sempre presentes nesse círculo de amigos. Ela devia ter uns dezessete anos quando, durante uma dessas excursões ao bairro da história e da ciência da computação, o seu grupo de estudos entra em contato com alguns adultos que se estabeleceram em *Paraíso* alguns anos atrás. São ex-números 8 da Bloomberg que em tempos tiveram a esperança de viajar para *Elysium*. Mas logo em em 2102 (121.02) já tinha percebido que não tinham sido avaliados suficientemente ricos para terem alguma chance de ganhar uma passagem para o espaço.

Entretanto quinze anos se passaram e quando os jovens pedem uma explicação sobre o significado dos números Bloomberg, um dos anfitriões dá mais informações.

"Vocês devem saber que vivemos muito tempo perto de Megaludein, no Hemisfério Norte do planeta. Aquela foi e ainda é uma das grandes Poleis da ilha da Grã-Bretanha. Estávamos habituados a pensar em termos de posse pessoal de coisas ou serviços, pelos quais sempre se pagava. Para pagar era preciso recorrer aos *digits*. Conseguia-se dinheiro trabalhando para isso ou investindo em empresas ou serviços para os quais outros trabalhavam. Para ter tanto *digits* como nós tínhamos, trabalhar apenas para os outros não era uma suficiente. Investia-se em empresas ou criava-se-as e mantinha-las por conta própria. E quanto melhor alguém era nisso, mais rico ficava. Ficar mais rico significava ter mais *digits*. Podem ter ouvido os pais ou avós falar de *Bloomcamp* de *Bloomcampers*. Isso porque existia uma revista que calculava o valor das pessoas pela quantidade de *digits* que tinham. Naquela época a moeda de referência era o

dólar. Mas nos últimos cem anos, um *digit* equivalia um dólar. E eles fizeram uma escala logarítmica para nos dar a cada um de nós um valor. Isso significa que alguém com um número Bloomberg 8 tinha no máximo 10 elevado à oitava potência de 10 de *digits*. Comparado a outros, um Bloomberg 8 em 2090 tinha muito *digits*. Apenas um pouco mais de meio décimo de milésimo da população, mas mesmo assim isso representava quase 50.000 adultos. Por isso vivíamos em áreas separadas. Muitos tinham medo de viver entre aqueles que tinham menos. Havia aqueles que foram abusados ou assassinados por outros que tentaram roubar *digits*. Quem tinha muito *digits* teve a ideia de que talvez fosse melhor viver numa cidade espacial por um tempo, já que as coisas estavam muito más no planeta Terra. Mas nem todos poderiam entrar em uma cidade espacial assim. Eles imaginaram um espaço para 35.000 adultos, foi o que pensaram em 2080 quando começaram a construir a cidade. Havia também os números Bloomberg 9, 10 e 11, que tinham até 10, 100 ou 1.000 vezes mais *digits* do que nós. Eles tinham a prioridade para a cidade espacial. Depois de preencher os seus lugar, havia cerca de 10.000 vagas disponíveis. Um em cada cinco números do Bloomberg 8 não conseguiu entrar. Aqueles que permaneceram nos condomínios rapidamente os abandonaram porque as milícias passaram a reivindicar cada vez mais os lugares fechados para si. Agora que os governantes absolutos tinham saído o abastecimento de alimentos e energia estava seriamente em risco.

Aqueles que moravam nos complexos administrativos melhores logo enfrentaram os mesmos problemas. Frequentemente as

transferências de *digits* não funcionavam devido a grandes falhas de energia. Os sistemas bancários tinham cada vez menos técnicos. Os geradores e o fornecimento próprio de energia eléctrica apresentavam grandes defeitos, o que dificultava o pagamento com *digits*. A informação muitas vezes não passava corretamente. Os números Bloomberg 8 que se consideravam os novos governantes do mundo durante alguns meses descobriram rapidamente que a descrição de sua propriedade era puramente virtual. Muitas vezes, não conseguiam comprar a mão a obra necessária com os que possuíam. Logo, os moradores da Polis estavam cada vez menos interessados em trabalhar para terceiros em troca de transferência de *digits*. Nunca ninguém sabia quando estariam disponíveis nem o que se poderia fazer com eles. As grandes cadeias de alimentos tinham problemas com o fornecimento, tanto para seus armazéns centrais como dos armazéns para os consumidores. Estes, por sua vez, nunca tinham a certeza de que realmente tinham conseguido pagar as suas compras e, mesmo que o pagamento tivesse sido feito, nunca era certo que o fornecedor algum dia enviaria as mercadorias. À medida que partes da Polis foram despovoadas, jardins e parques vazios transformaram-se em hortas e muitos moradores da Polis acharam mais sensato se juntar a grupos organizados que tratavam da sua própria comida. Dentro da Polis, esses grupos eram geralmente organizados hierarquicamente, mas tirando certas áreas rurais onde a mineração ainda estava em andamento ou no Reino do Meio, onde certas cadeias de produção se mantiveram, o número Bloomberg não era mais um critério primário para a

cadeia organizacional. Muitas vezes, ignorantes arrogantes conseguiam levar vantagem e nesses casos não havia mais a questão da cooperação. Era melhor falar de colaboração forçada. Qualquer um que acabasse em tal grupo fazia melhor em não exibir o seu antigo número Bloomberg.
Entre os números 8 Bloomberg, é claro também havia um grupo representado por tipos-ideais nos pontos centrais da escala ignarométrica. Ao se mudarem de um condomínio ou distrito de luxo e entrando em contato com uma comunidade rural organizado como *Convivialis Civitas* muitos transformaram-se gradualmente em cooperantes interessados e interessantes. Compreenderam rapidamente que o seu valor para o grupo não consistia numa posse virtual incerta de lugares ou produtos impossíveis de alcançar e traduzida em acções expressas em valores não permutáveis chamado *digits*. O seu valor estava no conhecimento e na sua capacidade de abordar problemas concretos com os outros e de encontrar soluções provisórias.

Durante as várias visitas a outras partes de *Paraíso dos Livros* e uma viagem à comunidade de Bukoba, Emmy e Malcolm se aproximam cada vez mais. Emmy quer continuar a orientar crianças e Grupos da Carta. Ela lê o que encontra sobre Llansol, mas, ao fazê-lo, também entra em contacto com arquivistas que guardam documentos sob o título *Escola Moderna*. Ela lê Ferrer e Freinet e rapidamente faz a conexão com a ignarometria de que a mãe e o avô costumam falar. Ela entende a conexão com a antropogogia. Mais do que com Ferrer e a Antropogogia Institucional, ela percebe como o aspecto da refeição está presente em Freinet. Então, é aconselhada a procurar textos

escritos por anarquistas sociais. Ela pede ajuda a Malcolm. Ele diz que encontrar nos *Convivialis Civitates* em *GNet-Z* várias elaborações do que ele entende por anarquismo social. Ele cita Errico Malatesta. O pai trouxe documentos dele para *Paraíso dos Livros*. Ele explica a relação entre emancipação económica e emancipação política. Quando apenas um dos dois movimentos de emancipação se concretiza, obtém-se seja o socialismo de Estado (socialismo sem anarquia) seja um novo tipo de Lei do mais forte (anarquia sem socialismo). Segundo Malcolm ao longo do século XX e na verdade até a ascensão dos grupos *Zafónis* havia uma série de pequenos movimentos que apelavam ao anarquismo social mas muitas vezes não conseguiram passar da agitação, de pequenas ocupações de empresas ou edifícios e até mesmo pequenos furtos. Aqueles grupos *Zafónis* são segundo Malcolm os herdeiros de Malatesta. "A ignarometria à qual o teu avô dedica tanto tempo," continua Malcolm, "explica como esses dois movimentos de emancipação de que fala Errico Malatesta se podem encontrar para relacionar baixa arrogância com baixa ignorância. A matriz da ignarometria não fala de anarquistas sociais, fala de pluralistas com uma ética cosmopolita e intelectuais anti-poder. Eles não se formam espontaneamente. É preciso educação. Francisco Ferrer e Domela Nieuwenhuis chamaram-na a educação libertária e Célestin Freinet capturou a sua essência quando reviveu a obra de Ferrer na *Escola Moderna* afastando-se da nova escola burguesa e fazendo com que as crianças vivam e trabalhem cooperativamente. Para mim o Grupo Llansol é uma expressão disso. A ideia de tornar o cultivo de alimentos e o preparo de

refeições em conjunto uma atividade inerente aos Grupos da Carta fornece uma base sólida para relacionar o uso coletivo da natureza em vez da propriedade coletiva da natureza, com a tomada de decisões *cooperativas*, em vez da tomada de decisões *colaborativas*.

Malcolm acrescenta que pensa usar o princípio da refeição como ponto de partida nos novos Grupos de Acolhimento de adultos que pretende criar com um grupo de voluntários que deseja assumir a tarefa de acolher refugiados que seguem os Sabedores. Eles decidiram dar a esses grupos de acolhimento o nome de *Círculos de Paulo Freire*.

Entre 121.20 e 121.25 o fluxo de refugiados tanto de Sabedores como de Ignorantes em direção à região entre os trópicos aumenta. Isso aumenta a pressão sobre Os Três Lugares. Outras comunidades locais estão crescendo e os voluntários envolvidos na supervisão de projetos educacionais para crianças e adultos têm muito a fazer.

Duas décadas após a emigração dos mais ricos proprietários de *digits* para sua cidade espacial auto-sustentável o motor económico para. De acordo com relatos em *Pérola Brilhante* e as comunidades à sua volta e informações dos poucos refugiados vindo do Leste para *Paraíso dos Livros*, o Reino do Meio parece ser o último resíduo no mundo onde ainda existe alguma forma de atividade económica baseada no capital e onde bens e serviços ainda são pagos com *digits*.

Em muitos locais de refúgio jovens e crianças chegam sem família. Eles trazem histórias de milícias agressivas e assassinas no que resta das Megapoleis onde a economia de mercado

desapareceu. Malcolm deduz dos relatos que nesses lugares a forma mais precária de anarquia egocêntrica instaura a Lei do mais Forte, onde as figuras principais obrigam outros a roubar, matar e trabalhar para eles. Muitos dos jovens contam como seus pais frequentemente se sacrificaram para lhes dar a chance de escapar de milícias e fala-baratos armados. Sérgio reconhece neles os vários tipos-ideais no canto superior direito do quadro ignarométrico.

Durante esse período, Alika M'Bala chega ao *Paraíso* acompanhada de seus irmãos. Eles terminam assim uma fuga traumática atrás de si. Durante a viagem, o grupo foi atacado diversas vezes e muitos idosos perderam a vida. Alika se estabelece-se na zona leste de *Paraíso* e se junta-se ao grupo de estudos de Alberta N'Kondo e Fernando N'Gô, onde conhece Lahn.

Em *Pérola Brilhante* chega um grupo do continente australiano. Entre eles estão Anui e Taiana Southpath. Algumas semanas após a chegada anunciam o nascimento do filho Keanu.

***

Em *Elysium* os jogadores estão aborrecidos por já não conseguirem se conectar em permanência ao planeta Terra. Os técnicos não conseguem retomar o controle da inteligência electrónica após as intervenções bem-sucedidas da equipa liderada por Arjan Chakma e Henry Pax.

O Governo de *Elysium* está hoje nas mãos de uma figura egocêntrica. Ele reuniu uma espécie de Corte ao seu redor que passa o tempo na organização de festas e orgias. Os gestores das Fundações estão ocupados com a manutenção e o reparo de

partes defeituosas da cidade espacial. O tempo que lhes sobra, investem na busca de soluções para o previsível fim da cidade. De acordo *Elysium* com os técnicos a bordo dos satélites, a cidade espacial está na metade de sua vida útil. Não há muito que se possa fazer a esse respeito. Três cenários surgem: o mais desejado é o retorno à Terra após a continuada diminuição da população mundial. Isso mantém a mineração fora do planeta, na Lua e além, dada a forma como as matérias-primas disponíveis foram utilizadas nos séculos XX e XXI. Um segundo cenário seria a mudança para onde essas matérias-primas estão disponíveis: Marte e a região de asteróides. A terraformação do planeta foi interrompida após a migração dos *Bloomcampers* para *Elysium* mas pode ser retomada a qualquer momento. Isso significa um período de adaptação em cúpulas, como as da Lua. E esse é o terceiro cenário. Enquanto a Terra e Marte continuam a serem locais pouco atraentes, todo *Elysium* pode ir para a Lua. Menos luxuosa, mas menos difícil de manter plenamente operacional do que a cidade espacial cujos gestores de Fundações hoje entendem porque os técnicos, em tempos, tantas vezes abanavam a cabeça diante das especificações megalómanos elaboradas pelos Mais Ricos do Mundo.

Os gestores das Fundações não estão grandemente preocupados com a figura de Calígula que transformou a maior parte da cidade espacial e dos seus habitantes no seu playground e tribunal. As pessoas ainda vivem na ilusão de que o grau de riqueza determina a hierarquia, mas os gestores dos três principais Fundações estão hoje convencidos de que eles, juntamente com os técnicos podem assumir as rédeas a

qualquer momento só porque possuem o conhecimento científico graças àquele pequeno grupo de *Sabedores* que aceitou acompanhar os *Bloomcampers* para o espaço. Talvez também seja paradoxal mas se algo der realmente de muito errado os pacíficos membros da *Rede Global-Z* não serão totalmente hostis à população da cidade espacial. E isso pode ser uma vantagem…

Na Terra os membros de *GNet-Z* concentram quase toda a sua atenção nas comunidades rurais de pequena escala cada vez mais comuns. Todas as comunidades onde existem formas de consulta cooperativa, democracia direta, tomada de decisão conjunta ou outras formas de governo sem um líder definido e onde não existe propriedade individual recebem a designação geral de *Convivialis Civitates*. Os membros de *GNet-Z* e os grupos *Ignarysis* estudam essas diferentes formas com base nos relatórios que chegam aos Três Lugares ou à Base Lunar 2. Há uma diversidade impressionante entre as comunidades, embora dois aspectos sejam evidentes em todos: a gestão conjunta dos recursos disponíveis e a partilha de todos os alimentos, para que não haja excedente, mas também nenhuma superprodução inútil.

Pela primeira vez desde há anos há uma curta conexão simultânea entre Os Três Espaços e a Base Lunar 2. *Paraíso dos Livros* e *Pérola Brilhante* conseguem envolver directamente na conversa todos que querem a partir do seus bairros. Em *Última Rosa* e na Base Lunar 2, grande parte dos habitantes se desloca para o local central para participar da conversa, enquanto lá são feitos arranjos para manter a conversa posteriormente e publicamente disponível para todos os habitantes. A primeira

parte da conversa serve principalmente para trocar informações sobre o conceito *Convivialis Civitates*. As partes interessadas concordam em continuar a trabalhar no mapeamento das comunidades. O acolhimento dos Ignorantes que fugiram das Megapoleis mais violentas também é discutida. Em seguida, há uma conversa mais técnica quando Henry e Carl Pax explicam que graças à colaboração com um grupo de engenheiros guiado por Arjan Chakma em Megameghnapolis, *Elysium* não pode mais alcançar e influenciar directamente a Terra. Isso deve reduzir gradualmente as mais graves epidemias. No entanto Henry acha sensato partir do princípio que mais cedo ou mais tarde os seus colegas em *Elysium* tomarão contra-medidas. É preciso trabalhar para criar uma conexão permanente mas com a qual é impossível de detectar os Três Lugares e a Base Lunar 2. Taiana Southpath participa nesta parte da conversa a partir de *Pérola Brilhante*, Musa Cheboi de *Paraíso¸* e Marie Anne e Carine de *Última Rosa*. Elas mudaram-se de *Sequoia* e formaram-se entretanto como engenheiros. Eles e elas vão trabalhar em soluções em conjunto com suas próprias comunidades. A Base Lunar 2 propõe envolver Arjan Chakma e fornecerá a conexão necessária.

Os moradores de *Paraíso dos Livros* está animada com a reorganização em curso de um número cada vez maior de pessoas de pequenas comunidades. Alberta pensa nos avós e em Greta Campos. Eles teriam acolhido com satisfação essas mudanças. Ela diz a Fernando que está na hora de visitar Gonçalo e Fernanda. Já faz muito tempo que não se encontram exceto nas reuniões em que os Grupos da Carta são discutidos.

No entanto, levará mais algum tempo para se encontrarem novamente em família.
Lahn e Alika tiveram entretanto uma filha. Ela se chama Jamille.

Em 2125 para os habitantes *Sabedores* de *Elysium,* já chega. Os apostadores jogam jogos cada vez mais perigosos. Houve dois incidentes graves, inicialmente considerados sabotagem mas que foram resultado de uma aposta. Por causa disso, parte das residências de duzentos moradores permaneceu inabitável por quase meio ano. Os grandes gestores das Fundações soam o alarme. O Governo ficará sob controle rigoroso e a indústria do entretenimento cria novos mundos virtuais nos quais os jogadores podem permanecer quase indefinidamente.
Mas o supervisor económico também está preocupado. Há quase dois anos a compra e venda de objetos espaciais tem aumentado de forma alarmante. Trata-se de meteoros contendo água e minério partes de luas dos grandes gigantes gasosos enquanto os preços de terras em Marte e Ganímedes estão a disparar. A negociação de propriedades espaciais parece muito ser uma nova especulação tipo bulbos de tulipa [*Ver livro 02 - Uma ideia perigosa, nota de Lev Auctor*]. O sistema penal da Cidade Espacial inclui agora um sistema de serviço comunitário. O trabalho às vezes envolve grandes perigos. Curiosamente, parece ser essa a solução certa para manter a adrenalina dos jovens agressivos das famílias mais ricas sob controle.
A geração mais jovem de gestores das Fundações está a procura de oportunidades para obter mais controle financeiro em *Elysium,* o que também aumentaria o seu poder de decisão. Novos relatórios asseguram a vida útil da Cidade Espacial até

2155. Entretanto há indícios de que os *Sabedores* em Terra estão a construir novas bases lunares. Algo para ficar de olho. Talvez os três maiores Fundações possam unir forças para comprar as terras e as novas cúpulas lunares assim que estiverem utilizáveis...

Na Base Lunar 2, as discussões giram em torno dos planos de de construção de novas cúpulas lunares. Num ambiente onde não existem *digits* não é preciso discutir custos, é claro, só precisam discutir a viabilidade técnica. Há um panorama preciso dos materiais coletivamente disponíveis e das equipas interessadas em explorar novos lugares na Lua. É possível criar 4 cavernas artificiais com explosões controladas de armas poderosas deixadas para trás. Idealmente, haverá 5 bases lunares que serviriam como de abrigo temporário caso uma evacuação maior da Terra fosse necessária. Especialistas em clima, virologistas e sismógrafos continuam bastante preocupados, cada um na sua área. Não está claro como o planeta vai evoluir mas parece que se confirmam observações anteriores de que a área entre os trópicos excluindo as muitas ilhas pode oferecer as melhores oportunidades para a instalação de comunidades rurais. Mas não é possível mover seis bilhões de pessoas sem grandes problemas sociais. Quais são as soluções? É eticamente admissível remover os Ignorantes dos seus complexos, enviá-los à Lua e de lá para Marte ou Ganímedes? E o que se faz às milícias agressivas? Ou é mais ético deixar o planeta para trás e levar a população dos Três Lugares partir junto com uma série de *Convivialis Civitates*? E o que dizer dos grupos de Ignorantes menos arrogantes que acabam em Grupos

da Carta?

Na casa de Jelani Zoungrana nasce o Simba. O grupo com o qual os Zoungranas e também os Chebois consultam creche. E o grupo com o qual cooperam para discutir novas propostas relativas à construção de casas e à criação de hortas. Existe atualmente um acordo geral para não construir casas com mais de um andar térreo com superestrutura. Na prática, esse andar térreo pode ser um pouco mais alto do que o nível do solo, especialmente no lado leste, onde o lago às vezes sobe devido às chuvas. A superestrutura é então uma espécie de primeiro andar alto. Adopta-se um padrão de ruas simples e bastante largas o prevendo uma conexão rápida de metro de superfície no futuro. Por enquanto, as viagens continuam a ser feitas de bicicleta e bicicleta elétrica. Alguns modelos de bicicletas de carga foram adicionados para facilitar o transporte de mercadorias. Entretanto os engenheiros concluíram a produção de um veículo eléctrico para mover infra-estruturas maiores como por exemplo cisternas pré-fabricadas para coleta de águas pluviais. Cada casa inclui um pedaço de terra adequado para o cultivo de hortaliças. Não há limites físicos entre hortas para que os vizinhos possam cooperar facilmente o que plantar e aonde. Facilita a criação conjunto de aves. Para a construção das hortas, os conselhos das comunidades rurais e dos antigos moradores de complexos específicos da Polis é muito útil. Eles contam com uma longa experiência com loteamentos. Outro desafio é a organização da rede de água e energia. A água potável vem do lago e precisa ser tratada. O tratamento é supervisionado por inteligência electrónica. Trabalha-se também num sistema totalmente

automático para a distribuição de água. A instalação de uma rede eléctrica local apresenta sempre muitos problemas técnicos. Uma boa combinação de produção controlada centralmente e instrumentos individuais de captação que podem ser facilmente iniciados e interrompidos absorve regra geral os picos para evitar a sobreprodução que pode colocar toda a rede em risco. Para o espaço central de recolha do Conhecimento e Ciência, onde um sistema computacional mais sofisticado é necessário, geradores de hidrogénio estão atualmente disponíveis.

Arjan Chakma chega com toda a família em *Paraíso dos Livros*. Eles trazem uma riqueza de informações técnicas que Arjan e Samir partilham com o grupo que inclui Musa e Cynthia Cheboi. Arjan explica que alguns de seus colaboradores mais próximos escolheram *Pérola Brilhante* onde querem trabalhar com Taiana e Anui. Eles têm uma série de desafios. O maior deles é concluir os aspectos técnicos da onda portadora permanente entre a Base Lunar 2 e Os Três Lugares.

Antropogogos e sociólogos nos Três Lugares e em comunidades rurais querem muito essa onda portadora permanente para simplificar a comunicação de longa distância. As comunidades de Llansol e Freire estão a estudar em *Paraíso dos Livros* vários aspectos da produção de alimentos, preparação cooperativa de refeições e a recolha de conhecimento sustentável.

Finalmente os engenheiros estabelecem a conexão desejada e relativamente estável utilizando o que hoje é conhecido como MGC (Transportadores Ganímedenses Modificados). O contacto renovado com a comunidade Hunt, combinado com o trabalho

matemático teórico adicional em torno do Teorema de Mestre finalmente deu aos engenheiros a compreensão necessária para usar esses transportadores para levar energia de um sítio para outro. Muitas dúvidas permanecem contudo relativo ao transporte de matéria.

Agora que os contactos são mais fáceis os antropogogos estão a fazer o uso intensivo das novas possibilidades da comunicação permanente para elaborar em conjunto uma espécie de projeto de estruturas de apoio para crianças.

A primeira ideia dos Três Lugares era de organizar os *Livros Vagantes* e os *Protectores de documentos* em grupos lógicos. Não havia obrigação de se estabelecer na zona de conhecimento correspondente ao conhecimento pessoal, mas os recém-chegados eram aconselhados a estabelecer o contacto com os Livros e Guardiões Vagantes de sua esfera de interesse. Após 121.25, todo o conhecimento, literatura e arte preservados e novamente produzido são colocados em diversas suportes nos Três Lugares que continuam a se proteger contra alguns *Cou-Clib-Clans* ainda existentes e *Elysium*.

Há necessidade de estabelecer vínculos entre quem detém conhecimento científico para criar uma visão geral das poucas reservas ainda existentes no planeta e como abordar uma política sustentável com as crianças. E o que fazer com *Elysium*? Agora querem reunir especialistas de diferentes áreas da ciência para obter uma visão geral de quem está disponível para o que localmente, em *Paraíso*.

Emmy e Malcolm participam em quase todas as conversas de caráter sociológico ou antropogogico. Pepe Márquez e Anui

Southpath aparecem no regularmente no grupo. Este último é frequentemente acompanhado por Taiana, cujas intervenções técnicas são muito apreciadas. Lahn e Sang também participam regularmente.

Com a prática nos Três Lugares e em vários *Convivialis Civitates* os antropogogos inferem rapidamente que o vínculo social durante o processo de crescimento das crianças para evoluir seja para cooperação seja para colaboração, depende fortemente da estimulação do ambiente. Para obter uma comunidade convivial forte é muito importante incorporar a cooperação nos Grupos da Carta. Para isso são essenciais as noções de diversidade e de complementaridade.

Existem ideias semelhantes em como estimular a cooperação entre crianças pequenas. Tarefas iguais para todos é uma muito má opção. É muito importante estimular os grupos para buscar soluções com base em problemas concretos. Não existem melhores respostas aqui, mas existem diferentes soluções eficientes dependendo das circunstâncias em que o problema é apresentado. A maioria dos adultos que trabalham com crianças ainda novas descobre que preparar algo em conjunto costuma ser um problema interessante com grande valor educacional, desde que seja possível uma abordagem diferenciada. Emmy e Malcolm fazem muitas perguntas acerca das experiências de outros em relação à preparação das refeições e relatam as suas próprias observações nos grupos Llansol e Freire. No processo, emerge uma descrição do significado antropogógico de preparar e saborear refeições em conjunto. Emmy sugere que isso seja uma espécie de diretriz para a criação de qualquer grupo de

aprendizagem em qualquer ambiente *Convivialis Civitas* existente ou em desenvolvimento. O grupo define-o como o *princípio da refeição.* A ideia está a ser disseminada amplamente entre os habitantes das comunidades rurais participantes e dos Três Lugares. Há cada vez mais relatos de experiências em *Convivialis Civitates* durante as viagens em direção aos Três Lugares. Ao fazer esses relatos os participantes também discutem como estimular grupos de aprendizagem nos quais os iniciadores evitem parecer paternalistas. Cruzam o conjunto de experiências práticas com textos e documentos disponíveis nos Locais Centrais dos Três Lugares sobre participação, anarquismo social e modelos educacionais nos quais os aprendizes são considerados co-autores de seu processo de aprendizagem.

***

[Escrito por Lev]. No 121.27 ou 2128 D.C. na era cristã, vi a luz do dia em *Paraíso dos Livros,* tinham os meus pais Emmy e Malcolm então 26 e 28 anos. É claro que eu, pessoalmente, não me lembro nada deste e dos dois anos seguintes. A minha lembrança mais antiga que não depende de reconto, remonta à visita ao meu grupo de estudos da avó Fernanda que fazia jogos de matemática connosco. Deve ter sido em 121.30 (2131) ou 121.31 (2132). Falaremos disso mais a frente.

Muito do que Maria e eu incluímos nas restantes páginas deste livro é da minha própria memória, do que a minha mãe me contou e do que a minha neta Catherine descobriu enquanto preparávamos os nossos contributos para esta saga.
Naquela época os habitantes de *Paraíso dos Livros* raramente falavam das suas vidas anteriores a *Paraíso.* Abria-se excepções

quando chegavam novos Vagantes. A conversa a seguir é um exemplo. Encontramos a gravação muitos anos mais tarde, após a nossa estadia na Base Lunar e o nosso retorno à Terra. Um dia, o meu pai estava a catalogar cartões de memória nos quais ele costumava registrar os debates com outros sociólogos e antropogogos durante os últimos anos da Pré-Refundição. Este cartão em particular não tinha nenhuma marcação e quando iniciamos o áudio o meu pai soltou um grito de surpresa. Ele disse que era uma espécie de gravação de teste quando tinha dezasseis anos, com a qual ele estava testar um novo equipamento de bolso. Segundo ele, a conversa foi gravada No grupo da Carta no distrito de sociologia de *Paraíso dos Livros*.

Reproduzo aqui a conversa na íntegra.

"Ouvimos de Jelani Zoungrana que querias ser alojado no distrito de sociologia," oiço a minha mãe Emmy dizer. "De onde és?"

"Viemos de Megasul, mais precisamente da região onde ficava a cidade de Toulouse," oiço responder Emile Lector, pai da Sara.

"E por que quiseste vir para cá?" pergunta Malcolm.

"Sempre me interessei por sociologia," diz Claude, mãe da Sara. "E Jelani contou-me que estás a trabalhar na análise ignarométrica. Eu mesmo trouxe alguns textos de Joana Demeester. São artigos que conseguimos salvar do incêndio geral da biblioteca da Universidade de Toulouse, onde Joana passou um ano em sua juventude."

"Conseguiste trazer isso até cá?" pergunta Emmy com a audível emoção na voz. "Que impressionante coincidência e que sorte incrível. Deves saber que sou descendente direta da irmã de

Joana, a Catherine Demeester. Catherine era avó do meu avô materno!"

"Que coincidência, de facto," responde Claude. "Teremos tudo guardado em segurança um dos próximos dias no Local Central. Se quiser, venha comigo para dar uma olhadela no que eu trouxe."

"É engraçado falares de Toulouse", diz Malcolm.

"Sim," observa Emile, "eu sempre ouvi os meus pais referir-se a Toulouse. Eles odiavam aquela nova política que unia as cidades em Megapoleis, divididas em distritos com os quasi perdiam os nomes."

"Os vossos pais também estão cá?" pergunta Emmy.

Há um momento de silêncio depois do qual Emile diz: "Ainda é difícil. Pelo que sabemos, os pais de Claude continuam algures em Megasul. Os meus pais fizeram a viagem connosco. Mas o meu pai morreu no caminho para cá e a minha mãe não quis continuar a viagem. Ela ficou na Comunidade Rural onde o meu pai foi enterrado. Ela disse que prefere ficar lá onde pode sentir a presença dele. Mas obrigou-me a continuar viagem com a família de Claude."

"É Longe daqui?" pergunta Emmy.

"Depende de como viajes," responde Emile. "Ela ficou para trás numa *Convivialis Civitas* perto da grande barragem no Nilo."

"Os teus pais conheciam a cidade antes da criação de Megasul?" pergunta Malcolm.

"Não, eles são jovens demais para isso. Os teus pais também, certo?" Pergunta Claude.

"O avô Sérgio e a avó Inês conheceram-se quando Barcelona já

fazia parte do Megabarça e Londres do Megaludein. Aliás, o avô é neto da Catherine e ele e a avó também conheciam bem a Joana. Conversem com eles sobre Toulouse, eles vão gostar," diz Emmy.

Ouvem-se passos de alguém a entrar na sala. Dá para ouvir claramente a minha mãe a apresentar o irmão dela para quem não o conhece.

Depois o Jacobus pergunta: "Não é em Megasul que as naves espaciais foram ou estão a ser desenvolvidas? Eu trabalho com o neto de Dakari Cheboi, que veio parar aqui através do Condomínio Nougaro em Megasul."

Há uma reacção de grande de espanto e Emílio exclama: "Um *Bloomkamper*? Aqui??"

O meu pai fala em tom tranquilizador: "Esperam-te mais surpresas. Aqui em *Paraíso* não importa de onde se vem e o que se fazia antes de vir cá morar. Vais encontrar ex-milícias nos grupos de aprendizagem e recepção, ex-*Bloomcampers*, muitos Sabedores e muito mais Ignorantes. Claude se o teu interesse em sociologia se estende ao estudo da consolidação de *Convivialis Civitates*, terás muito para onde escolher aqui."

"Bem, bem, *Bloomcampers* em *Paraíso*… quanto às naves espaciais, até recentemente parte era montadas em Megasul em no Condomínio Nougaro," responde Emile. "O meu pai fazia parte da equipa que montava veículos do tipo que os *Bloomcampers* usaram para alcançar *Elysium*. Isso foi antes de ser do conhecimento geral de que maneira grosseira o mundo científico e tecnológico funcionou apenas para os próprios interesses de *Bloomcamp*. Depois dos ricos terem desaparecidos

com os seus *digits*, houve rapidamente uma grande reorganização e engenheiros e trabalhadores especializados assumiram o desenvolvimento de um protótipo avançado que se move numa micro-bolha espacial, para o qual usamos o que já percebemos da gravidade quântica. O meu pai também estava envolvido."

Há um breve silêncio e ouve-se Claude a rir, quando diz: "Sim, Megasul é uma região estranha. A região tem uma longa tradição de organizações mútuas e cooperativas, desde o início do século XIX. Talvez já existam documentos aqui desse período. Conheces algum sociólogo que está a sistematizar a história do movimento trabalhista?"

A pergunta foi aparentemente dirigida ao meu pai, pois ele responde: "Existem alguns deles por aqui, sim. Deves perceber que o meu conhecimento sociológico do mundo exterior ao *Paraíso* é escasso e um tanto distorcido. Eu nasci aqui, como Emmy, aliás. Conheci a comunidade de Bukoba através de Jelani. Conheço alguns viajantes da comunidade de Butiaba que voltaram para lá depois de passar um tempo em *Paraíso*. Eu mesmo estive lá duas vezes. O meu conhecimento do resto do mundo vem da literatura que existe aqui e do que conseguimos reunir a partir do arquivo de *Ignarysis*. Felizmente, este arquivo está gradualmente a crescer especialmente agora que temos uma conexão permanente entre Os Três Lugares."

Ouve-se surpresa na voz de Emile: "Então a conexão permanente já existe? Que bom. Jacobus, interessas-te pela tecnologia de construção de naves espaciais?"

Jacobus diz: "Saí da casa dos meus pais e moro aqui perto, no

distrito de engenharia. Estamos a trabalhar com a Base Lunar 2 num dispositivo muito parecido com o que acabas de descrever. Carl Pax aconselhou-nos a reunir gradualmente tudo nos Três Lugares e que outros trabalhadores especializados viriam. Queres trabalhar com eles?"

"O meu pai sabia mais do que eu assim como dois dos seus colegas que sobreviveram à nossa viagem. Mas, sim, quero fazer parte dessa equipa."

"O que não entendi muito bem," continua Jacobus, "é por que a Base Lunar 2 insistiu em mover todo o trabalho científico e técnico para os Três Lugares."

Claude suspira."Vocês realmente vivem muito mais num *Paraíso* do que podem imaginar. Os *Bloomcampers* começaram a lançar de *Elysium* a operação OPAL intervindo na natureza e os desastres que daí resultaram. A sua influência é limitada já que a estação de comunicações está desativada."

"Por membros de *GNet-Z* que desligaram Lagrange 4," lembra Jacobus.

"Ah, isso já sabes. Tudo bem," continua Claude. "Mas a destruição e a devastação continuam. Megasul é um verdadeiro campo de batalha, nem acreditarias. Embora as milícias não recebem novas armas ou munições, elas matam com o que elas próprias criaram e libertam sem controlo nenhum culturas de vírus ainda existentes. Ouvimos dizer que fazem o mesmo em outros lugares, de Megameghnapolis ao Golfo do México."

Emile então diz: "As milícias querem pôr as mãos em veículos espaciais utilizáveis porque não têm mão de obra ou conhecimento para eles os fabricar. Portanto, os nossos pais

estavam a mover o material e o pessoal o mais rápido possível numa escala global com a ajuda da Base Lunar 2 e da comunidade Hunt. Pudemos usar o RESULT onde ainda estava operacional. Para alcançar *Paraíso* continuamos a usar barcos até a última parte. Como vocês sabem uma melhor conexão está em curso entre as comunidades de Butiaba e Bukoba por terra. *Pérola Brilhante* pode-se alcançar facilmente por barco e a comunidade de *Última Rosa* está a dar os retoques finais num caminho de ferro da costa até San Juan."

"Mas as milícias da Polis querem ir para o espaço?" pergunta Jacobus.

"Durante uma geração, os *Bloomcampers* depois de chegar a *Elysium* continuaram a enviar propaganda aos Arrogantes Ignorantes, os Cou-Clib-Clans e os líderes das milícias," responde Claude. "Sabes que em *GNet-Z* existe algum consenso de que os *Bloomcampers* com os números de maior valor continuam a fantasiar em despovoar o planeta e de seguida recriá-lo como uma espécie de enorme jardim. É por isso eles continuam a manter essa relação tóxica com pequenos grupos de Sabedores. Mas os seus seguidores são cada vez menos. Hoje uma comunidade cada vez maior de Sabedores está a mostrar como podemos realizar projetos sustentáveis sem recorrer ao poder ou ao dinheiro mas apenas dialogando, fazendo debates e formando de grupos de trabalho. O número de seguidores de *Bloomkamp* continua a diminuir. Também estamos a tornar-nos cada vez mais criativos no uso de matérias-primas raros. E as viagens de drones na micro-bolha espacial permite em pensar em minerar o promissor cinturão de meteoros onde trabalhamos

cada vez mais na interação entre a inteligência electrónica e a biológica. Até agora, tudo bem. Mas devemos permanecer atento para com os *Bloomcampers*."

"Às vezes, acho que eles simplesmente tiram as suas ideias de histórias antigas de ficção científica," observa Malcolm. "Agora com aquela ideia de jardim. Lembra muito o romance de Philip Dick *A penúltima verdade*. Talvez ninguém leu o último capítulo."

"Por que dizes isso?" pergunta Emmy.

Se bem me lembro, naquele livro os poderosos dividiram o mundo em vilas com jardins e a humanidade vivia por baixo da terra. Eles são levados a acreditar que há uma guerra mundial em andamento e que a vida na superfície é mortal. Mas, no final, as coisas dão pelo torto para os poderosos quando eles são desmascarados.

"Boa. Mas minha pergunta era mais geral."

Malcolm parece falar com Emmy quando diz: "Fiz algumas pesquisas no nosso Local Central porque a tua mãe uma dia falou do *WARP*. A busca por viagens espaciais rápidas parece ser uma mistura da imaginação criativa de cientistas e escritores de ficção científica. Muitos escritores de ficção científica eram cientistas. As investigações da tua mãe são parcialmente baseada em ideias da série de ficção científica Star Trek, que foi muito popular no século XX d.C. Sabemos há muito tempo que os *Bloomcampers* foram buscar o nome de *Elysium* para sua cidade espacial numa outra história de ficção científica. A EuroBrussels deu o nome de Bradin ao complexo universitário da Megabelgium pensando numa série de ficção científica de

Felix Thijsen sobre a vida do explorador espacial Mark Stevens. A organização do *Cou-Clib-Clans* é claramente inspirado em Fahrenheit 451 de Ray Bradbury. Até os Sabedores foram inspirados por ele quando cunharam o termo *Livres Vagantes* para aqueles que fugiram para um dos Três Lugares. E o nome *Paraíso dos Livros* não está alheio a isso. E agora que estamos falando de nós, sabemos que James Hogan foi o pai espiritual de Victor Hunt. Mas sabemos muito pouco sobre a vida do próprio Victor. Falamos do Hunt Jr. sem saber se ele é mesmo um descendente de Victor Hunt. Sabemos das pesquisas de Hunt e de seu contemporâneo Danchecker que apresentaram evidências conclusivas da existência de inteligência não terrestre. Aqueles que estão envolvidos com pesquisas no espaço-tempo falam da tecnologia de Ganímedes mas ninguém sabe realmente onde fica a fronteira entre o que a comunidade Hunt sabe, domina e faz, e onde começa a fantasia do pai espiritual de Victor Hunt."

Jacobus e Emile riem e começam simultaneamente: "E no século passado…"

Eles riem de novo. Jacobus diz: "Diz, Emile."

Então Emile diz: "No século passado havia outra série de grande sucesso, chamava-se *Guerra nas Estrelas*."

Todos os presentes começa a rir e depois Emmy diz: "Felizmente essa história começa com '*há muito, muito tempo, numa galáxia muito, muito distante, houve uma vez…* Os nossos *Bloomcampers* talvez levaram isso à letra e tiveram preocupações mais próximas de casa. Imagine se, em vez de *Elysium,* tivessem desenvolvido uma *Estrela da Morte*…".

Depois de ouvirmos a gravação, o meu pai contou-me que a notícia da melhoria nas conexões entre a comunidade de Butiaba e o grande lago, perto da comunidade de Bukoba se espalhou rapidamente. Pessoas de todo Erebúm e Waçúm Central estavam a caminhar para lá e, no seu rastro, mais pessoas Ignorantes dos Poleis viajavam em direção a *Paraíso dos Livros*.

Ele via rapidamente dois problemas.

Havia os grupos urbanos agressivos, claro. Eles próprios não tinham interesse em rumar para as áreas equatoriais, pois presumiam que entrariam em frequente confronto com milícias rurais mais bem organizadas que conheciam melhor a região e, portanto, poderiam facilmente superá-los e forçá-los a realizar trabalhos forçados. *GNet-Z* não espalhava tais histórias mas também não as contradizia. Geralmente, bastava dar rédea solta à imaginação das milícias em condomínios e conjuntos urbanos abandonados.

Mas mesmo com os menos agressivo podia haver problemas. A maioria dos Ignorantes menos agressivos só buscava condições de vida mais fáceis. Com eles, era necessário combater gerações de desinformação. À medida que a educação e a instrução foram substituídas por um fluxo incessante de mensagens curtas, primeiro por meio de dispositivos individuais como smartphones e, gradualmente, apenas por meio de *outdoors* electrónicos omnipresentes, desenvolveram-se novos mitos e, com isso, as pseudo-ciências tomaram grandes voos. O medo do desconhecido foi tal como no passado, novamente superado com contas de fadas, deuses e fórmulas mágicas. Nos últimos

cinquenta anos assumiram a forma de avatares alienígenas e o renasceram todo o tipo de encantamentos mágicos. Além disso, a maioria dos fugitivos veio por próprios meios. *Convivialis Civitates* envolveram-nos gradualmente na tomada de decisões em cooperação. Muitos deles, ou os pais deles, tinham assinado o termo de Não-Participação. Muitos dos jovens, simplesmente nunca foram envolvidos na tomada de decisões ou tinham tido a oportunidade de realmente desenvolver os seus interesses. Meu pai contou-me como às vezes era difícil fazer contactos iniciais, dissipar suspeitas ou desfazer ilusões místicas sem assustar as pessoas. Novos Grupos de Afiliação tinham que ser criados constantemente em muitas das rotas de fuga especialmente na vizinhança dos Três Lugares e integrados com os grupos locais que estavam construindo uma nova vida na região entre os trópicos.

O meu bisavô materno Sérgio Mestre sintetizou, com 82 anos, as sociedades existentes no século XXI em função da matriz ignarométrica. Seria com base nisso que a minha mãe trabalharia mais tarde no seu esquema para o nosso século nos anos seguintes, dando à matriz ignarométrica alguns novos tipos-ideais.

Alguns anos depois de sua chegada em *Paraíso dos Livros* Emile e Claude tiveram a Sara. Muitos anos depois, eu descobriria que Alika e Lahn tiveram Kendi pouco antes. Não me lembro me ter cruzado com ele na juventude antes de partirmos para a Base Lunar 2.

Mais tarde, quando fui aceito num Grupo da Carta, os meus pais contaram-me como, naquela época, a Base Lunar 2 estava a

instalar Bases Lunares adicionais, compostas por cubos interconectados. As bases podiam ficar até a mais de 200 km de distância umas das outras. Pois, durante a construção, era preciso ter cuidado com as explosões para preparar a parte por baixa da terra. O trabalho da Base Lunar 3 foi parcialmente coordenado por Carl e Jane Pax. Muito mais tarde iria conhecer a sua filha Paula. Os moradores da Base Lunar 1 presumiram, na época, que a extensão era necessária porque poderia haver problemas no futuro com os satélites de *Elysium*, ou mesmo com os dispositivos automatizados de vida no próprio *Elysium*.

Eu tinha três anos quando nasceu o meu irmão Leon. Naquele mesmo ano, a minha bisavó Inês faleceu. Foi um duro golpe para meu bisavô. Ele passou grande parte do tempo anotando acontecimentos da vida que viveram juntos. As suas anotações foram uma grande ajuda para Pablo e Sayen [Ver *Arrogância e Ignorância*]. Segundo a avó Fernanda, o bisavô Sérgio já só tinha algum interesse pelos Grupos de Carta nos quais participavam os seus bisnetos.

Os meus pais tinham muito que fazer na época, sobretudo com a educação de adultos. Os Três Lugares tornaram-se verdadeiros consultores para muitas comunidades rurais. Quem se ocupava dessas tarefas era muito cuidadoso. Repetia-se constantemente que os Sabedores que a morar aqui apenas compartilhavam o Conhecimento armazenado nos Locais Centrais. De resto, Paulo Freire e tudo o que foi escrito depois dele, primeiro no contexto da pedagogia crítica, depois no contexto da antropogogia crítica e institucional, foram fonte de inspiração para os debates sobre como levar um planeta de Ignorantes a tomar novamente prazer

na aprendizagem. E, claro os Grupos da Carta não chegavam a todos. Mais sobre isso depois.

Ja disse que os meus pais e as equipas com as quais trabalhavam tinham duas grandes vantagens em relação aos Grupos da Carta graças ao desaparecimento de sistemas baseados em *digits*.

A primeira foi que no *Convivialis Civitas* em proto-*Convivialis Civitates* não havia economia de mercado. Em todas essas comunidades havia um ponto de partida que consistia pelo menos na troca de bens e muitas vezes já no uso conjunto e não na posse individual ou colectiva de bens.

A segunda foi que, em cada grupo de aprendizagem, era possível estabelecer logo a partida a falsidade da oposição Sabedores-Ignorantes, um legado da maneira como as sociedades proprietárias construíam hierarquias entre as pessoas. Em cada grupo de aprendizagem, era fácil ter uma visão geral do que cada membro do grupo conseguia fazer e sabia, e o que cada membro do grupo não conseguia fazer e não sabia. Não existe adulto que não sabe nada. Dessa forma, a leitura e a escrita foram trazidas às suas devidas proporções em termos da capacidade humana ao lado da fala, do canto, da criação de aves sem os pintos morrerem logo, da manutenção de uma horta em boas condições. Segundo os meus pais foi muito interessante redescobrir a utilidade de ter um ex-professor universitário e doutor em medicina a trabalhar juntos com alguém que sabia lidar com os sintomas de doenças numa comunidade rural com base em produtos naturais que não haviam sido sintetizados em medicamentos. Esse tipo de colaboração não só teve vantagens importantes para o inverno

vulcânico, mas mais tarde foi fundamental para estabelecer novos processos de fabricação como os conhecemos hoje.

***

[*Não experimentado pelo próprio Lev*]. Simba Zoungrana tem agora cinco anos e integra um dos Grupos da Carta nos quais Emmy intervém. Faisal nasceu na casa de Samir Chakma. Samir já contactou matemáticos e cientistas da computação, tanto em *Paraíso dos Livros* como à distância. Ele contacta alguns dos antigos colegas do pai. Juntamente com os físicos teóricos e os engenheiros da Base Lunar 2, eles discutam a possibilidade de construir um acelerador de partículas na Lua, agora que o futuro do uso de instalações semelhantes na Terra está mais do que incerto.

A família FujiLebre passou por momentos muito difíceis. Tudo começou há cinco anos, quando a elevação do nível do mar Mediterrâneo trouxe grandes mudanças à região do delta onde Jan e Chantal FujiLebre viviam. A linha da maré alta tomou conta de pântanos salgados e dos sapais. Isso criou uma planície irregular de quilómetros de extensão com depressões profundas, nas quais a água do mar em ascensão atinge em certos pontos, velocidades de até 20 km por hora. Essas mudanças de circunstâncias, que também podem variar de mês para mês, faz da colecta de frutos do mar uma atividade muito perigosa. O infortúnio abateu sobre a família FujiLebre. Piet e Helga foram surpreendidos durante uma colecta e ambos afogaram nos redemoinhos formados pela rápida subida das águas. A situação se deteriorou na região do *Mas do Petit Jean* onde milícias mais agressivas se estabeleceram recentemente. Assim, Jan e Chantal

decidem de se mudar mais para o sul. Ouviram regularmente de outros viajantes que existem centros de recepção mais tranquilos no Continente de África [Alkebulan]. Eles embarcam na viagem com mais dois casais. A travessia de barco pelo Mar Mediterrâneo é bem-sucedida. Mas então começa uma jornada infernal a pé, sempre perto da costa na direção leste. Por três vezes encontram uma comunidade local. Numa dessas comunidades chegam a passar mais de um ano antes de decidirem partir novamente em busca de melhor. Cinco anos depois finalmente chegam a uma comunidade onde fazem amizade com um grupo de viajantes que lá hospedados. O grupo inclui três filólogos originários de América [Abya Yala]. Eles contam que chegaram há cerca de trinta anos como jovens investigadores para uma reunião num complexo universitário no Delta do Nilo. Após a reunião descobriram que não conseguiram voltar para casa porque todo o tráfego marítimo tinha entretanto sido interrompido. Posteriormente descobriram que a suspensão coincidiu com o pico de viagens para *Elysium*. Por fim estabeleceram-se no Delta do Nilo, onde viveram por um longo tempo ajudando *GNet-Z* na orientação de refugiados. Agora, eles quase terminaram a ajuda em dois Grupos de Apoio na comunidade rural onde estão hospedados no momento.

Jan diz saber muito pouco sobre a história da família. Sabe apenas que seu avô veio do Norte. Ele e Chantal ficam felizes por poderem relaxar e preferem ficar com os filólogos e ajudar no que podem. E assim Chaytan nasce algures numa pequena comunidade rural, durante a busca da família por uma comunidade acolhedora. Quando Jan pede um nome que

também homenageie os seus novos amigos, o mais velho dos dois filólogos sugere *Chaytan*, que na língua original de seus ancestrais se refere a uma ave de rapina. Ele contém uma promessa simbólica de dar ao portador do nome uma visão aguçada do que acontece a sua volta.

***

[Lev continua]. A partir de 121.32, os meus pais Emmy e Malcolm trabalharam num importante programa de apoio à cooperação com os Ignorantes. Isso foi feito em conjunto com outras comunidades rurais. Eles tinham conferências contínuas com *Última Rosa* e *Pérola Brilhante*. Durante aqueles meses, Pepe e a minha mãe trocaram muitas informações.

Chaytan devia ter cerca de dois anos quando chegou com seus pais Jan e Chantal em *Paraíso dos Livros*. Os filólogos que viajaram com eles estabeleceram-se no distrito linguística e Jan e Chantal ficaram numa casa no seu bairro. Não muito tempo depois a minha mãe teve uma série de conversas com um grupo de filólogos. Foi na altura em que se debatia a reformulação dos nomes dos meses para os encaixar de certo forma na filosofia de um calendário holoceno. Assim, o início do ano seria deslocado para um dos dois equinócios. Alguém propôs uma numeração simples dos meses. Isso levantou a questão de saber se seria possível voltar o máximo possível à origem da nomeação dos números de 1 a 12. Durante uma das conversas, Jan e Chantal estavam presentes com o pequeno Chaytan e receberam um convite para visitar o Grupo da Carta, do qual eu também fazia parte.

Eu não tinha ainda seis anos quando o meu bisavô Sérgio

morreu. Lembro-me de muitas lágrimas em casa da minha avó Fernanda e da minha mãe. Lembro-me vagamente de ter ficado decepcionado um dia, porque não foi a minha avó quem veio jogar o jogo de matemática connosco mas um homem barbudo cujo nome não me consigo lembrar. Muito mais tarde, graças as pesquisas feitas por Maria e Catherine, entendi que deve ter sido logo após a morte de Sérgio Mestre quando a minha avó visitou Alberta N'Kondo. Talvez eles conversassem sobre o passado e talvez também sobre filhos e netos. Mas isso é especulação. Não encontrámos nada escrito excepto alguns rabiscos num pequeno caderno da minha mãe. Foi quando revisamos tudo que pertencia aos meus avós e à minha mãe, alguns anos após de encontrar a Casa Biblioteca Paulo Demeester nas ruínas de Megalissipo para tentar interpretar certos achados. Houve outra menção a uma visita de Alberta, dois anos depois.

Uma palavra que frequentemente surgia nas conversas entre meus pais, Jelani e amigos do grupo Ignarysis do meu pai era a palavra *Errantes*. Eu conhecia-os como pais de novos amigos que costumávamos acolher no nosso grupo de estudo enquanto os seus pais aparentemente tinham os seus próprios grupos de estudo. Os *Errantes* eram simplesmente Ignorantes que, durante suas andanças entraram em contato com os *Livros Vagantes*. É claro que estes estavam principalmente preocupados em chegar o mais rápido que possível a um dos Três Lugares. Os *Errantes* não costumavam ter planos específicos. Alguns deles eram muito hábeis em lidar com todos os tipos de obstáculos e dificuldades que encontravam no seu caminho. Entre os *Livros Vagantes* por outro lado havia muitas vezes ex-iniciadores de

Grupos de Carta. A cooperação entre *Errantes* e *Livros Vagantes* frequentemente dava bons resultados.

Muito mais tarde, descobri que os avós há muito perdidos de Kendi e Jamille faziam parte de um grupo de *Errantes* que chegou à margem do nosso lago. Kendi devia ter uns sete anos na época. Ele contou-me recentemente que ainda se lembra da emoção do reencontro em criança quando a mãe e os avós a quem chamava de *Pai e Mãe* como sua mãe fez. Naquele período de fuga e busca por comunidades rurais, perder alguém durante a viagem era normalmente para sempre.

***

[Não vivido por Lev e Maria]. Em *Elysium* surge uma nova crise. Os gestores das Fundações falam do *Terceiro Grande Tédio*. Cada vez mais jovens causam tumultos e confundem Realidade Virtual com Realidade. Mais uma vez as suas ações estão a colocar a Cidade Espacial em perigo. Como resposta imediata os gestores das Fundações enviam os maiores perturbadores para dois satélites auxiliares onde são mantidos presos numa camisa de forças química. Mas existe um crescente grupo de jovens descontentes que nasceram na Cidade Espacial e que sempre ouviram promessas de que iriam ter espaço ilimitado num futuro próximo, assim que os *Bloomcampers* voltassem à Terra. O Terceiro Grande Tédio pode rapidamente escapar a todo o controle. Os gestores das Fundações contactam discretamente *GNet-Z* para perguntar como se livrar dessas figuras, possivelmente enviando os para Marte ou Ganímedes, como já fizerem no passado.

Trata-se de uma conversa entre um satélite de manutenção de

Elysium e uma pequena cúpula lunar anexada à Base Lunar 1. Os representantes de *GNet-Z* declaram claramente que não está em conformidade com a sua forma de estar de decidir *sobre* pessoas, mas que podem contribuir para uma educação *com* jovens de *Elysium* para realizar trabalho humanitário significativo em qualquer lugar onde haja presença humana. Isso até pode ser na Terra, mas, nesse caso, eles trabalhariam sob supervisão constante e após um período de readaptação à gravidade. O treino usaria os jogos de Realidade Virtual e, gradualmente, passaria para o treino presencial. Isso pode ser feito em *Elysium*. Mas, se os gestores das Fundações assim preferirem também podem procurar lugares na Lua, Ganímedes ou Europa. Os corpos de todos que nasceram na Cidade Espacial nunca conheceram nada além de uma 'falsa' gravidade causada pela rotação. Mesmo com a gravidade em Marte, que é apenas um terço da da Terra os habitantes nativos de *Elysium* não conseguem sobreviver sem um período de treino e adaptação cuja duração é para já desconhecida.

No ano de 2134 D.C. (121.35) Halley está de volta. O cometa aproxima-se da Terra a uma distância de apenas 0,09 unidades astronómicas (sempre são aproximadamente 13 milhões de quilómetros)! Uma passagem tão próxima da Terra não ocorreu desde as aparições em 374 e 837 D.C.. A visibilidade do Cometa Halley é muito mau no Hemisfério Norte. Em 7 de dezembro de 121.33, o dia de maior aproximação da Terra, a declinação do cometa é de -77°. Isso significa que o Cometa Halley é naquele dia só visível no Hemisfério Sul. Mas os dias antes e depois são bastante espetaculares em todo lado.

E dão um enorme impulso àqueles que estão convencidos de que é melhor cometer suicídio em massa agora que o apocalipse se tornou realidade.
A lamentável Ignorância ataca novamente.

Um escurecimento iluminante (2135-2136)

O avô Gonçalo morreu inesperadamente aos 65 anos. Eu tinha 8 anos na época e lembro-me de como a avó Fernanda e os meus pais ficaram devastados com o acidente no lago. Perto da margem, havia um barco a chegar com *Errantes*. O barco virou-se sob uma repentina chuva muito forte. O grupo de pescadores na praia foi imediatamente socorrer as pessoas. O meu avô estava entre eles e provavelmente perdeu a consciência quando um galho de árvore caiu e lhe atingiu na cabeça. Ele estava de pé na água para levar até a praia pessoas em risco de se afogar. De acordo com testemunhas oculares a momentânea cortina de chuva tornou tudo invisível e levou-se algum tempo até dar pela sua falta. Quando a chuva parou o corpo dele foi encontrado um pouco mais adiante na praia. Até aos meus dez anos tive pesadelos nos quais a chuva sempre desempenhava um papel. Também me lembro, durante esse período, visitar a avó Fernanda todos os dias. O avô Gonçalo e ela eram muito conhecidos no Paraíso dos Livros porque estavam envolvidos há muito tempo no seu desenvolvimento e organização. A tia-avó Joana e o tio-avô Elton viveram lá em casa por uns tempos. Pelo caderno da avó Fernanda, também sabemos hoje que Alberta N'Kondo e Fernando N'Gô a visitaram naquela época.

Pouco depois desse desastre familiar, houve um aumento acentuado de chegadas de *Errantes*. Os meus amigos e eu conversamos sobre isso porque, de repente, muitos pais estavam preocupados. Eram os meses entre os equinócios de Sedmomehns 121.36 e Phromehns 121.37. À chegada os

caminhantes trouxeram notícias do colapso total do Grande Governo e do aumento brutal da violência em todas as Megapoleis que ainda existiam. Também se falava de massacres generalizados que levaram ainda mais pessoas a fugir. Embora, segundo meus pais, a situação nas Megapoleis preocupasse os Três Lugares há muito tempo, a Passagem de Halley e um simples eclipse solar um ano depois foram suficientes para derrubar tudo. Os astrónomos é claro tinham previsto a passagem e o eclipse há muito tempo. O último foi completo em certos lugares de *Zona 2* em 7 de setembro. Era visível na parte central do Erebúm. O eclipse desenhou uma faixa preta com largura entre 170 e 230 km sobre o arquipélago integrando Megaludein e mais adiante sobre Megabelgium e todas as Megapoleis em direção ao Mar Negro, Oriente Médio, terminando perto de *Pérola Brilhante*.

Os Arrogantes Ignorantes e os Agourentos Místicos que governavam muitos comunidades reforçaram com o eclipse os sintomas clássicos de medo do ano anterior entre a população ignorante e cada vez mais pobre. Aqueles que ainda possuíam alguma forma local de dinheiro ou objetos valiosos trocaram-nos por 'proteção'. A enorme onda de pânico foi o golpe final para transações de *digits* com uma exceção em algumas partes do Reino do Meio. As Bases Lunares 2 e 3 e *Pérola Brilhante* confirmaram o desestabilizar geral.

O que eu não sabia conscientemente na época, mas vivenciei, é como Pepe Márquez e Tala Quispe lançaram um chamada à partir de *Última Rosa* para um grande debate entre as *Convivialis Civitates* para discutir como combater o obscurantismo, o

fatalismo, o derrotismo e a arrogância destrutiva associados. Enquanto crianças tínhamos, portanto, consciência de que os adultos estavam a enfrentar algo de sério. Lembro-me bem como pouco depois de completar 9 anos, o nosso Grupo da Carta conversou com outros grupos em outros lugares por meio de uma boa conexão de feixes. Ainda me lembro de como, no nosso grupo, o pai e o avô de Faisal Chakma, os meus pais e a mãe de Amadu Cheboi nos vieram ajudar. Lembro-me vagamente de uma conversa com outras pessoas estranhas num ecrã gigante. Havia nomes como Anui e Mei Kato. Também conversamos com outras crianças. Lembro-me do nome Keanu. E também vi Miguel Márquez na companhia de alguém chamada Aiyana. Lembro-me de uma mãe na Base Lunar 2 com a sua filha no colo. Penso term sido Jane Forrest e Paula Pax. Fizemos pequenas experiências. Um dia, observamos o ângulo em que os raios de sol incidiam sobre cada uma das nossas zonas de residência. Os adultos ajudaram-nos a calcular a circunferência da Terra tal como o fez Eratóstenes quase 2.400 anos antes de nós. Fizemos relógios solares e comparamos as nossas observações.

Houve um momento especial quando um dia uma figura estranha apareceu. Alguns adultos chamavam-no de Victor, outros de *Hunt Terceiro*. Alguns anos depois, quando estávamos na Base Lunar, conversei com minha mãe sobre isso. Ela me disse-me que houve sempre uma espécie de véu e de mistério em torno da comunidade Hunt desde a origem dos Três Lugares. A pessoa que aparentemente causou alvoroço naquele dia era, segundo alguns, descendente de Victor Hunt, mas,

segundo outros, a própria comunidade era o legado daquele cientista sem filhos. A minha mãe também me contou então que a avó Fernanda tinha trabalhado muitos anos em interpretações matemáticas do espaço-tempo e que entre os seus antigos colegas havia ideias muito peculiares sobre a percepção relativa do espaço e do tempo que permitiam outras hipóteses ainda mais exóticas. O espaço-tempo continua a ser um enorme desafio científico.

A minha mãe disse-me lembrar-se de um momento muito especial nos Grupo da Carta. O efeito de um simples eclipse fez com que todos os antropogogos envolvidos nos grupos de aprendizagem enfrentassem o crescente obscurantismo. Os *Errantes* e os *Livros Vagantes* estavam na primeira fila para trabalhar juntos com mais firmeza. Sem economia de *digits* finalmente ficou mais fácil retirar os Ignorantes à manipulação dos místicos. E aqueles que pensavam possuir riqueza tinham pouco poder no planeta Terra onde era felizmente hoje em certo sentido, inatingível. Uma diretriz geral emergiu dos debates de que cada *Convivialis Civitas* acolheria pessoas Ignorantes e as convidaria a se documentarem e a aprender a verificar as fontes de tudo o que lhes era dito. Isso foi de grande ajuda para aprender a distinguir entre três coisas a pura ficção inventada, os dogmas baseados em certos cânones e a ciência falsificável baseada em hipóteses. Nesse trabalho comum, a aprendizagem dialogada parecia assumir um lugar cada vez mais central.

[Não experimentado pelo próprio Lev]. Varun Sampath vivia numa comunidade relativamente pacífica até que o eclipse solar lançou parte da sua comunidade na completa histeria. A

comunidade foi quase exterminada por uma sociedade fanática cujo líder acreditava que todos os Ignorantes que não fossem soldados do apocalipse deveriam deixar a Terra imediatamente para desfrutar da Paz Eterna. Mesmo antes de sua família passar a desfrutar dessa Paz talvez eterna mas certamente sangrenta, ela consegui fugir pela água. Poucos dias depois, uma espécie de eremitas num pequeno oásis acolheu a família até recuperar forças. Então, eles decidiram se aventurar na jornada em direção à zona de arborização entre áreas desérticas e vegetadas. Essa zona de plantação foi uma estratégia de comunidades rurais para criar áreas habitáveis em todo o continente Alkebulan, a meio caminho entre o Trópico de Câncer e o Equador. Ao fazê-lo, eles se aproveitaram dos restos dum projeto anterior fracassado quando se tentou estabelecer um muro verde há cerca de cem anos.

Eclipses e cometas não são propriedade exclusiva de um continente. Não são controlados por poderes desconhecidos, por mais que os Novos Místicos gostem de proclamar isso às massas totalmente ignorantes que receberam apenas instrução elementar online e nunca tiveram a oportunidade de serem incluídas em Grupos de Carta ou outras comunidades de aprendizagem.

No Continente Abya Yala, pequenos grupos errantes surgiram liderados por Místicos com previsões apocalípticas. Assim como nos Continentes Erebúm e Waçúm, muitos ex-milícias e membros dos *Cou-Clib-Clans* juntaram-se a esses grupos. *Pérola Brilhante* e a Base Lunar 2 enviou confirmações de que esta enorme onda de desorganização agora também chegou ao

Reino do Meio. O último lugar na Terra onde os bancos ainda tinham *digits* foram destruídas em parte porque os próprios bancos se tornaram insolventes. As reservas materiais de matérias-primas que garantiam os meios de pagamento digitais foram utilizadas na fabricação de instrumentos e o restante foi ocultado por membros de *GNet-Z* desde que *Bloomcamp* perdeu os seus empreendimentos comerciais quando desapareceu a comunicação regular entre *Elysium* e a Terra.

Na cidade-espaço, as informações sobre o que aconteceu na Terra como resultado de uma simples passagem de cometa e um eclipse solar são ouvidas e analisadas com grande descrença. Hoje, as pessoas percebem as enormes consequências da hierarquia rígida e da manutenção do Grande Governo arrogante para continuar a concentrar a riqueza nas mãos de poucos. Embora os analistas de *Bloomcamp* apontaram de forma constante os grupos de *Ignarysis* como inimigos do modelo capitalista — o que não é inteiramente correto — e rejeitaram sempre as propostas bregmanianas como perigosas para a evolução económica do planeta [Veja *Arrogância e Ignorância, nota de Lev Auctor*] eles devem agora admitir com relutância que a conversão dos sistemas escolares em plataformas online para instrução individual foi um efeito colateral desastroso das políticas seguidas desde o surgimento dos complexos nas Megapoleis até a saída do *Bloomcampers* para a cidade espacial.

Os irmãos Mestres estão com cerca de sessenta anos. Como todos os outros na cidade espacial e os seus satélites de trabalho, eles têm uma actualização atrasada da situação na Terra. Eles também ficam incrédulos ao saber que também no Reino do

Meio a última atividade económica desapareceu. Aqueles que como eles passaram mais da metade de suas vidas praticamente presos nos satélites de *Elysium* sentem uma espécie de amarga satisfação ao constatar que a população da Terra continuou a meter-se em problemas, mesmo depois de acabar com as actividades mais pérfidas dos jogadores de *Elysium* durante o *Primeiro Grande Tédio*. Mas os acontecimentos mostram também que sua geração pode nunca conseguir retornar à Terra. Rapidamente o medo e a raiva fazem-nos integrar um grupo de jovens técnicos com quem mantêm contacto regular a partir da sua função no satélite. Estes querem assumir a gestão da cidade espacial depois de uma revolta local. Mas os espiões dos Gestores das Fundações descobrem o que se passa. E embora esses gestores querem muito livrar-se do 'grupo Calígula', não podem permitir revoltas dessa magnitude. Todo o grupo de rebeldes ruma para as luas de Júpiter numa nave de bolha espacial experimental. Não apenas eliminam um perigo potencial pela raiz, mas banir todo o grupo também permite um primeiro teste a partir da cidade espacial de uma longa viagem em tal nave espacial. Continua a ser uma jornada de pouco mais de dois anos e, claro, muitos problemas podem surgir ao longo do caminho. Se a jornada for bem-sucedida, dará um impulso aos planos para evacuar *Elysium*. A população ainda existente nas partes habitáveis do planeta Terra deve ser evacuada para o espaço, de preferência sem os matar todos, após de que os *Bloomcampers* irão retomar posse dela e transformá-la numa área natural escassamente habitada.

Um novo inverno vulcânico (2137-2139)

Jelani Zoungrana, Pepe Márquez, Mei Kato e o meu pai debateram anos mais tarde, as implicações do curto período de tempo entre as reações desencadeadas pelo cometa e o eclipse e a violenta atividade tectônica que eclodiu quase dois anos depois. Os três fenómenos naturais juntos não só fortalecerem ainda mais as histórias sobre o Fim do Mundo entre os grupos de comunidades nómadas do que em todos os períodos anteriores da humanidade, como foram frequentemente muitíssimo sanguinários. Eles também fortaleceram a vontade dos *Errantes* que com *Livros Vagantes* e os *Convivialis Civitates* entraram em contacto uns com os outros para se livrar do manto da ignorância.

Mas o que realmente aconteceu? Eu tinha dez anos quando ouvimos no nosso grupo de estudo como uma espécie de reacção em cadeia de três erupções vulcânicas e intensa atividade tectônica em zonas onde a mineração subterrânea profunda tinha criado túneis artificiais cobriram grandes partes do céu no Hemisfério Norte com uma camada cinza constante de poeira e cinzas.

Recebemos a visita de dois adultos que se dedicaram à pesquisa sismológica durante muito tempo e com quem meu avô Sergei instalou instrumentos sismológicos em *Paraíso* e outros locais. Eles explicaram que essa atividade tectônica não era completamente inesperada. Fiquei fascinado com o que eles explicaram sobre o movimento das placas continentais. Eles também nos contaram como a busca profunda por minerais

talvez reforçou com tensões criadas artificialmente as tensões naturais existentes em certos locais da Terra, aumentado assim a força explosiva dos gases liberados pelo magma.
Também lembro-me bem de como, quando éramos crianças, ficámos entusiasmados com a palavra *inverno* vulcânico até que entendemos que tal *inverno* não nos traria neve. Não sei exatamente como sabíamos o que era neve, mas suspeito que lemos histórias que falavam sobre ela.
Outra coisa que nós, crianças, realmente apreciamos foi a conclusão do primeiro e do segundo anel interno do metro de superfície (a futura rede GAT). Entre os dois anéis internos, estavam agora a instalar as correspondências diagonais. Gostávamos especialmente do facto de chegar muito mais depressa do que de bicicleta ao Local Central onde podíamos visitar a cinemateca. Também visitávamos com frequência outras partes do *Paraíso dos Livros*. Geralmente eu ia nessas visitas com meu irmão Leon e com Simba Zoungrana, que era dois anos mais velho. Faisal Chakma tinha apenas sete anos, mas quase sempre se juntava a nós. A mãe dele era uma das nossas supervisoras regulares. A partir de certo momento, Fara, de seis anos, por quem todos nós nos apaixonámos, fazia parte do grupo.

Enquanto cubramos assim todo o território de *Paraíso* a minha avó Fernanda preparava-se para mais uma viagem decisiva e isso pela segunda vez na vida dela. Entretanto envolveu o seu grupo de trabalho dos Três Lugares investigando as possibilidades reais de combinar o controle magnético dos mecanismos de propulsão com as bolhas de espaço-tempo

criadas por ela mesma. Entre eles estava o grupo Sequoia de *Última Rosa* envolvendo também Carl Pax e Jane Forrest. O design mostrava grande semelhança com o modelo que *Elysium* testava para a viagem às luas de Júpiter. Ambos os modelos foram iniciados no Condomínio *Sequoia*. Os projetistas envolvidos se separaram algum tempo depois.

Só posso imaginar o que a avó poderá ter pensado nessas conversas. Ela contou-me, quando estávamos na Lua, como revistou a evolução desde o início deste hectano, o termo para século usado por aqueles que utilizam o calendário Holoceno. Menos de quarenta anos antes, ela teve que usar todo o seu poder de persuasão para convencer os seus pais teimosos a embarcarem numa viagem para *Paraíso dos Livros*. Na altura só conseguiu convencer a mãe com a ajuda da avó Greta. O pai só chegou anos depois. E no final de 121.38, parecia que ela tinha que convencer os filhos de que deixar a Terra era a melhor solução uma vez que o inverno vulcânico na Terra tornava mais regiões inabitáveis. Ela já havia entendido que em *Paraíso dos Livros* tanto havia habitantes a achar que tinham que sair como havia aqueles que achavam que tinham que ficar. Isso aconteceu na maioria das *Convivialis Civitates*. É claro que não é fácil construir uma nova estrutura como *Paraíso* para depois a deixar cair nas mãos de quem quer que chegue e que não conheça a sua história. Mas e se o inverno vulcânico continuar a se espalhar, ou pior, se a atividade tectônica se desenvolver numa força destrutiva que coloque em risco a própria crosta terrestre? Certa vez, quando ela estava a discutir as suas preocupações, ele deu um gargalhada acerca dos próprios pensamentos. Quando o

meu irmão e eu olhamos para ela, ela disse-me que agora falava exatamente como um Místico que estava mais uma vez a prever o fim do mundo. Ela até tinha ouvido alguém a demonstrar a sua própria ignorância grosseira ao dizer que os cientistas sabiam há muito tempo que isso levaria as placas tectônicas a se deslocar para a Nova Pangea. É o que está a acontecer e provavelmente levará a uma grande extinção biológica. Ele cometeu só um pequeno erro de cálculo de aproximadamente 250 milhões de anos...

[Não experimentado pelo próprio Lev]. As famílias Quispe e Márquez não cometeram o erro de cálculo, mas não deixam de estar muito preocupadas. Elas têm cada vez mais informações de que o aumento da atividade tectônica é resultado da forma imprudente em como a mineração agressiva tem sido conduzida nos últimos cinquenta anos. O laboratório de campo de Aiyana e Pepe, juntamente com uma pequena rede de cerca de vinte outros pontos de medição, principalmente na zona de falhas, fornece previsões bastante ameaçadoras. Há indícios claros de que, em certas áreas onde ocorreu a mineração no mar, o magma está fluindo sem controlo sobre o fundo do mar. Após seis meses de observação e muitos novos cálculos, Aiyana e Pepe decidem envolver o restante dos membros da *GNet-Z* num debate global. Eles presumem que de aqui dois a cinco anos o planeta poderá se tornar praticamente inabitável.

Para evitar um pânico generalizado, tenta-se debater com aqueles que têm conhecimento científico suficiente para evitar mais pânico e cenários catastróficos. Mas mesmo se muitos ignoram a atividade dos Três Lugares e dos *Convivialis Civitates*,

inevitavelmente algumas notas atraem a atenção de comunidades de ignorantes. Estudos astrológicos e o registro de eventos nos países do Norte tornam fácil deixar claro que uma atividade sísmica de grande impacto está prevista. Os antropogogos redobram seus esforços para grandes esforços de aprendizagem coletivo. Torna-se uma tarefa hercúlea tentar mover toda a população da Terra para a Lua e para Marte naquele tempo recorde...

A família FujiLebre está agora completamente descansada no *Paraíso dos Livros*. Chaytan tem 6 anos e está muito feliz no Grupo da Carta, do qual Kate faz parte. Jan e Chantal fazem parte de um grupo para adultos e aprenderam a ler, o que lhes abriu um novo mundo. É por isso que Jan sugere mudar o nome deles de FujiLebre para *Libris*. Jan afirma que hoje entendeu o significado absoluto de ser capaz de ler e pesquisar informações em vez de simplesmente aceitar o que os outros dizem. Chantal concorda plenamente com a mudança de nome e Chaytan anuncia em todos os lugares que ele de *Lebre* se tornou *Livro* ou *Livre*.

[Lev conta].Os dois anos seguintes foram muito agitados para mim e guardo um mosaico de memórias, possivelmente influenciado pelo que ouvi dos meus pais. A discussão constante naqueles dias era sobre ficar ou partir. Avó Fernanda insistia que a família devia mudar-se para a Lua. Mas, de acordo com Ignorantes e Sabedores também existiam lugares seguros o suficiente na Terra para decidir ficar e, possivelmente, observar os eventos na Terra do ar ou de lugares altos.
Sabemos hoje pelas conversas entre Alberto e Kendi depois de

122.08 que foi o último encontro entre minha avó, Alberta e Fernando.
O inverno vulcânico estava a tornar-se cada vez mais perceptível em todo o planeta. Grandes fluxos de migrantes entraram no Continente de Alkebulan enquanto o Hemisfério Norte do planeta estava lentamente a congelar.
O que mais mal me fez naquele período foi o que Simba me anunciou. A família Zoungrana decidiu que seja como for ficaria em *Paraíso dos Livros* para receber novos *Errantes* e *Livros Vagantes*. Nos dois meses seguintes, tive muitas discussões acaloradas com minha avó enquanto tentava convencê-la a ficar na Terra e ajudar Simba e seus pais no trabalho de resgate. Tudo em vão.

Eu tinha apenas 12 anos quando soube que a decisão estava tomada. Íamos deixar *Paraíso* e ninguém sabia se era uma decisão provisória ou definitiva. A atividade sísmica em toda a região de Erebúm tinha aumentado enormemente. Da lua, recebíamos informações de que todo o sul do Erebúm estava soterrado e que muitas das construções humanos simplesmente desapareceram como resultado de uma atividade vulcânica muito intensa no Mediterrâneo. O arquipélago dos Açores e o continente de Abya Yala também estavam duramente atingidos. Os Açores mudaram a sua estrutura e de momento não era claro se a atividade se espalharia mais para leste ou para sul. No entanto, era perceptível como todos os vulcões do Mediterrâneo estavam a despertar.
E assim, em 10 Ketwromehns 121.39, partimos numa mini-

bolha espacial para a Base Lunar 2, onde eu passaria a maior parte da minha adolescência.

[Não experimentado pelo próprio Lev]. A família Sampath está hospedada num grupo que desconhece a evacuação em curso para as bases lunares. Percebendo a mudança nas circunstâncias, eles buscam um lugar mais alto na região de Rwenzori, onde encontram uma pequena comunidade auto-suficiente num vale remoto, que se baseia em agricultura e horticultura simples e nalguma caça de animais de pequeno porte.

Entre os que se mudaram para a Base Lunar 2, 3 e 5, há também místicos mais arrogantes resgatados por *GNet-Z* em circunstâncias difíceis. Eles comparam constantemente o inverno vulcânico que chegou e os terremotos com o período sombrio comparável à explosão de Toba, 75.000 anos antes.

Os Sabedores, com quem agora são obrigados a lidar, lembram que Kant já situava os terremotos na natureza e não no sobrenatural. É evidente que o inverno vulcânico ao qual o planeta está sujeito leva a migrações em massa e a muitos incidentes fatais inesperados. O planeta parece completamente perturbado, mas a presença de Tala, Aiyana e Ahanu é útil. Aiyana tem muitas informações para atribuir essa perturbação a atividades humanas desastrosas e não a atividades sobrenaturais.

Sem olhar para a origem ou o passado, os Três Lugares e as Bases Lunares 2 a 5 unem forças para trazer o maior número possível de Ignorantes assustados e perturbados para zonas habitáveis, no planeta e além, para então iniciar grupos de aprendizagem com eles, com interação dialogada e orientação

para apoiar os Ignorantes e um desejo renovado de aprender da melhor forma possível.
Mais abrigos estão a ser planeados entre os trópicos, fora das ilhas na Terra e na Lua. A terraformação de Marte não foi reativado há tempo suficiente e não permite por isso grandes grupos de imigrantes. Ganímedes e a vizinha Europa estão sair-se um pouco melhor, mas a viagem até lá é longa e complexa. Quando a Terra parece entrar em colapso há poucas naves espaciais disponíveis e os membros de *GNet-Z* ainda não receberam nenhum feedback sobre a viagem experimental da nave espacial-bolha dos Gestores das Fundações. Continuam discretamente em contacto com eles, sem o resto de *Elysium* saber. A fuga para a Lua acelera, mas infelizmente não há muito mais que se pode fazer.
O desastre é enorme e, no final de 121.39, pouco mais da metade da população humana mundial desaparece, incluindo boa parte dos membros *GNet-Z* e da rede conhecida como *Convivialis Civitates*. É um dos maiores desastres da história da humanidade.

De outro modo, é cinicamente irónico que os *Bloomcampers* e *Elysium* que em última análise têm a maior responsabilidade por este desastre humano são os últimos a serem informados sobre o que está a acontecer na Terra e na Lua. E isso acontece um tanto por acaso, quando uma nave espacial partindo para Marte envia informações para *Elysium* sobre grandes movimentações entre a Terra e a Lua e a observação de importantes perturbações magnéticas em larga escala.
O inverno vulcânico já é uma realidade e ninguém ousa prever o

que vai acontecer a seguir…

Fim do livro 11

Uma estranha carta

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no contínuo do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no contínuo não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

Annexos

Evolução da escala de Bloomberg durante o século XXI

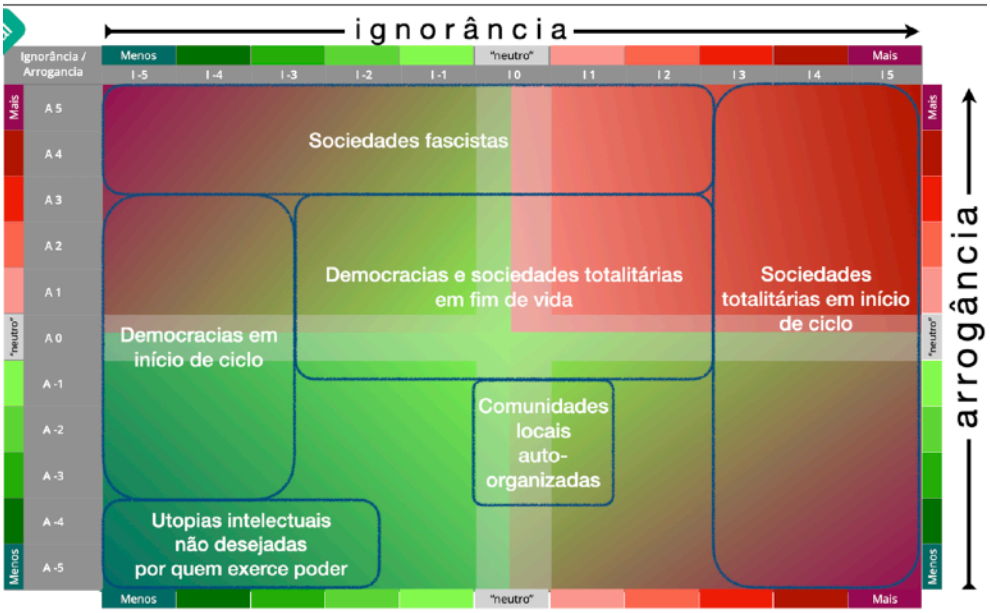
Números de valor Bloomberg em 2018 (4,9M) e 2090 (7,7M)

Distribuição da riqueza em $ ou digits		2018		2090	
#	Valor max	# indivíduos	% adults	# indivíduos	% adultos
-2	10^-2 (1 cent)	1 500 000 000	30,13	3 400 000 000	44,01
-1	10^-1 (10 cent)				
0	10^0 (1)				
1	10^1 (10)				
2	10^2 (100)				
3	10^3 (1.000)	1 700 000 000	34,15	2 750 000 000	35,59
4	10^4 (10.000)	1 300 000 000	26,12	1 100 000 000	14,24
5	10^5 (100.000)	436 000 000	8,76	450 000 000	5,82
6	10^6 (1 million)	40 000 000	0,80	25 000 000	0,32
7	10^7 (10 million)	1 700 000	0,03	1 200 000	0,02
8	10^8 (100 million)	49 000	0,0010	49 000	0,0006
9	10^9 (1 billion)	2 700	0,0000542	23 600	0,000305
10	10^10 (10 billion)	150	0,000003	1 540	0,000020
11	10^11 (100 billion)	2	-	25	-
	Adult population	4 977 751 852	100,00	7 726 274 165	100,00
	Candidatos Elysium (#9, 10, and 11 + 1/5 of #8)			34 965	0,000453

Ranking dos indivíduos		2018	2090	Factor de
#	Valor Máximo	# de indivíduos		crescimento
-2 to 2	10^-2 (1 ct) to 10^2 (100)	1 500 000 000	3 400 000 000	2,27
3	10^3 (1.000)	1 700 000 000	2 750 000 000	1,62
4	10^4 (10.000)	1 300 000 000	1 100 000 000	0,85
5	10^5 (100.000)	436 000 000	450 000 000	1,03
6	10^6 (1 million)	40 000 000	25 000 000	0,63
7	10^7 (10 million)	1 700 000	1 200 000	0,71
8	10^8 (100 million)	49 000	49 000	1,00
9	10^9 (1 billion)	2 700	23 600	8,74
10	10^10 (10 billion)	150	1 540	10,27
11	10^11 (100 billion)	2	25	12,50
	Adult population	4 977 751 852	7 726 274 165	1,55

Evolução da população mundial de 2018 a 2139 (121.39)

Ano	População total	População adulta	Relação
2018	7,7	4,97	70% / 30%
2090	10,3	7,72	75% / 25%
	Reduction due to pandemics and extermination		
2105 (210.05)	6,5	4,15	64%/36%
	Reduction due to volcanic winter		
2139 (121.39)	3,5	2,27	65% / 35%
(In billions)			


ignorância
Ignorância / Arrogância
Menos
"neutro"
Mais
I -5
I -4
I -3
I -2
I -1
I 0
I 1
I 2
I 3
I 4
I 5
A 5
A 4
A 3
A 2
A 1
A 0
A -1
A -2
A -3
A -4
A -5
Sociedades fascistas
Democracias e sociedades totalitárias em fim de vida
Sociedades totalitárias em início de ciclo
Democracias em início de ciclo
Comunidades locais auto-organizadas
Utopias intelectuais não desejadas por quem exerce poder
arrogância

Lev Auctor nasce no Paraíso dos Livros, numa época em que se torna claro que os Ignorantes e os Sabedores têm de trabalhar em conjunto para evitar serem novamente escravizados pelos amantes do poder e do dinheiro. Trabalhará quando adulto como diplomata voluntário da GNet-Z. Depois disso, trabalha como arquivista e bibliotecário.

Maria Liber é quem inspirou a saga juntamente com Binh Pham, Idrissa Zoungrana e Zanaibu Cheboi.

O Povo da Terra parece estar a preparar-se cada vez mais para uma espécie de fim dos tempos.

Depois de Fernanda Mestre ganhar a Medalha Fields em 2094, ela toma conhecimento de como foi abusada pelos *Bloomkampers*.

Foge com a sua família para *Paraíso dos Livros*, onde gradualmente constrói um novo mundo com as famílias Cheboi e Zoungrana.

Até que uma série de desastres naturais a obrigam a fugir mais uma vez.